

1º Congresso Missionário Nacional
17 a 20 de julho de 2003
Belo Horizonte, MG

Memórias

COMINA – Conselho Missionário Nacional

1º Congresso Missionário Nacional**17 a 20 de julho de 2003 — Belo Horizonte, MG****Memórias****Presidência do Congresso**

Presidente de Honra: Dom Sérgio Eduardo Castriani, Bispo de Tefé, AM
 Presidente da Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB
 Presidente do Comina

Presidente Executivo: Pe. Daniel Lagni (Diretor Nacional das POM) — Brasília, DF

Vice-Presidente: Ir. Maris Bolzan (Presidente da CRB) — Rio de Janeiro, RJ

Coordenação da Assessoria: Pe. Estêvão Raschietti (Secretário Executivo do Comina) — São Paulo, SP

Secretário Executivo: Pe. José Maria C. da Silva (Coordenador do Comire Leste 2) — Lafaiete, MG

Realização

Conselho Missionário Nacional (Comina)
 Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB
 Pontifícias Obras Missionárias (POM)
 Centro Cultural Missionário (CCM)
 Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)
 Conselho Indigenista Missionário (Cimi)
 Leigos e Leigas Missionários
 Institutos e Congregações Missionárias
 Conselhos Missionários Regionais (Comires), Diocesanos (Comidis) e Paroquiais (Comipas)

Agradecimentos especiais

Sua Eminência Reverendíssima
 Dom Serafim Cardeal Fernandes de Araújo
 DD. Arcebispo de Belo Horizonte, MG

Arquidiocese de Belo Horizonte, MG

Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais

Conselho Missionário Regional (Comire) Leste 2 (Minas Gerais e Espírito Santo)

Conselho Missionário Arquidiocesano (Comidi) de Belo Horizonte, MG

Comunidade Missionária de Villaregia — Belo Horizonte, MG

Revisão: João Bosco Nogueira Fontão (POM) — Brasília, DF

Diagramação: Eraldo Fonseca (POM) — Brasília, DF

Impressão: abc BSB Gráfica e Editora Ltda. — Brasília, DF

Tiragem: 5 mil exemplares

Agosto de 2003

SUMÁRIO

Introdução

Programação

Dia do Caminho — Quinta-Feira, 17 de julho — Sessão de Abertura

Apresentação e Abertura (Pe. Daniel Lagni, Diretor Nacional das POM e Presidente Executivo do Congresso)

Mensagem de Sua Eminência Reverendíssima Dom Crescenzo Cardeal Sepe, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos (Vaticano)

Mensagem de Sua Excelência Reverendíssima Dom Sérgio Eduardo Castriani, Bispo de Tefé, AM, Presidente da Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB, Presidente do Comina e Presidente de Honra do Congresso

Mensagem de Sua Excelência Reverendíssima Dom Odilo Pedro Scherer, Bispo Auxiliar de São Paulo, SP, e Secretário-Geral da CNBB

Mensagem de Sua Eminência Reverendíssima Dom Serafim Cardeal Fernandes de Araújo, DD. Arcebispo de Belo Horizonte, MG

Dia do Encontro — Sexta-Feira, 18 de julho

Painel Temático

*A Missão a partir dos Pobres, dos Outros e dos Mártires, até os Confins do Mundo.
Memória e Compromisso de Nossa Caminhada*

Dom Franco Masserdotti — Bispo de Balsas, MA

A Missão a partir dos Outros

Dom Erwin Kräutler — Bispo Prelado de Xingu, PA

Bem-Aventurados Vós, os Pobres

Conferência

*A Missão como Caminho, Encontro, Partilha e Envio.
Perspectivas, Desafios e Projetos*

Pe. Paulo Suess

Presidente da Associação Internacional de Estudos da Missão (Iams)

A Missão de Deus e a Missão dos Cristãos.

Fundamentos, Desdobramentos, Compromissos

“Mutirões” de Reflexão — Metodologia

Dia da Partilha — Sábado, 19 de julho

Conclusões dos “Mutirões” de Reflexão

1. O Encontro com Jesus Cristo Vivo: Conversão, Comunhão, Solidariedade

2. A Espiritualidade do Povo de Deus, a partir, na e para a Missão

3. Famílias, Jovens e Crianças: Protagonistas da Missão

4. A Missão, Vida da Comunidade Paroquial

5. A Igreja Particular, Responsável pela Missão Universal

6. As Instâncias de Animação e Formação Missionária na Igreja Particular

7. *Os Novos Caminhos no Anúncio do Evangelho da Vida*

8. *A Missão diante dos Desafios da Globalização, da Violência, das Cultura e das Migrações Humanas*

9. *A Missão diante dos Desafios dos Grupos Fundamentalistas e dos Novos Movimentos Religiosos*

Painéis de experiências missionárias significativas

Movimentos Missionários Leigos no Brasil

Os Confins do Mundo no Meio de Nós no Anúncio do Evangelho da Paz

Missionários/as além-fronteiras pelo mundo afora

“Dar de Nossa Pobreza” e Contar Nossa Experiência no Anúncio do Evangelho da Paz a Todos os Povos

Missionários/as além-fronteiras que atuam no Brasil

Vocação, Missão, Conversão: Chamados a um Novo Jeito de Ser Igreja

Dia do Envio — Domingo, 20 de julho

Sessão de encerramento

Pe. Estêvão Raschiatti, Secretário Executivo do Comina e Coordenador da Assessoria do Congresso

Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão de Paz. Conclusões, Prioridades e Compromissos

Considerações finais

Prioridades, Compromissos e Anseios

Síntese das conclusões dos “Mutirões” de Reflexão sobre os temas do CAM 2—Comla 7

Agradecimentos (Pe. Daniel Lagni, Diretor Nacional das POM e Presidente Executivo do Congresso)

Avaliação dos participantes (Ir. Neiva Lobato Sampaio, FMA, Assessora da Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB)

Participantes

Contribuições para a realização do Congresso

INTRODUÇÃO

1º Congresso Missionário Nacional
17 a 20 de julho de 2003
Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG

*Evento promovido pelo Conselho Missionário Nacional (Comina),
em preparação ao 2º Congresso Missionário Americano (CAM 2—Comla 7),
a realizar-se de 25 a 30 de novembro de 2003,
na Cidade da Guatemala (Guatemala).*

Tema

*Enviados aos Confins do Mundo para Anunciar o Evangelho da Paz, a partir da Pobreza,
da Alteridade e do Martírio no Meio de Nós.*

Lema

Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão.

Objetivo geral

Aprofundar a reflexão em vista da contribuição da Igreja no Brasil para a realização do CAM 2—Comla 7.

Objetivos específicos

- **fomentar a reflexão** em torno do *Projeto Missionário da Igreja no Brasil e sua Dimensão “ad Gentes”*;
- **acolher** práticas missionárias significativas;
- **partilhar** o testemunho do nosso engajamento missionário;
- **fortalecer** os Conselhos Missionários em âmbito diocesano e regional;
- **articular** melhor os organismos e as forças missionárias no país;
- **celebrar** a caminhada da dimensão missionária de nossa Igreja.

Em vista do CAM 2—Comla 7

Uma das metas do Congresso era preparar a contribuição da Igreja do Brasil para o **2º Congresso Missionário Americano (CAM 2)**, que será realizado na Cidade da Guatemala, no mês de novembro deste ano de 2003. Além disso, o Congresso Missionário Nacional propunha-se a traçar os contornos do Projeto Missionário Brasileiro. Seria um ponto de partida, para que as dioceses e paróquias pelo Brasil afora promovessem eventos semelhantes, para animar “missionariamente” suas comunidades, suas famílias e seus jovens.

Os Comlas—CAMs

Os Congressos Missionários Latino-Americanos (Comlas) tiveram início há 26 anos (1977), a partir de um convite do Papa Paulo VI, precisamente com a finalidade de despertar e

motivar as Igrejas latino-americanas para a dimensão universal da Missão. No Brasil, em 1995, celebrou-se o inesquecível Comla 5, em *Belo Horizonte*, com a participação de 3 mil pessoas, com a reflexão em torno do tema do *Evangelho nas Culturas*. O objetivo geral do evento concentrava toda a riqueza de conteúdos e de vivências partilhadas naqueles dias: “Aprofundar a responsabilidade missionária universal das Igrejas particulares, mediante o intercâmbio de experiências e testemunhos do Evangelho nas diferentes culturas, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para fortalecer o caminho de vida e esperança em todos os povos”.

CAM 2—Comla 7

Neste ano de 2003 será realizado o **2º Congresso Missionário Americano (CAM 2)**, que é também o **7º Congresso Missionário Latino-Americano (Comla 7)**, na Cidade da Guatemala, de 25 a 30 de novembro. Por ocasião do Comla 6, na cidade de Paraná (Argentina), em novembro de 1999, foram envolvidas também as Igrejas norte-americanas, naquele que se tornou o 1º Congresso Missionário Americano (CAM 1). Por iniciativa do Cardeal Jozef Tomko, então Prefeito da Congregação para Evangelização dos Povos (Vaticano), o Comla tornou-se CAM, um Congresso Missionário para todo o Continente Americano. Embora houvesse quem preferisse manter a identidade latino-americana, neste ano teremos efetivamente um Congresso Missionário das Américas: o CAM 2—Comla 7.

“**Será um Congresso a partir da pequenez, da pobreza e do martírio**”, disse Dom Júlio Cabrera Ovalle, então Presidente da Conferência Episcopal da Guatemala, atual Bispo de Jalapa, em nome da Igreja em seu país, no momento de anunciar a realização do CAM 2—Comla 7 na América Central, e mais exatamente na Cidade de *Guatemala da Assunção*, capital do país homônimo. A partir deste apelo, todas as Igrejas locais latino-americanas foram chamadas a uma reflexão criativa sobre a própria missionariedade.

Objetivo Geral do CAM 2—Comla 7, na Guatemala

Animar a vida das Igrejas particulares do Continente, para que, a partir da sua experiência evangelizadora, assumam, responsável e solidariamente, o compromisso da Missão *ad gentes*.

PROGRAMAÇÃO

Dia do Caminho Quinta-Feira — 17 de julho

15h—18h	Credenciamento e acolhida dos participantes
18h—19h30	Sessão de Abertura

Dia do Encontro Sexta-Feira — 18 de julho

8h—8h30	Oração
8h30—10h	Painel temático Dom Franco Masserdotti — Bispo de Balsas, MA Dom Erwin Kräutler — Bispo de Xingu, PA <i>A Missão, a partir dos Pobres, dos Outros e dos Mártires, até os Confins do Mundo</i> <i>Memória e Compromisso de Nossa Caminhada</i>

10h—10h30	Intervalo
10h30—12h	Conferência Pe. Paulo Suess Presidente da Associação Internacional de Estudos da Missão (Iams) <i>A Missão como Caminho, Encontro, Partilha e Envio</i> <i>Perspectivas, Desafios e Projetos</i>
14h—16h	“Mutirões” de Reflexão
16h—16h30	Intervalo
16h30—17h30	“Mutirões” de Reflexão
18h —19h	Santa Missa nos grupos

Dia da Partilha
Sábado — 19 de julho

8h—8h30	Oração
8h30—10h	“Mutirões” de Reflexão
10h—10h30	Intervalo
10h30—12h	Painel de experiências missionárias Movimentos Missionários Leigos no Brasil <i>Os Confins do Mundo no Meio de Nós, no Anúncio do Evangelho da Paz.</i>
	Apresentações dos “Mutirões” sobre <i>Teologia da Missão</i> (Grupos 1, 2 e 5)
14h—16h	Painel de experiências missionárias Missionários/as Além-Fronteiras pelo Mundo afora <i>Dar de Nossa Pobreza e Contar Nossa Experiência no Anúncio do Evangelho da Paz a Todos os Povos</i>
	Apresentações dos “Mutirões” sobre <i>Os Sujeitos da Missão</i> (Grupos 3, 4 e 6)
16h—16h30	Intervalo
16h30—17h30	Painel de experiências missionárias Missionários/as Além-Fronteiras que Atuam no Brasil <i>Vocação, Missão, Conversão: Chamados a um Novo Jeito de Ser Igreja</i>
	Apresentações das Oficinas sobre <i>Os Desafios da Missão hoje</i> (Grupos 7, 8 e 9)
19h—20h	Santa Missa nas paróquias

Dia do Envio
Domingo — 20 de julho

8h—8h30	Oração
8h30—10h	Sessão de encerramento Comissão de Assessoria <i>Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão da Paz.</i> <i>Conclusões, Prioridades e Compromissos.</i>
10h—10h30	Intervalo
10h30—12h	Celebração final e envio missionário.

A **programação** do Congresso pretendeu refazer simbolicamente o caminho espiritual dos Discípulos de Emaús (*Lc 24,13-35*).

Em **primeiro lugar**, foram **acolhidos** os participantes, missionários e missionárias, que estiveram **a caminho**, e que chegaram a *Belo Horizonte* vindos dos diversos cantos do Brasil e do mundo. O caminho é o estado de espírito de quem nunca sente sua missão totalmente cumprida, sempre busca algo que está à frente, *além-fronteiras*, no seguimento de Jesus, e na aproximação permanente ao desconhecido, ao outro e ao pobre.

Mas Congresso Missionário Nacional não pretendeu ser um ponto de chegada para a Igreja missionária, mas uma etapa e uma parada na caminhada dos discípulos e discípulas de Jesus, que descubrem cada dia a presença de Deus no Caminho. Jesus revela-se caminhando (cf. *Lc 24,15*), porque Ele é o Caminho (*Jo 14,6*).

O **segundo dia** do Congresso foi dedicado **ao encontro e à reflexão**. Assim como Jesus se aproxima dos dois discípulos no caminho de Emaús, e lentamente aquece seus corações, explicando, a partir das Escrituras, todos os fatos dos quais falavam, também nós, em *Belo Horizonte*, procuramos compreender a nossa caminhada missionária, a partir da luz transformadora da Palavra de Deus, com a ajuda de Dom Franco Masserdotti e Dom Erwin Kräutler, bispos missionários, respectivamente de Balsas, MA, e de Xingu, PA, e do Pe. Paulo Suess, teólogo da Missão e Presidente da Associação Internacional de Estudos da Missão (Iams).

O **terceiro dia** foi o **dia da partilha**. Em torno de uma mesa e de um pedaço de pão repartido, os olhos dos discípulos abrem-se definitivamente diante do Ressuscitado (cf. *Lc 24,31*). O testemunho das vivências e dos projetos missionários manifesta o rosto do Deus que encontramos no caminho e que contemplamos na Eucaristia, mistério de comunhão, vida partida e doada para a transformação do mundo.

Intensos **momentos de expressão e de intercâmbio** de nossas práticas missionárias aconteceram durante o Congresso, desde os “Mutirões” de Reflexão sobre os temas propostos no *Instrumento de Trabalho* do CAM 2—Comla 7, até os Painéis de Experiências Missionárias significativas no Brasil e além-fronteiras. Houve momentos de oração conduzidos por irmãos de outras Igrejas e de outras tradições religiosas. Realizaram-se Celebrações Eucarísticas nos grupos e nas comunidades da Arquidiocese de *Belo Horizonte* que acolheram e alojaram os participantes.

Finalmente, o **último dia** foi dedicado ao **envio missionário**. O encontro com Jesus Ressuscitado no caminho revigora o ardor missionário dos discípulos, que partem imediatamente para anunciar a Boa-Nova que seus olhos viram, que seus ouvidos ouviram e que suas mãos apalparam.

O **objetivo** do 1º Congresso Missionário Nacional era aprofundar a reflexão em vista da contribuição da Igreja no Brasil para o CAM 2—Comla 7, mas também, e principalmente, viver

uma experiência de fé e de Igreja, “a partir da pobreza, da alteridade e do martírio no meio de nós, para anunciar o Evangelho da Paz até os confins do mundo”.

Eixos Temáticos

Os missionários e as missionárias não estão fora do mundo, mas vivem apaixonadamente dentro de suas entranhas, sentem-se interpelados pelos clamores de todos os povos e pela conjuntura mundial atual. Principalmente, o anseio pela paz e o grito contra todo tipo de guerra chegam mais uma vez a convocar a Igreja missionária a assumir compromissos firmes com a justiça e a solidariedade além de toda fronteira, anunciando a vinda de um novo céu e de uma nova terra para todas as pessoas. Um mundo onde ninguém é excluído.

1. A Missão

O **primeiro eixo temático** que esteve em discussão no Congresso Missionário de *Belo Horizonte* foi em torno dos **Fundamentos da Missão** à qual somos chamados.

Em primeiro lugar, o **encontro com Jesus Cristo vivo** é o motivo principal do nosso caminhar na conversão, na comunhão e na solidariedade com todos os povos. Só este encontro possibilita amar com o mesmo amor de Deus. É uma graça que torna possível aos cristãos e cristãs serem agentes da transformação do mundo.

O encontro com Jesus gera **uma dimensão espiritual missionária** no Povo de Deus, de forma que cada um de seus membros se sente irmão e irmã universal, pronto a colocar-se a caminho, para tornar-se próximo de todos, dispondo-se a doar com alegria a própria vida para um mundo melhor. Este é o caminho que conduz à santidade, a partir de nossa pobreza, reconhecendo a alteridade, mediante o testemunho do dom da nossa vida (martírio).

Contudo, nós não agimos sozinhos, mas sempre **em comunidade**. Um cristão desligado de sua comunidade não é cristão. Assim como uma comunidade desligada das outras não é uma comunidade cristã. **Toda comunidade cristã é chamada a ser “sal da terra e luz do mundo”**, partir de sua realidade, até os últimos confins da terra, em comunhão com a Igreja universal. A Igreja local não pode olhar apenas para o seu contexto, mas é chamada a abrir seus horizontes para além de suas fronteiras, rompendo barreiras, estendendo o seu amor ao mundo inteiro, solidária com as comunidades mais necessitadas, tornando-se assim verdadeiramente católica.

2. Os Sujeitos da Missão

O **segundo eixo temático** do Congresso Missionário Nacional teve como objeto de reflexão os **Sujeitos da Missão**.

Todos, pelo **Batismo**, somos **chamados** a ser enviados pelo mundo afora. Sobretudo **as famílias, os jovens e as crianças**. A Missão além-fronteiras não é para “especialistas”, mas convoca todos os cristãos a profundas opções, atitudes e mudança de vida, de diferentes maneiras e em diversos graus.

Também as estruturas eclesiais, como **a paróquia**, são chamadas a encontrar na Missão além-fronteiras sua direção mais importante, para renovar permanentemente a vida e a formação da comunidade cristã.

Enfim, **as instâncias especificamente missionárias** precisam cuidar da animação missionária das Igrejas, pela informação sobre a Missão no mundo, pela formação da consciência missionária no Povo de Deus, pela animação mediante eventos de celebração e pela cooperação espiritual, material e vocacional com a Missão universal.

3. Os Desafios da Missão Hoje

O terceiro eixo temático tratou dos **Desafios da Missão Hoje**.

A comunidade mundial está mudando profundamente. É preciso tomar consciência de que as transformações sociais e tecnológicas exigem assumir **novos caminhos no anúncio do Evangelho**, para fazer presente o Reino de Deus, sobretudo pelos meios de comunicação.

Tudo isso, porque **o fenômeno da globalização** traz consigo conseqüências nefastas para os pobres e os diferentes povos. A Missão cristã é chamada a testemunhar uma universalidade evangélica, na qual ninguém seja excluído do banquete da vida, alimentando o sonho de que “um outro mundo é possível”.

Neste esforço, é de primordial importância reconhecer que as religiões falam às consciências das pessoas e podem legitimar propostas éticas de paz, de justiça e de fraternidade entre todos os povos. Incentivar **um caminho de diálogo entre as diferentes tradições religiosas**, superando e evitando todo fundamentalismo, proselitismo e fanatismo religioso, torna-se extremamente necessário para a promoção da Paz.

“Mutirões” de Reflexão

Foram objeto de especial aprofundamento, em nove “Mutirões” de Reflexão, os eixos temáticos do CAM 2—Comla 7, a saber:

1. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo: Conversão, Comunhão, Solidariedade.*
2. *A Espiritualidade do Povo de Deus, a partir, na e para a Missão.*
3. *Famílias, Jovens e Crianças: Protagonistas da Missão.*
4. *A Missão, Vida da Comunidade Paroquial.*
5. *A Igreja Particular, Responsável pela Missão Universal.*
6. *As Instâncias de Animação e Formação Missionária na Igreja Particular.*
7. *Os Novos Caminhos no Anúncio do Evangelho da Vida.*
8. *A Missão diante dos Desafios da Globalização, da Violência, das Culturas e das Migrações Humanas.*
9. *A Missão diante dos Desafios dos Grupos Fundamentalistas e dos Novos Movimentos Religiosos.*

Quinta-Feira, 17 de julho

DIA DO CAMINHO

Sessão de Abertura

APRESENTAÇÃO E ABERTURA

1. Contexto

O Senhor Jesus enviou os Seus Discípulos a todos os povos e a todas as nações. A Igreja recebeu uma missão universal, sem fronteiras: “Ide .../... Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (*Mt* 28,19-20): ela foi ‘enviada para manifestar e comunicar o amor de Deus a todos os povos e nações’” (cf. *RM* 31a e *AG* 10).

A **caminhada missionária da Igreja no Brasil** vem cada dia se fortalecendo com gestos significativos, desde que os bispos latino-americanos, reunidos em Puebla (México/1979), declararam que já havia chegado a hora das Igrejas do Continente projetarem-se além de suas fronteiras: “É certo que nós próprios precisamos de missionários”, afirma o documento, “mas devemos dar de nossa pobreza” (*Puebla* nº 368).

A realização do 2º Congresso Missionário Americano (CAM 2—Comla 7) na Guatemala, de 25 a 30 de novembro deste ano, **convoca as Igrejas locais a uma reflexão criativa sobre a sua própria missionariedade, de modo que, a partir da própria experiência evangelizadora, assumam, responsável e solidariamente, o compromisso da Missão “ad gentes”**.

Na última Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada de 30 de abril a 9 de maio, foram aprovadas as novas **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**, que retomaram decididamente este espírito missionário universal: “Nossas comunidades eclesiais”, diz o documento, “apesar de sobrecarregadas de tarefas e muitas vezes contando com escassos recursos, devem ‘dar de sua pobreza’, também para a evangelização ‘ad gentes’ [de primeiro anúncio] ou para as Missões em outras regiões mais necessitadas, no país ou *além-fronteiras*... Uma Igreja local não pode esperar atingir a plena maturidade eclesial, e, só então, começar a preocupar-se com a Missão que ultrapassa o seu território. A maturidade eclesial é consequência, e não apenas condição de abertura missionária”.

Esta tomada de consciência não é fenômeno isolado da Igreja no Brasil, mas um despertar de todo o Continente, como se pôde constatar nos sucessivos Congressos Missionários Latino-Americanos (Comlas), e que hoje já envolvem também os países do Norte (CAMs), apontando para horizontes mais amplos e para projetos missionários que brotam da nossa “essência missionária”, tanto enfatizada pelo Concílio Vaticano II.

2. 1º Congresso Missionário Nacional

Para retomarmos a caminhada e articularmos melhor nosso *ser* com nosso *fazer* missionário, pensamos na realização de **um Congresso Missionário Nacional que pudesse ser uma ocasião de testemunhos, encontros de aprofundamento, reflexões, partilhas e propostas entre os responsáveis pela dimensão missionária dos vários Regionais, dioceses, organismos e instituições missionárias atuantes no país, em vista da contribuição da Igreja no Brasil para a realização do CAM 2, na Guatemala**.

O Conselho Missionário Nacional (Comina), depois de ouvir as bases missionárias, considerou que seria importante resgatar a memória, trocar experiências, identificar os desafios e

abrir perspectivas de novas reflexões e de compromissos. Toda a Igreja do nosso país foi convocada a participar e a comprometer-se para o amadurecimento de nossa vivência missionária.

O lema do Congresso, *Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão*, e o tema central, *A partir da Nossa Pobreza, Pequenez, e Martírio*, basicamente os mesmos do CAM 2, resumem bem um programa em que a *contextualidade* — o Evangelho em nossas vidas — pretende se articular com a *universalidade* da Missão além-fronteiras e “ad gentes”.

Aqui estamos, portanto, para dar início ao nosso 1º Congresso Missionário Nacional. Desde já agradecemos a todos os que, de uma forma ou de outra, possibilitaram esta ocasião importante de animação missionária nacional, que pela primeira vez congrega a Igreja no Brasil. De modo especial, a nossa gratidão à Arquidiocese de Belo Horizonte, nossa anfitriã já conhecida, desde o Comla 5, pelo seu testemunho de amor fiel à Missão.

3. A promoção do Congresso

O 1º Congresso Missionário Nacional é promovido pelo Conselho Missionário Nacional (Comina), organismo que congrega a Comissão Missionária da CNBB, as Pontifícias Obras Missionárias (POM), o Centro Cultural Missionário (CCM), a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Leigos e Leigas Missionários, e Institutos Missionários. Em articulação com os Conselhos Missionários Regionais (Comires), Diocesanos (Comidis) e Paroquiais (Comipas), o Comina é uma expressão do compromisso explícito da Igreja no Brasil com a Missão “ad gentes”.

4. Os participantes

Este 1º Congresso Missionário Nacional foi pensado para a participação de cerca de 400 pessoas. Este número caracteriza o Congresso como um momento de encontro, reflexão, partilha e envio. Os convidados são os representantes dos Conselhos Missionários Diocesanos (Comidis), e de Instituições e Organismos missionários engajados na animação missionária de suas Igrejas. Cada Regional da CNBB, por meio de seu Conselho Missionário Regional (Comire), teve à disposição um número de vagas proporcional ao número de suas dioceses, para compor o grupo de participantes de acordo com sua própria realidade eclesial.

O *Instrumento de Trabalho* do CAM 2—Comla 7 convida “a escolher pessoas que saibam debater e levar contribuições para os temas propostos”, de modo que o resultado da reflexão conjunta seja representativo da caminhada missionária das diversas Igrejas locais. Por isso, a indicação e a inscrição dos participantes pretendeu seguir critérios bem definidos, além de uma composição heterogênea entre presbíteros, religiosos e leigos, representantes de instituições, assessores, coordenadores de pastoral, e bispos presidentes dos Conselhos Missionários Regionais (Comires).

Em sintonia com os dois eventos, nacional e continental, as dioceses e paróquias do Brasil são convidadas a promover em seguida eventos para envolver no debate missionário suas comunidades, suas famílias e seus jovens.

Nunca tivemos a pretensão de convocar *toda* a Igreja Missionária no Brasil. Sabemos que mais pessoas poderiam ter sido convidadas. A Missão hoje tem expressões tão abrangentes, significativas e diversificadas que seria impossível realizar um Congresso Missionário, incluindo todas elas. Conforme o espírito do Vaticano II, a Missão tem se tornado, felizmente, o âmago da vida e da identidade de toda Igreja, que o Concílio afirmou ser, “por sua natureza, missionária” (AG 2).

Portanto, estamos aqui reunidos enquanto representantes dos organismos e instituições *que trabalham especificamente na dimensão universal da Missão*, que animam nossas comunidades para a abertura e a solidariedade além-fronteiras, e que apontam decididamente para a Missão “ad gentes” como “o maior de todos os desafios da Igreja” (RM 40) no mundo globalizado de hoje. Com efeito, acreditamos firmemente que, se a nossa Missão estiver geográfica, cultural, étnica, eclesial,

ou socialmente limitada e fechada em suas fronteiras, será tão excludente quanto a globalização neoliberal que nos cerca.

5. A Presidência do Congresso

- Presidente de Honra: Dom Sérgio Eduardo Castriani, Bispo de Tefé, AM Presidente da Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial, da CNBB, e do Comina.
- Presidente Executivo: Pe. Daniel Lagni (Diretor das POM).
- Vice-Presidente: Ir. Maris Bolzan (Presidente da CRB).
- Coordenação da Assessoria: Pe. Estêvão Raschietti (Secretário do Comina).
- Secretário Executivo: Pe. José Maria C. da Silva (Coord. do Comire L 2).

6. Fazendo memória

Este Congresso quer ser um processo, um tempo para abrir novas pistas, de encontro, de partilha e de envio. O paradigma de Emaús atualiza hoje, para nós, seu significado mais profundo. Chegamos novamente aqui em Belo Horizonte, por muitos caminhos, para fazer memória da nossa realidade missionária: seus avanços e suas conquistas, suas lutas e seus desafios, seus projetos e seus protagonistas.

Gostaríamos de lembrar mais dois elementos significativos: primeiramente, o lugar e espaço no qual estamos, onde, há oito anos, celebrou-se o Comla 5. Belo Horizonte torna-se para nós quase uma nova “Galiléia” de onde continuamente é lançada a Missão. O objetivo geral do Comla 5 poderia ainda expressar as nossas mais profundas aspirações: “Aprofundar a responsabilidade missionária universal das Igrejas particulares, mediante o intercâmbio de experiências e testemunhos do Evangelho nas diferentes culturas, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para fortalecer o caminho de vida e esperança em todos os povos”. Quais passos foram dados desde então? Quais trilhas percorremos para concretizar os compromissos assumidos? Quais caminhos desbravamos para projetar nossas Igrejas sempre mais *além-fronteiras*, no seguimento de Jesus, e na aproximação permanente ao novo, ao outro e ao pobre?

O segundo elemento significativo de nossa caminhada missionária é a saudosa e rica herança e testemunho deixados a todos nós pelo Pe. Giorgio Paleari, secretário executivo do Comina falecido no dia 8 de dezembro passado. Pe. Giorgio animou-nos todos para uma Missão que não têm confins e que é chamada a ir além de nossos círculos. Seu jeito amável, envolvente, e sua competência conduziram-nos a saborear aquele carisma missionário universal pelo qual dou a vida. Seus apelos apaixonantes convida-nos incessantemente a sairmos de nós mesmos, de nossas comunidades e de nossa terra: “Não tenham medo!” — dizia-nos ele — “é próprio da Missão cruzar fronteiras, é próprio do missionário ser um transgressor de limites”. Pe. Giorgio sonhava com este 1º Congresso Missionário Nacional, para não cairmos na tentação do conformismo de nossas comunidades e realidade, com a autocomplacência de nossa miopia.

7. A programação

A memória e a herança de nossa caminhada animam-nos insistentemente a retomar nossos projetos e a relançar a Missão. Este Congresso quer ser para a Igreja missionária no Brasil uma parada de reflexão na caminhada dos discípulos e discípulas de Jesus que descobrem cada dia a presença de Deus na História.

Distribuímos a programação do 1º Congresso Missionário Nacional em quatro etapas: o Dia do Caminho, o Dia do Encontro, o Dia da Partilha e o Dia do Envio.

Hoje, na abertura, gostaríamos lembrar que o **caminho** que nós fizemos para chegar até aqui é uma experiência espiritual e mística fundamental na Missão. Estamos sempre a caminho, na simplicidade e na pobreza, no provisório e na esperança. Os missionários vivem a espiritualidade do Caminho. Sejam todos bem-vindos e bem-vindas a Belo Horizonte. Mas atenção, este não é um

ponto de chegada. É de partida. Os missionários e as missionárias do Reino estão sempre a caminho! Jesus revela-se caminhando (cf. *Lc 24,15*), porque Ele é o Caminho (*Jo 14,6*).

Amanhã será o dia dedicado ao **encontro** e à **reflexão**. Assim como Jesus se aproxima dos dois discípulos no caminho de Emaús, e pacientemente aquece seus corações, explicando, a partir das Escrituras, todos os fatos sobre os quais estavam falando, também nós procuraremos compreender a nossa caminhada missionária, a partir da luz transformadora da Palavra de Deus, com a ajuda de Dom Franco Masserdotti e Dom Erwin Kräutler, bispos missionários, respectivamente de Balsas, MA, e de Xingu, PA, e do Pe. Paulo Suess, teólogo da Missão e Presidente da Associação Internacional de Estudos da Missão.

Partiremos sucessivamente para os Mutirões de Reflexão, para aprofundar cada tema proposto pelo *Instrumento de Trabalho* do CAM 2—Comla 7, tendo em vista a contribuição temática que nossa Igreja pode oferecer para a realização daquele evento.

No **sábado**, dedicaremos o dia à **partilha** de nossas reflexões, nos grupos, e das nossas experiências missionárias mais significativas. Ao redor de uma mesa e de um pedaço de pão repartido, os olhos dos discípulos abrem-se definitivamente diante do Ressuscitado (cf. *Lc 24,31*). O testemunho das vivências e dos projetos missionários manifestam o rosto do Deus que encontramos no caminho e que contemplamos na Eucaristia, mistério de comunhão, vida partida e doada para a transformação do mundo.

Finalmente, o dia de **domingo** será dedicado ao **envio missionário**. O encontro com Jesus Ressuscitado no caminho revigora o ardor dos discípulos, que partem imediatamente para anunciar a Boa-Nova que seus olhos viram, que seus ouvidos ouviram e que suas mãos apalparam.

O objetivo do 1º Congresso Missionário Nacional é aprofundar a reflexão, em vista da contribuição da Igreja no Brasil para o CAM 2—Comla 7, mas também, e principalmente, é viver uma experiência de fé e de Igreja, a partir da pobreza, da alteridade e do martírio, para anunciar o Evangelho da Vida até os confins do mundo.

Os missionários e as missionárias estão no mundo, mas vivem uma paixão pelo Transcendente, sentem-se interpelados pelos clamores de todos os povos e pela conjuntura mundial atual. Principalmente, o anseio pela paz, pela vida, pela ecologia... e o grito contra todo tipo de guerra ressoa mais uma vez e convoca a Igreja missionária a assumir compromissos concretos com a justiça e a solidariedade, além-fronteiras, anunciando a vinda de um *novo céu* e de uma *nova terra* para todos.

8. Concluindo

O Congresso Missionário Nacional propõe-se, portanto, a traçar os contornos do Projeto Missionário Brasileiro. Será um ponto de partida, para que as dioceses e paróquias pelo Brasil afora promovam eventos semelhantes, para animar “missionariamente” toda a comunidade cristã.

Concluindo, lembramos com a Encíclica *Redemptoris Missio* que “é dando a fé que ela se fortalece!”, e confiamos a Jesus Cristo, o Missionário do Pai, e a Maria Santíssima, Estrela da Evangelização, Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, o nosso Congresso Missionário, as nossas reflexões e os nossos trabalhos destes dias, invocando o Espírito Santo, para que nos inflame de ardor missionário. E, sob a proteção de São Francisco Xavier e Santa Teresinha do Menino Jesus, Padroeiros da Missão universal, declaramos aberto o nosso 1º Congresso Missionário Nacional.

Igreja no Brasil, Tua Vida é Missão!

Belo Horizonte, 17 de julho de 2003.

Pe. Daniel Lagni
Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias (POM) no Brasil
Presidente Executivo do Congresso

**MENSAGEM DO SENHOR CARDEAL CRESCENZIO SEPE,
PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS
(VATICANO)**

Ao Exmo. Pastor e Povo de Deus em Belo Horizonte e aos Participantes do

1º Congresso Missionário Nacional

Queridos irmãos e irmãs,

1. Com grande alegria me dirijo a cada um de vocês, organizadores e participantes do 1º Congresso Missionário Nacional, organizado pelo Conselho Missionário Nacional, pela Direção Nacional das Pontifícias Obras Missionárias e pela Arquidiocese de Belo Horizonte, a ser celebrado nesta cidade de 17 a 20 de julho próximo. Nesta Sede os acolherá fraternalmente o seu Pastor, Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Serafim Fernandes de Araújo, assim como todos e cada um dos membros desta apreciada Igreja particular.

O Congresso tem como tema: *Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão*, e enfrentará, como tema central, a dimensão missionária da Igreja particular, em vista do próximo 2º Congresso Missionário Americano (CAM 2—Comla 7), que será celebrado na Guatemala, se Deus assim quiser, no próximo mês de novembro. Para esta Assembléia de caráter continental, a Igreja no Brasil deseja oferecer sua generosa contribuição a partir da sua rica experiência missionária.

Numerosas serão as comissões, comitês e conselhos que, em nível diocesano, regional e nacional, estarão diretamente implicados neste importante evento de animação missionária. A todos eles corresponde a tarefa de desempenhar e coordenar em modo ágil, sensível e eficaz a obra de animação e cooperação missionária no Brasil, não apenas como um momento de encontro e reflexão, como também, e, sobretudo, para suscitar e colocar a serviço direto da Missão “ad gentes” o maior número de pessoas e energias.

Em toda a América, numerosas convocações em nível paroquial, diocesano e nacional, estão permitindo a um copioso número de fiéis e comunidades, desde já, uma participação ativa, direta e responsável do Congresso Missionário Americano. Todas estas acertadas iniciativas pastorais, entre as quais cabe incluir o 1º Congresso Missionário Nacional do Brasil, cumula-nos de esperança e faz-nos entrever que a celebração do CAM 2 constituirá, sem dúvida, um precioso dom de Deus para toda a Igreja na América.

2. Celebrar o 1º Congresso Missionário Nacional em Belo Horizonte, constitui, por si, um fato muito significativo, pois nesta formosa cidade se celebrou, em 1995, o 5º Congresso Missionário Latino-Americano (Comla 5). Muitos de vocês tiveram a alegria de participar dele, e estou certo de que destes fecundos dias conservam uma recordação memorável.

Como recordavam os participantes em sua mensagem final dirigida ao Povo de Deus, o Comla 5 “falou não somente da nossa cultura afro-americana, mas também nos abriu aos outros quatro continentes”, e assumiu como compromisso fundamental “tomar uma consciência mais clara da responsabilidade e significado históricos de nossa vocação missionária pelo mandato de Cristo em relação a outros Países e Continentes, para retribuir com gratidão o dom recebido nestes séculos de Evangelização”.

Do mesmo modo, o 1º Congresso Missionário Americano, celebrado na cidade de Paraná (Argentina/1999), assumiu com decisão “a responsabilidade missionária ‘ad gentes’, de modo que a animação missionária seja o eixo transversal de toda a atividade evangelizadora”. Tal chamado foi renovado também, com grande vigor, por Sua Santidade o Papa João Paulo II, em sua Exortação Pós-Sinodal *Ecclesia in America*: “(...) As Igrejas particulares da América estão chamadas a estender seu impulso evangelizador para além de suas fronteiras continentais. Não podem guardar para si as imensas riquezas de seu patrimônio cristão” (*Ecclesia in America*, 74).

A celebração do seu Congresso se situa, portanto, entre esta rica experiência passada e a esperançosa, e já próxima, do 2º Congresso Missionário Americano.

3. Amadíssimos irmãos e irmãs, para levar a cabo e realizar plenamente ditos propósitos, sintam, hoje mais do que nunca, que é necessário percorrer um caminho de santidade, pessoal e comunitário, vivido no cotidiano, com a consciência de colaborar ativamente com a construção do Reino de Deus. Garantia de uma eficaz ação pastoral e evangelizadora, também em sua dimensão “ad gentes”, é a santidade dos evangelizadores (cf. *Redemptoris Missio*, 90).

O Santo Padre mostra-nos, mediante a canonização e a beatificação de novos santos e bem-aventurados, muitos deles americanos, que o itinerário mais apropriado em que deve situar-se a ação pastoral, evangelizadora e missionária de cada uma das Igrejas particulares, até os últimos confins da terra, é o da santidade (cf. *Novo Millennio Ineunte*, 30).

“Suscitar um novo ardor de santidade”, eis aqui o grande desafio pastoral que temos diante de nós, se quisermos ser fiéis aos desígnio de Deus e responder também aos anseios e esperanças dos povos da América e de todos os povos da Terra.

4. Queridos irmãos e irmãs, estou plenamente convencido de que o seu Congresso em Belo Horizonte os ajudará a renovar, individualmente, a sua disponibilidade pessoal para partir em Missão “ad gentes” para onde a Igreja necessitar.

Numerosos sacerdotes, religiosos e religiosas e missionários leigos já participaram diretamente dela, mediante os programas das “Igrejas Irmãs” e “Igrejas Solidárias” elaborados e realizados com grande generosidade por várias circunscrições eclesiais do seu País. Que eles lhes sirvam de exemplo, de modo que não hesiteis em oferecer a sua colaboração material e espiritual.

Que a Virgem Maria, Estrela da Evangelização, os acompanhe e os guie na celebração do seu Congresso e os anime, também mediante a recitação do Santo Rosário, “a contemplar a beleza do rosto de Cristo e a experimentar a profundidade de seu amor”.

Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão.

Roma, 16 de junho de 2003.

† Crescenzo Cardeal Sepe
Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos (Vaticano)

[Escanear a assinatura e cia.]

MENSAGEM DA PRESIDÊNCIA DO CONGRESSO

O Conselho Missionário Nacional, tendo em vista a celebração do **CAM 2—Comla 7**, decidiu realizar o **1º Congresso Missionário Nacional**, com a finalidade de preparar a contribuição de nossa caminhada para o grande evento da Guatemala, em novembro deste ano.

O **CAM 2—Comla 7** não quer ser apenas um acontecimento da agenda latino-americana, com data marcada, nem uma celebração festiva e circunstancial, da qual pouquíssimos de nós poderão participar.

Todo Congresso Missionário Latino-Americano sempre foi uma ocasião para cruzar nossos caminhos, encontrar e partilhar nossas experiências, relançando com ânimo renovado nossos projetos missionários.

O caminho de Emaús parece repropor-se com toda sua força e significado. Somos chamados mais uma vez a abrir o olhar à luz da Palavra, discernir prioridades e perspectivas, avançando decididamente no compromisso de anunciar a Boa-Nova por toda parte. O ver-julgar-agir de nossa postura pastoral renova-se a partir, na e para a Missão além-fronteiras.

Já o Comla 5, celebrado em julho de 1995, havia marcado de maneira extraordinária nossas veredas neste sentido. A oito anos de distância, retornamos a Belo Horizonte da mesma forma com a qual os discípulos retornaram à Galiléia, para serem enviados pelo Ressuscitado a todos os povos.

Estaremos reunidos como animadores e articuladores missionários de nossas dioceses e regionais para um momento de fortalecimento de nossos laços, para que a Missão não suscite apenas simpatia, curiosidade e bons propósitos, mas, sobretudo, engajamento, comunhão e fidelidade, a partir dos pobres, dos outros e dos mártires no meio de nós.

Agradecemos a acolhida da Arquidiocese de Belo Horizonte, que mais uma vez se dispõe com muita generosidade e dedicação a sediar um Congresso Missionário.

Agradecemos as Igrejas da América Central, por nos terem proporcionado a oportunidade de fazer memória e de refletir sobre nossa caminhada missionária.

Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão!

Invoquemos o Espírito, para que isso se torne meta, programa e estilo de vida de toda comunidade deste imenso país.

Dom Sérgio Eduardo Castriani

Bispo de Tefê, AM

Presidente da Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB

Presidente do Conselho Missionário Nacional (Comina)

Presidente de Honra do Congresso

MENSAGEM DA PRESIDÊNCIA DA CNBB

A realização do 1º Congresso Missionário Nacional tem uma grande importância e é uma grande graça para a Igreja no Brasil.

Vivemos ainda nos alvares do terceiro milênio cristão, que se iniciou com a comemoração do Grande Jubileu do ano 2000, recordando a encarnação do Verbo de Deus e sua vinda entre nós, para nos comunicar a Boa-Nova de Deus.

No encerramento do Grande Jubileu, o Papa Paulo II convidava a Igreja a “partir de Jesus Cristo”, para levar a barca de Pedro para o alto-mar e lançar as redes em água mais profundas. Dizia que era chegada a hora de uma nova missionariedade, em que cada cristão e cada comunidade cristã deveriam ser profundamente missionários, para que a Nova Evangelização pudesse deslançar decididamente.

A última Assembléia da CNBB discutiu e aprovou as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora para os próximos quatro anos. Estas diretrizes estão marcadas pela preocupação missionária em cada página. A CNBB propõe que, pelo anúncio da Palavra de Deus, pela celebração dos Mistérios da Salvação e pelo testemunho da caridade e da solidariedade, toda a nossa ação evangelizadora tenha a preocupação de partilhar com as pessoas, com a comunidade e com a sociedade as insondáveis riquezas da Fé cristã, no seguimento de Jesus Cristo, transformando a vida, dando esperança e fazendo sentir já nesta vida a alegria da Salvação que Deus realizou por nós por meio de Jesus Cristo.

Manifesto, pois, em nome da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, meu apreço pela iniciativa do 1º Congresso Missionário Nacional e faço votos que sua realização seja plena de êxito e rica de frutos para a nossa Igreja. Que ajude a despertar em cada católico e em todas as suas comunidades o desejo de tornar Jesus Cristo mais conhecido e amado; que ajude a nossa Igreja, com a luz do Espírito Santo, a ser sempre mais transparente e eficaz testemunha do Evangelho de Jesus Cristo, para que ela própria, e todos os que por ela forem atingidos, possam crer mais profundamente e, crendo, transformar suas vidas e as estruturas da sociedade; e que assim todos possam encontrar Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida e que, crendo, tenham a vida em seu nome.

D. Odílio Pedro Scherer
Secretário-Geral da CNBB

MENSAGEM DO ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE

Mais do que uma mensagem de abertura, é uma conversa de família. Eu costumo dizer aqui na diocese que somos uma Igreja feliz! Uma prova dessa felicidade é termos sido escolhidos para sediar esse Congresso. É alegria, alegria, que, como diz o Papa João Paulo II, é a alegria de quem faz desta casa uma casa de irmãos. Estamos felizes de recebê-los. Mais que alegria, é também uma graça que recebemos de Deus. A maior graça (17 anos de Arcebispo) foi o inesquecível Comla 5. É uma graça que não há como agradecer, que nos fez progredir como Igreja uns dez anos. Fez com que nossas pastorais voassem mais alto, e se tornassem mais sérias e responsáveis. Não foi um trabalho fácil transformar pastorais voltadas para si mesmas em setas que apontem para o alto e progridam. Uma pastoral só caminha quando se torna verdadeiramente missionária.

Para a Assembléia, escolhemos três notas, para que nossa Igreja fosse: **participativa, misericordiosa e missionária**. Duas dessas notas apareceram mais nas visitas que fizemos às paróquias. A nota maior é para a Igreja misericordiosa, e também a participativa, ser líder, sem ser dono. Mas o que dá força, o motor, é o ser missionário, é sair de si e ir ao encontro do outro.

Veio-me um pouco de malícia. Por que só um primeiro Congresso Missionário do Brasil? Será que não estamos um pouquinho atrasados? Se tivéssemos corrido um pouco mais, andado um pouco mais, talvez já estivéssemos muito à frente do Comla 7. Nós vamos ter de correr atrás do prejuízo: vamos fazer nesses dias, de nossa casa, a casa de todos, uma casa de comunhão.

Sintamo-nos irmãos na casa do Pai, nesta PUC.

Dom Serafim Cardeal Fernandes de Araújo
DD. Arcebispo de Belo Horizonte, MG

Sexta-Feira, 18 de julho

DIA DO ENCONTRO

PAINEL TEMÁTICO

*A Missão a partir dos Pobres, dos Outros e dos Mártires, até os Confins do Mundo
Memória e Compromisso de Nossa Caminhada.*

Introdução

Fazer memória da caminhada missionária foi o nosso primeiro compromisso neste dia dedicado ao Encontro e à reflexão. Um povo sem memória é um povo sem identidade e sem resistência. Uma Igreja que não reflete na sua caminhada, e não faz dela um tesouro e uma herança a ser oferecida ao mundo, é uma Igreja sem rosto, sem vivência e sem Missão.

As lições dos 500 anos de Evangelização no Brasil e na América Latina propõem tarefas específicas, contextuais e universais. Não queremos olhar para o passado com uma simples postura saudosista ou lançando apressadas sentenças negativas. O nosso olhar faz parte do nosso caminhar. Olhando para o caminho cumprido, podemos enxergar a direção para onde devemos prosseguir, carregando nossas “malas e cuias” feitas de luzes e sombras, avanços e conquistas, lutas e desafios.

Convidamos Dom Franco Masserdotti e Dom Erwin Kräutler para este primeiro painel temático com o tema: *A Missão a partir dos Pobres, dos Outros e dos Mártires, até os Confins do Mundo. Memória e Compromisso de Nossa Caminhada.* Nosso objetivo é reconstruir alguns tópicos de nossa caminhada e apontar algumas provocações, a partir dos sujeitos-destinatários-protagonistas da Missão e da animação missionária no Brasil e na América Latina: os pobres e os outros.

Dom Franco, missionário comboniano, é bispo de Balsas, MA, desde 1998. Foi Secretário Executivo do Comina de 1988 até 1994 e Coordenador da Comissão de Assessoria do Comla 5. Hoje ele é também Presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e membro da Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB. Por causa de um compromisso irrevogável, de última hora, com o Conselho Missionário Latino-Americano (Celam), ele não pôde estar presente nessa manhã. Chegaria só à noite. Achamos que sua contribuição, junto à de Dom Erwin, era de singular importância e significado para o nosso Congresso. Pensamos, portanto, em gravá-la e apresentá-la em vídeo, conforme foi feito.

Depois de assistir ao depoimento de Dom Franco, passamos a palavra a Dom Erwin Kräutler para a continuação do nosso painel temático. Dom Erwin, Missionário do Preciosíssimo Sangue, é Bispo Prelado de Xingu, PA, desde 1981. Foi Presidente do Cimi, de 1983 a 1991, responsável pela Dimensão Missionária da CNBB e Presidente do Comina, de 1995 a 2003: amigo e companheiro de muitas caminhadas.

A MISSÃO A PARTIR DOS OUTROS

O tema proposto para Dom Erwin e para mim é: *“Missão a partir dos Pobres, dos Outros e dos Mártires até os Confins do Mundo. Memória e Compromisso de Nossa Caminhada”*.

A Dom Erwin foi entregue a tarefa de desenvolver mais a *“Missão a partir dos Pobres”*. Eu desenvolverei mais a *“Missão a partir dos Outros”*.

Ambos os aspectos desembocam no **Martírio**, como expressão radical da **Missão**.

O pouco tempo à disposição permite-nos só “esquentar o motor” e apresentar algumas provocações, que depois o Congresso se encarregará de aprofundar e concretizar.

Um olhar para a história dos últimos 500 anos: o outro negado

A história americana não começou 500 anos atrás, como se antes só houvesse pré-história. A história começou há mais de 40 mil anos.

Nos últimos 500 anos, a partir das conquistas coloniais, houve a negação do outro. Isso caracterizou o processo de evangelização de nosso continente.

Não é justo fazer generalizações.

Houve diferentes modelos de evangelização na América Latina. Houve por exemplo a Missão dos Franciscanos que desembarcaram nas costas de Vera Cruz, no México, em 1524. Eram 12: daí o título de “os doze apóstolos do México”.

Fiéis à tradição franciscana, andavam descalços, visitando as populações locais, alimentando-se com a mesma comida do povo, que amavam e queriam ajudar.

Houve a Missão dos Dominicanos. Os primeiros desembarcaram na Ilha de Hispaniola (hoje Haiti e República Dominicana). Não tinham nenhuma ligação com os conquistadores. A comunidade deles foi de veras profética. Em nome dela, Fr. Antônio de Montesinos, na famosa homilia de 21/12/1511, perante a corte, atacou as leis em que se assentava o trabalho forçado, a escravidão indígena, e a própria conquista. Ele antecipou o pensamento de Fr. Bartolomeu de las Casas, a voz mais eloqüente que se levantou em defesa dos direitos dos índios e em favor de uma evangelização levada a cabo sem violência, por meio da persuasão.

Também os Jesuítas tiveram uma ação relevante na evangelização da América Latina, com o método missionário das “reduções”. Se não tivessem sido expulsos da América, teriam sido os promotores das primeiras nações latino-americanas, e estas, talvez, teriam sido indígenas.

Outros religiosos entraram pelo mesmo caminho, mesmo com um peso muito menor.

Sobretudo no século 16, houve uma plêiade de bispos verdadeiramente missionários, que percorreram, sem descanso, as suas imensas dioceses, na tentativa de organizarem uma Igreja nova.

Podemos recordar também a evangelização trazida, sobretudo no Brasil rural, pelos colonos pobres, sem ligação com o poder político, e que gerou o Catolicismo popular, que ainda sobrevive, mas que sofreu forte abalo pelo processo de “romanização” do século 19.

Todos estes missionários eram filhos de seu tempo, com bastantes preconceitos culturais, com pouca aceitação do outro e de sua cultura. Por exemplo, os “doze apóstolos do México” batizaram quatro milhões de indígenas e edificaram a Igreja sobre os escombros do Império Asteca e do Reino Terasco. Não deram valor às suas religiões, em que viam apenas obra do demônio.

A cruz e a espada: o outro destruído

Apesar da presença dos modelos acima acenados, o modelo de **evangelização** que prevaleceu no Brasil e na **América Latina**, foi o “da **cruz** e da **espada**”.

Trata-se da aliança de um projeto político-militar e econômico-mercantil com um projeto religioso.

Padre Vieira, missionário jesuíta no Brasil, percebia claramente isso, e, num sermão, declarava:

“Nós não só consentimos que aqueles gentios percam a soberania natural com que nasceram e viveram isentos de toda sujeição, mas somos os que, sujeitando-os ao jugo espiritual da Igreja, os obrigamos também ao temporal da Coroa, fazendo-os jurar vassalagem”.

A evangelização foi um suporte da lógica do sistema colonial baseado na mão-de-obra escrava, na violência sobre o trabalho, sobre as pessoas e seus bens.

As coisas foram tristes para os índios. Ainda piores foram para os africanos, vendidos como escravos nas costas da América Latina.

Padre Vieira, numa carta ao rei, dizia: “Sem Angola, não há Brasil”. Era o reconhecimento de que o Brasil podia desenvolver-se só pelo duro regime da escravidão dos africanos. Por parte da Igreja não houve luta para impedi-la. A religião reduzia-se a batizar o escravo, com pouca ou quase nenhuma catequese, e a ensiná-lo a fazer o sinal da cruz.

Para justificar a situação de fato, dizia-se que os negros na África viviam uma situação de duplo inferno: no corpo, pela escravidão, e na alma, por não ter o batismo e a salvação cristã. Ao serem trazidos para a América, continuavam com seus corpos na escravidão; mas, pelo Batismo, suas almas ficavam libertas do inferno do paganismo e ganhavam a felicidade eterna na outra vida.

Tudo isso, apesar da declaração do Papa Paulo II que, em 1537, afirmou que todos os povos da terra pertencem à raça humana, são iguais e não podem ser explorados, nem reduzidos à condição de escravos por outros povos.

Aconteceu também na África e na Ásia

O que aconteceu na América Latina e no Brasil, aconteceu também na África e na Ásia.

No ano de 1622 nasceu em Roma a Sagrada Congregação *de Propaganda Fide*, para articular o trabalho missionário da Igreja, mas não conseguiu superar as contradições.

Apesar dos exemplos bonitos de Mateus Ricci (China), de Roberto De Nobili (Índia) e de outros, prevaleceu na Missão o apoio à expansão européia e a insistência sobre as conversões individuais, sem valorizar nada das culturas dos povos.

“Eram tempos diferentes, com outros paradigmas, mas não se pode justificar tudo dizendo que é injusto julgar o passado com os critérios de hoje. Há critérios que valem sempre.”

(Tertio Millennio Adveniente, 35)

João Paulo II afirma que os métodos de intolerância e de violência no serviço à verdade são pecados de que devemos pedir perdão. Ele, no dia 12 de março de 2000, presidiu na Basílica de São Pedro, em Roma, o Dia do Perdão. Ele se colocou ao pé da cruz, como Maria Madalena, ícone da comunidade pecadora e penitente. Abraçou o crucifixo, pedindo perdão em nome de toda a Igreja. O conteúdo do pedido de perdão é resumido nos cinco “nunca mais”:

- nunca mais contradições à caridade, no serviço da verdade;
- nunca mais atitudes e práticas contra a comunhão da Igreja;
- nunca mais ofensas contra qualquer povo;
- nunca mais o recurso à lógica da violência;
- nunca mais discriminações, exclusões, opressões, desprezo dos pobres e dos últimos.

Mudança de perspectiva: o outro acolhido e valorizado

Somos herdeiros da visão missionária do passado. Mas, ao mesmo tempo, constatamos que a prática missionária das nossas Igrejas e dos missionários por elas enviados além-fronteiras está mudando.

No ano 1971, um Simpósio de Antropólogos realizado em Barbados, no Caribe, olhando os erros do passado, havia declarado: “Chegamos à conclusão de que o melhor para as populações indígenas... é acabar com toda a atividade missionária”. A crítica foi lançada indiretamente contra todos os missionários.

Como resposta, os missionários em vez de “bater em retirada”, o que poderia significar uma saída irresponsável, resolveram redefinir as linhas da ação missionária.

Passou-se duma perspectiva colonialista de dominação cultural, para uma atitude de respeito à alteridade, à autonomia dos povos, e para uma postura de resistência à política integracionista do Governo. Abandonou-se uma evangelização imposta, que demonizava as outras expressões religiosas.

Esta nova postura foi estimulada pelo Concílio Vaticano II:

“Os discípulos de Jesus tomem conhecimento das pessoas no meio das quais vivem e conversem com elas para que, mediante um diálogo sincero e paciente, eles aprendam as riquezas que Deus liberalmente outorgou aos povos, mas esforcem-se também para iluminar estas riquezas com a luz evangélica, para libertá-las e restituí-las ao domínio de Deus-Salvador” (*Ad Gentes*, 11)

Podemos aqui recordar a Conferência do Episcopado latino-americano em Medellín (Colômbia/1968), que, em seu documento final, destacou a importância de se “respeitar os valores próprios de sua cultura, sem excluir o diálogo criador com outras culturas”.

Em 1979 o Episcopado Latino-Americano, reunido em Puebla (México), fez outra maravilhosa afirmação: “Finalmente chegou a hora para América Latina de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras, *ad gentes*. É verdade que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por outro lado, nossas Igrejas podem oferecer algo de original e de importante: o seu sentido de salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, a floração de seus ministérios, sua esperança e a alegria de sua fé. Já se realizaram esforços missionários que se podem aprofundar e se devem ampliar.”

O documento final dos bispos latino-americanos em São Domingos (1992) afirmou que “a nova evangelização continuará na linha da Encarnação do Verbo”.

Interessante também declaração do Comla 5, em sua mensagem final:

“A pedagogia divina da Encarnação obriga-nos a superar os horizontes estreitos de uma visão monocultural do Cristianismo. Ensina-nos a abrir-nos, sem preconceitos, à experiência multicultural e multireligiosa dos povos e de nosso próprio Continente. Por isso, a inculturação impõe-se como necessidade interna de toda evangelização. Ela se faz a partir de dentro das culturas, com seus símbolos, mitos, costumes, valores, ritos, e no diálogo respeitoso com as pessoas. Implica, também, a conversão dos povos e as mudanças de estruturas de pecado no interior de suas culturas. Na inculturação, tanto os evangelizadores como os evangelizados se enriquecem. Processa-se um movimento em duas direções, um dar e receber”.

Novo estilo na Missão aqui e além-fronteiras

A partir destas reflexões, está se desenvolvendo uma nova prática missionária, baseada na acolhida e valorizando o outro.

Estamos acostumados pelo sistema sociocultural em que vivemos a pensar que a auto-afirmação exija a negação ou destruição do outro. Por isso nasce, em tempo de guerra, o inimigo; em tempo de paz, o estrangeiro, o bárbaro, o pagão, o cigano, o drogado, o homossexual, o velho, o doente de aids.

A reação é o medo, a ansiedade, a suspeita, a agressividade, que se traduzem, em termos éticos, no individualismo; em termos econômicos, no livre mercado e na propriedade privada; em termos políticos no Colonialismo e nos falsos mitos de unidade (o extremo absurdo foi o hitlerismo, que chegou ao genocídio do outro).

Importante é considerar o **outro** como aquele que nos completa e nos enriquece.

No campo missionário, acolher e valorizar o outro significa, antes de tudo, deixar-se evangelizar pelo povo, escutar com atenção a voz da fé enraizada na cultura, na religiosidade, sofrimento e esperança do povo que estamos servindo como evangelizadores. Para fazer isso, precisamos de humildade e simplicidade. Em nenhum momento o evangelizador deve sentir-se com relação ao povo como a mãe que engendra a vida, ou como o general que dá ordens, ou como o artesão que manipula a matéria.

Ele deve ser como a parteira que ajuda a vida brotar e crescer. A vida já está presente pelo Espírito na cultura e na religiosidade do povo. O evangelizador deve ser como o lavrador que prepara o terreno para a semente.

Assim nasce o respeito confiante no potencial de autolibertação e auto-evangelização do povo (*Puebla*, 1147), e a aceitação do povo como ele é:

- no ritmo dele;
- na palavra dele, sem atitudes repressivas, que inibem as pessoas e as reduzem ao mutismo;
- na história dele, que constitui um patrimônio enorme para o crescimento humano e a evangelização;
- nas iniciativas dele;
- no contato vivo, na solidariedade e na simpatia.

Na Missão além-fronteiras, o que falamos até agora se expressa na inculturação e no diálogo inter-religioso. A inculturação consiste em atualizar continuamente o mistério da Encarnação: é o Verbo de Deus que continua a fazer-se “carne” na carne dos homens e das mulheres das diferentes culturas. Sem inculturação a Missão é um anúncio fora da realidade, incapaz de se fazer entender.

O diálogo inter-religioso é a descoberta da presença e da ação do Espírito além das fronteiras da Igreja, é a alegre surpresa pelas maravilhas de Deus entre seus filhos e filhas espalhados/as em toda a terra e que sinceramente o procuram.

Negar o diálogo com os seguidores de outras religiões é praticamente negar a Deus, fechar os olhos diante da ação misericordiosa e criativa do Espírito que “sopra onde quer”.

Numa recente pesquisa, um missionário brasileiro que atua na África afirmou:

“Vindo de uma Igreja pobre, de um povo sofredor, o missionário brasileiro não dispõe de recursos financeiros. Isso ajuda a evitar a tentação dos grandes projetos materiais na construção da igreja de tijolos, obriga a um estilo de vida mais parecido com o do povo e favorece o nascimento e o fortalecimento das comunidades”.

A nossa Missão é de diálogo, não de conquista

Ela não oferece a força de sua cultura, ou de seu poder, mas a riqueza da experiência evangélica. Ela não pretende converter — o que é obra do Espírito Santo —, mas servir, testemunhar e anunciar, com muito respeito pela inculturação.

A impressão que se tem, conversando com os nossos missionários/as “além-fronteiras”, é que eles não se preocupam em “levar algo”, mas principalmente em “dar e receber”, dentro do espírito da partilha.

Os missionários são essas “abelhas” de Jesus, que procuram as flores em todos os povos, e no contato, recebem o pólen, para trabalhá-lo com os outros, em favor da vida.

É um trabalho de muita paciência e presença amorosa, que poderá dar um mel com mil sabores diferentes, fazendo-nos experimentar a doçura inesgotável do encontro com o Deus da vida, que atua na caminhada de todos os povos.

Só neste esforço de inculturação e de diálogo, saberemos “dar da nossa pobreza” e acolher as riquezas espirituais e culturais de outras Igrejas, a fim de crescermos e sermos fiéis ao Evangelho, dentro dos desafios de nossa realidade.

A atenção ao outro deve ligar-se à atenção ao pobre.

É a grande mensagem do Comla 5, que, em seu documento final, afirmou:

“Reconhecemos que, segundo o Espírito de Jesus, a inculturação deve ser impulsionada pela opção preferencial pelos pobres, vivida, de modo expressivo, em nosso Continente desde Medellín (1968). Esta opção inclui uma dimensão universal de solidariedade diante dos graves atentados à vida, sobretudo na África e Ásia.”

Há então um processo único de **inculturação, diálogo e libertação**.

O exemplo vem-nos de Jesus. Ele foi fiel à cultura judaica. Ele foi profundamente enraizado nas tradições de seu povo. Mas viveu isso dentro da vertente dos pobres, falando a linguagem dos pequenos, assumindo o jeito, as esperanças e as angústias dos excluídos, dialogando com os pobres, denunciando a manipulação da cultura e da religião por parte dos grandes e poderosos. Ele inverteu as coisas. Com Ele, a periferia tornou-se centro.

Esta perspectiva ajuda-nos a partilhar, a lutar pelas culturas oprimidas e pelo resgate dos valores e energias vivas dos povos oprimidos, na construção de um mundo novo.

A consequência desta visão missionária é o **martírio**. Sem dúvida, uma característica fundamental da Missão, a partir da América Latina.

Bastaria recordar Dom Oscar Romero, Pe. Jósimo, Pe. Ezequiel Ramin, Margarida Alves, Santo Dias... e milhares de outros Mártires da Caminhada no Brasil, na América Latina e no mundo.

Eles, perseguidos, ameaçados, difamados, mortos, são sinais da Páscoa que se renova e da verdadeira fecundidade missionária, a partir dos pobres e dos outros, até os confins do mundo.

Nossa Senhora de Guadalupe, que se revelou com rosto indígena e disse querer ficar no meio de seus filhos para acompanhar de perto seus sofrimentos e escolheu o índio Juan Diego como porta-voz duma mensagem do Céu, interceda por nós e por nossas Igrejas, para que, a partir da opção pelo outro e pelo pobre, ou melhor, pelo outro pobre, possamos levar a frente uma evangelização inculturada, dialogante e libertadora, que ajude no respeito dos anseios e projetos de vida dos povos, na construção do grande projeto que é o Reino de Deus.

Dom Franco Masserdotti
Bispo de Balsas, MA

BEM-AVENTURADOS VÓS, OS POBRES

O Conselho Missionário Nacional (Comina) nasceu na época em que a Igreja estava aplicando as conclusões de Medellín ao chão concreto da nossa realidade brasileira. Foi naquela conferência de repercussões extraordinárias e jamais imagináveis no continente, que o Concílio Vaticano II foi latino-americanizado. Só pode ter sido o Espírito Santo mesmo que operou este novo Pentecostes. “Nossa reflexão orientou-se para a busca de formas de presença mais intensa e renovada da Igreja na atual transformação da América Latina”, diziam os bispos já na introdução do documento. Entendo a fundação do Comina exatamente neste contexto da busca de novas formas de uma presença mais intensa e renovada da Igreja no mundo. Onze anos depois veio Puebla, convocada por Paulo VI, confirmada por João Paulo I, e reconfirmada por João Paulo II, como um dos primeiros atos de seu pontificado. No seu discurso inaugural de 28 de janeiro de 1979, o Papa exclamou:

“Nestes dez anos, quanto caminhou a humanidade, e, com a humanidade e a seu serviço, quanto caminhou a Igreja! Esta 3ª Conferência não pode desconhecer esta realidade. Deverá, pois, tomar como ponto de partida as conclusões de Medellín, com tudo o que tem de positivo.”

E aí já vem um acréscimo um tanto inesperado: “mas, sem ignorar as incorretas interpretações por vezes feitas e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e claras tomadas de posição.” Chama à atenção que o Papa, naquele discurso, recomende o “documento de trabalho” que posteriormente foi rejeitado pelos bispos, quando vieram à tona certas manobras pouco edificantes. A maior influência nos debates teria a *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, o fruto do Sínodo de 1974. Na realidade, como Medellín procurou aplicar o Concílio Vaticano II ao chão concreto da América Latina, Puebla inspirou-se profundamente naquela Exortação Apostólica. Sempre volta a citá-la, sempre se preocupa em contextualizá-la e relacioná-la à experiência, especialmente missionária, da Igreja na América Latina. Dom Aloísio Lorscheider, então presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), fala em seu discurso inaugural do “compromisso da renovação de vida e da sociedade segundo os valores do Evangelho, mediante a vivência da justiça, a solidariedade humana, a participação na comunhão eclesial e a pobreza evangélica”. Diz que

“se requer uma Igreja que testemunha, proclama, celebra e atua o Evangelho com justiça, amor, pobreza, uma Igreja num processo dinâmico e permanente de evangelização, de tal forma que todo o cultural, o político, o econômico, o social, seja lido e discernido a partir do Evangelho.”

Assinala como “a ação mais urgente e prioritária: Conseguir o maior número possível de evangelizadores em tempo integral, agentes que por sua vida e sua palavra proclamem o Evangelho para a nossa América Latina”. Finalmente fala da Igreja missionária, dizendo que “ser missionário e ser apóstolo das nações é condição do cristão”. Eis o Comina, preocupado em concretizar as conclusões de Puebla, convocando o Povo de Deus para a ingente tarefa de animar e formar evangelizadores.

Os grandes temas destas duas conferências foram ainda retomadas na 4ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, de 12 a 28 de outubro de 1992, em São Domingos (República Dominicana). Os bispos reafirmaram a “opção preferencial pelos pobres”. Mas, em comparação com Medellín e Puebla, São Domingos não alcançou mais mesma repercussão. Nas décadas de 70 e 80, os documentos de Medellín e Puebla foram, ao lado da Bíblia e do Compêndio do Vaticano II, os manuais preferidos dos agentes de Pastoral. E São Domingos? Quem realmente o leu e se entusiasmou?

Não sei quais as razões desta pouca euforia pelo novo documento. Será que foi o esquema diferente, antes nunca usado em assembleias da América Latina, que naquele ano de 1992 nos impuseram? O “ver-julgar-agir” foi abandonado. De repente se começa com uma tal de “iluminación” teológica lá nas alturas. Depois se tenta descer à realidade. Onde realmente se descia — como aconteceu na Comissão 26 dos Indígenas e Negros —, o texto apresentado pelos bispos foi alterado.

A história do Comina só pode ser compreendida e analisada a partir dos documentos de Medellín, Puebla e São Domingos, de todo o vaivém da preparação e realização das assembleias episcopais, e da execução mais ou menos corajosa de suas conclusões nas Igrejas particulares do Brasil.

Entre outros pontos que mereceriam o devido destaque, quero lembrar apenas três temas visceralmente ligados à missionariedade da Igreja no Brasil: 1) A Opção pelos Pobres. 2) As Comunidades Eclesiais de Base. 3) A Missão *ad gentes*.

1) A Opção pelos Pobres

Puebla falava do protagonismo dos pobres. Quis romper com o mero assistencialismo em relação aos pobres. Entendeu que os pobres não são apenas objeto de nossas “obras de misericórdia”, mas são sujeitos de evangelização. Eles evangelizam inclusive a própria Igreja, que deveria tornar-se, ela mesma, “pobre”. Medellín já havia citado as palavras de Paulo VI (23 de julho de 1968): “A pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal do valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem”. Exige-se da Igreja uma conversão radical dos seus métodos ou de suas estruturas.

O Pe. José Comblin gosta de afirmar que “a opção pelos pobres ainda é uma invenção a ser posta em prática”. E diz mais: “A Igreja está afastando-se dos pobres, apesar das declarações em sentido contrário. O discurso dos pobres ainda permanece até quando? Mas já não expressa uma realidade vivida”. Será que chegamos a este ponto?

De fato, uma coisa é procurar “alcançar o maior número de pobres” e “permanecer atenta ao grito dos mais necessitados”. Outra é mudar “seu estilo de vida, as suas palavras e suas ações”, para “testemunhar estar em comunhão e solidariedade com eles.” Estou citando o nº 58 da Exortação Pós-Sinodal *Ecclesia in America*. Salta à vista que não se fala mais de uma Igreja “pobre”, de uma “conversão radical” nos métodos e nas estruturas da própria Igreja.

Deveríamos ser mais ousados nesta opção, nos nossos projetos, na nossa formação e na nossa animação missionários. A discrepância entre o nosso “dizer” e o nosso “fazer” é grande. Cabe a nós, missionários e missionárias, provar o contrário.

A Missão a partir dos pobres é uma Missão que se deixa tocar pela compaixão para com o outro, e faz do sofrimento alheio um elemento prioritário de discernimento, mas não fica na compaixão. Deixa os pobres irromperem como sujeitos de sua libertação, como protagonistas da evangelização. Nosso saudoso amigo Pe. Giorgio Paleari, ao assumir a secretaria do Comina, dizia: “A Missão tem sempre um caráter profético. Nasce da contemplação de Deus que tem um projeto de vida para toda a humanidade (Reino), e se abastece da indignação diante da não-vida, miséria e exclusão. No contexto latino-americano, um dos maiores desafios para a Missão é a globalização. O Comla 6—CAM 1 privilegiou uma leitura de seu lado excludente. Qual o caminho que a Igreja “peregrina, missionária e pascal” deve percorrer neste contexto? A universalidade da Missão já é uma crítica profética à globalização, porque ela não exclui ninguém, e, em segundo lugar, não uniformiza, mas constrói a unidade na diferença (inculturação). É uma universalidade não-impositiva, mas dialógica e propositiva (anúncio e diálogo). O sonho do qual a Missão se abastece é o mesmo sonho de Jesus que, na fraqueza e na cruz, assume em tudo a condição humana, exceto o pecado, e, por meio do serviço e da kênosis, torna-se redentor (serviço).

O Comina, em vários momentos, deu-se conta da necessidade de assumir mais profeticamente o caminho da Missão. Expressões como “formar uma consciência missionária mais

profética” ou “a Missão deve fortalecer o trabalho da Igreja na perspectiva dos excluídos (a partir deles e com eles)” são prova dessa preocupação.

Descobrir sempre mais, ou melhor, voltar a considerar o potencial evangelizador do pobre significa ajudar a Igreja a superar a visão assistencialista, colonialista de sua Missão. O nosso povo, majoritariamente pobre, não pode continuar sendo mero *objeto* de evangelização. Está na hora de voltarmos “às fontes”, àquilo que em Medellín e Puebla o Espírito Santo disse à Igreja que está na América Latina. “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (*Ap* 2,7.11.17.29; 3,6.13.22).

2) As Comunidades Eclesiais de Base

As Comunidades Eclesiais de Base receberam apoio em diversas Encíclicas e Exortações Apostólicas. Paulo VI falou tão bem das CEBs na *Evangelii Nuntiandi*, revelando que o Sínodo de 1974 “ocupou-se largamente destas pequenas comunidades ‘ou comunidades de base’”. O Papa explica:

“Elas nascem da necessidade de viver mais intensamente ainda a vida da Igreja; ou então do desejo e da busca de uma dimensão mais humana do que aquela que as comunidades eclesiais mais amplas dificilmente se poderão revestir, sobretudo nas grandes metrópoles urbanas contemporâneas, onde é mais favorecida a vida de massa e o anonimato, ao mesmo tempo. Elas poderão muito simplesmente prolongar, a seu modo, no plano espiritual e religioso, o culto, o aprofundamento da fé, a caridade fraterna, a oração, a comunhão com os Pastores (...). Ou então elas tentarão congregar, para ouvir e meditar a Palavra, para os sacramentos e para o vínculo da caridade, alguns grupos que a idade, a cultura, o estado civil ou a situação social tornam mais ou menos homogêneos (...); ou ainda, pessoas que a vida faz encontrarem-se já reunidas nas lutas pela justiça, pela ajuda aos irmãos pobres, pela promoção humana.”

(EN 58)

Mais adiante, o Papa Paulo VI atesta às CEBs sua “vocação mais fundamental” que, “de ouvintes do Evangelho que lhes é anunciado e de destinatárias privilegiadas da evangelização, (elas) próprias se tornarão sem tardança anunciadoras do Evangelho” (EN 58), explicitando assim sua dimensão missionária, que devia ultrapassar as fronteiras latino-americanas.

Em *Christifideles Laici*, as Comunidades Eclesiais de Base são relacionadas com a Paróquia. Diz a Exortação Apostólica pós-sinodal: “As pequenas comunidades eclesiais de base, também chamadas comunidades vivas, onde os fiéis possam comunicar entre si a Palavra de Deus e exprimir-se no serviço e no amor; estas comunidades são autênticas expressões da comunhão eclesial e centros de evangelização, em comunhão com os seus Pastores.”

(ChL 26)

A última grande referência às CEBs encontra-se na Encíclica *Redemptoris Missio*, de 7 de dezembro de 1990, por ocasião do 25º aniversário de *Ad Gentes*. O trecho que leva o título *As Comunidades Eclesiais de Base: Força de Evangelização* precisa ser lido na íntegra:

“Um fenômeno, com crescimento rápido nas jovens Igrejas, promovido pelos bispos ou mesmo pelas Conferências episcopais, por vezes como opção prioritária da pastoral, são as comunidades eclesiais de base (conhecidas também por outros nomes), que estão a dar boas provas como centros de formação cristã e de irradiação missionária. Trata-se de grupos de cristãos, em nível familiar ou de ambientes restritos, que se encontram para a oração, a leitura da Sagrada Escritura, a catequese, para a partilha dos problemas humanos e eclesiais, em vista de um compromisso comum. Elas são um sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade, fundada na *civilização do amor*”.

Tais comunidades descentralizam e simultaneamente articulam a comunidade paroquial, à qual sempre permanecem unidas; radicam-se em ambientes simples das aldeias, tornando-se fermento de vida cristã, de atenção aos *últimos*, de empenho na transformação da sociedade. O indivíduo cristão faz nelas uma experiência comunitária, na qual ele próprio se sente um elemento ativo, estimulado a dar a sua colaboração para proveito de todos. Deste modo, elas se tornam instrumento de evangelização e de primeiro anúncio, bem como fonte de novos ministérios; enquanto, animadas pela caridade de Cristo, oferecem uma indicação sobre o modo de superar divisões, tribalismos, racismos.

De fato, cada comunidade, para ser cristã, deve fundar-se e viver em Cristo, na escuta da Palavra de Deus, na oração, na qual a Eucaristia ocupa o lugar central, na comunhão expressa pela unidade de coração e de alma, e pela partilha, conforme as necessidades dos vários membros (cf. *At* 2,42-47). Toda a comunidade, recordava Paulo VI, deve viver em unidade com a Igreja particular e universal, na comunhão sincera com os Pastores e o Magistério, empenhada na irradiação missionária, e evitando fechar-se em si mesma ou deixar-se instrumentalizar ideologicamente. O Sínodo dos Bispos (trata-se do Sínodo Extraordinário de 1985, sobre a atuação do Concílio Vaticano II) afirmou:

“Uma vez que a Igreja é comunhão, as novas comunidades de base, se verdadeiramente vivem em unidade com a Igreja, representam uma verdadeira expressão de comunhão e um meio eficaz para construir uma comunhão ainda mais profunda. Por isso são um motivo de grande esperança para a vida da Igreja.”

(*RM* 51).

Belos tempos os anos 80, coroados pela *Redemptoris Missio!* Mesmo assim, por que, de repente, o Papa refere-se a um perigo para a CEB: o de “fechar-se em si mesma ou deixar-se instrumentalizar ideologicamente”? De onde o Papa recebeu tais informações? Quem começou a mandar relatórios a Roma sobre “*la ideologización*” das CEBs? Em São Domingos ouvi tantas vezes esta palavra saindo da boca de alguns bispos e cardeais que acabou por causar-me náuseas. Em Roma, porém, dobraram-se os sinos de alarme.

No discurso inaugural para a Conferência de São Domingos, o Papa também se refere às CEBs. E novamente vem à tona a preocupação de que as CEBs percam o “E” e não sejam mais “eclesiais”, com insistência na “clara identidade eclesial”, “na estreita união com seus pastores” e na “plena sintonia com o Magistério da Igreja”. (*Discurso Inaugural*, Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã, São Domingos, 12 de outubro de 1992, nº 25).

O Sínodo para a América, celebrado de 16 de novembro a 12 de dezembro de 1997, parecia-nos mais uma oportunidade de lembrar as CEBs, fruto de um Pentecostes latino-americano. Não me conformo com o fato de a única e exclusiva lembrança das CEBs em toda Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America* tenha ocorrido no contexto das “seitas”. Para neutralizar a influência das seitas, “revelam-se de grande utilidade as comunidades de base, os movimentos, os grupos de famílias, e outras formas associativas, nas quais é mais fácil cultivar relações interpessoais de recíproco apoio espiritual e, inclusive, econômico” (*EA* 73). O que significa isso? A “comunidade de base” é apenas útil no combate às “seitas”?

Não foi falta de empenho e esforço dos bispos, delegados de suas conferências. Como “padres sinodais” brasileiros, Dom Geraldo Lyrio Rocha, então Bispo de Colatina, ES, hoje Arcebispo de Vitória de Conquista, BA, e eu, Bispo de Xingu, PA, elaboramos juntos uma contribuição a respeito das CEBs. Nossa proposta não obteve aprovação, mas salvei-a no meu computador.

Queríamos que o Sínodo se referisse de modo explícito às CEBs e as incentivasse, nestes termos:

“As Comunidades Eclesiais de Base tornaram-se, ao longo das últimas décadas, ‘um novo modo de ser Igreja’. Surgiram e espalharam-se por toda a América Latina. O

Documento de Puebla afirma que as CEBs “converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação” (DP 96). Constituem um dom especial que Deus concedeu à sua Igreja. São obra do Espírito Santo, fruto de um novo Pentecostes.

1. As CEBs sejam valorizadas e incentivadas na América como uma maneira de:
 - personalizar e aprofundar a ação evangelizadora e pastoral;
 - viver em comunhão com a Igreja local e universal, e com os Pastores (cf. EN 58);
 - valorizar os leigos e estimulá-los, para que assumam sua Missão na Igreja e no mundo;
 - dinamizar os vários serviços e ministérios;
 - escutar e meditar a Palavra de Deus, ligando-a com a vida;
 - preparar os fiéis para os sacramentos, e celebrar uma liturgia inculturada, de modo especial a Eucaristia;
 - viver a opção preferencial pelos pobres.

2. As CEBs devem reunir as pessoas e as famílias. A paróquia, quando formada por várias comunidades, busque integrá-las, formando assim uma comunidade de comunidades.

3. As CEBs ajudem seus membros a comprometerem-se com o bem comum e com a transformação da sociedade, de acordo com a Doutrina Social da Igreja, que deve ser sempre mais conhecida e assumida pelos fiéis.”

(*Circulus Minor Linguarum Hispanae et Lusitanae*,
Dom Geraldo Lyrio Rocha e Dom Erwin Kräutler)

Outros ventos estão soprando. Não consigo identificar-me com o que escreveu nosso amigo Luiz Alberto Gómez de Souza, diretor do Ceris: “As CEBs vão muito bem, obrigado”. Talvez do ponto de vista estatístico não mudou tanta coisa. Tenho a impressão de que maioria das dioceses responde “sim” à pergunta, se existem CEBs no âmbito da circunscrição eclesial. Mesmo assim afirmo que as CEBs estão ameaçadas!

Nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006)*, texto aprovado na 41ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaici, Indaiatuba, SP, em 8 de maio de 2003, muito se fala de “comunidade” e “comunidade eclesial”. De fato, tudo o que caracteriza uma “Comunidade Eclesial de Base” se encontra descrito ao longo dos 211 parágrafos das *DGAE*. Desta feita, até um Índice de Temas, anexo ao documento, ajuda na localização dos diversos assuntos. No entanto, apenas três vezes se fala expressamente das Comunidades Eclesiais de Base. Mas sempre se insiste em citar as CEBs juntamente, num mesmo fôlego, com “os movimentos” que são bem outra coisa. Não causa estranheza essa exagerada preocupação de falar das CEBs sempre em conjunto com “diversos grupos, organismos e movimentos particulares” (105c) ou com “movimentos supraparociais ou transnacionais, diversos tipos de associações” (139) ou então com “outras formas associativas ou de grupo” (142)? As CEBs que nós consideramos tão “latino-americanas”, tão “brasileiras”, nas quais experimentamos aquele novo “jeito de a Igreja ser” na simplicidade e na partilha, na familiaridade e no carinho, na dimensão samaritana e profética, na opção pelos pobres e na solidariedade com os excluídos, nas celebrações vivas e participativas que unem fé e vida, no engajamento generoso de mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e idosos, nas diversas pastorais, estas CEBs parecem agora nos documentos oficiais da Igreja, também nos do Brasil, ser simplesmente equiparadas aos movimentos surgidos alhures, em qualquer parte do mundo, menos na América Latina, e em circunstâncias bem diversas das Igrejas particulares deste continente.

3) A Missão *ad gentes*

O Documento 71 da CNBB, as *DGAE 2003—2006*, trata da Missão *ad extra*, no contexto exato da renovação da comunidade, e declara:

“Nossas comunidades eclesiais, apesar de sobrecarregadas de tarefas e muitas vezes contando com escassos recursos, devem ‘dar de sua pobreza’, também para a evangelização *ad gentes*, ou para as Missões em outras regiões e além-fronteiras. Uma Igreja local não pode esperar atingir a plena maturidade eclesial, e, só então, começar a preocupar-se com a Missão para além de seu território. A maturidade eclesial é consequência, e não apenas condição de abertura missionária.”

(138)

No concerto da Igreja universal, a Igreja no Brasil continua sem dúvida a encantar com suas pastorais e projetos como *Ser Igreja no Novo Milênio*, que sucedeu a *Rumo ao novo Milênio*, e com suas Campanhas da Fraternidade. Aos poucos, mas cada vez mais, a Igreja no Brasil está também descobrindo a sua responsabilidade missionária. O lema cunhado em Puebla “Devemos dar de nossa pobreza” (DP 368) torna-se cada vez mais realidade, mesmo que a expressão como tal não me convence tanto. De que pobreza se fala? É bem verdade que somos uma Igreja de pobres, quando levamos em conta a realidade de penúria e miséria em que se encontra nosso povo que enche as igrejas e vive nas comunidades. Somos uma Igreja pobre, também em termos de recursos materiais e financeiros, se a compararmos com as Igrejas que estão na Europa ou na América do Norte. Mas, de jeito nenhum somos “pobres” em termos de gente apaixonada pela causa do Reino de Deus. Não somos “pobres” de entusiasmo, de “fervor do espírito” (cf. *At* 18,25), de ardor missionário, de amor que vai “até o fim” (cf. *Jo* 13,1), até as últimas consequências.

Segundo as nossas estatísticas, a Igreja no Brasil enviou uma grande parte dos missionários e missionárias para a África, o que, além do desejo de saldar “a dívida histórica com relação aos escravos negros”, não deixa de ser uma expressão missionária da “opção pelos pobres”.

Nos últimos anos e decênios, o oceano da miséria ampliou-se, especialmente na África. Dizimada pelas doenças e epidemias, como a aids, e pelas guerras, fruto da divisão colonial, a África não interessa ao mundo da globalização. É vista como uma área a ser evitada. Ninguém investe neste continente. A África não é viável. Está falida. Se de um dia para o outro viesse a desaparecer, ninguém se importaria. Quem não lucra, não existe. Os pobres não contam. São “sobrantes”, e, portanto, excluídos. Mas, para uma coisa a África ainda serve: para lhe vender armas que ela não produz.

Ainda há poucos dias (8 de julho 2003), os bispos africanos que participaram da Assembléia da Cáritas Internacional reagiram à visita do presidente norte-americano George W. Bush a vários países do continente. O presidente da Cáritas de Moçambique, Dom Paulo Mandlate, disse que Bush tem como interesse exclusivo promover os investimentos americanos na África e fortalecer os laços militares com alguns países, para promover a guerra. Dom Paulo Mandlate afirmou que a visita do presidente norte-americano é uma propaganda da guerra entre os povos africanos. “Esta viagem, para mim, é pior que a guerra na medida em que procura aperfeiçoar a própria guerra, para fazer da maneira melhor para eles a destruição do amor, do mundo e dos homens. É de reprovar” (De Roma: Elton Bozzetto — *RP* 10417 cf. CNBB, Assessoria de Imprensa, *Notícias Dia-a-Dia*. Brasília, 10/7/2003, nº 944).

É dentro deste quadro que deve mover-se a Missão da Igreja. A vida destruída e ameaçada desafia a Missão, para assumir um caráter mais profético: denunciar a morte e proclamar a vida. A Boa-Nova de Jesus precisa ter sua verificabilidade histórica na resposta à morte dos pobres.

Não queremos nenhuma espécie de colonialismo, nem um colonialismo religioso! Missionariedade não significa “tutela” para com um “menor”, “deficiente” ou “excepcional”, da parte do maior que se considera locupletado em sua mansão-fortaleza, a ponto de agora poder oferecer algo do seu supérfluo, de cima para baixo, e ainda com muito alarido. Nada disso! Missionariedade nunca pode nem deve gerar dependência!

Missionariedade tem a ver com gratuidade, simplicidade, entrega, doação e disponibilidade total. O missionário, a missionária, em qualquer parte do mundo onde quiser trabalhar, precisa sair não só de seu país, mas de si mesmo/a, precisa desprogramar-se, aceitar

generosamente as novas circunstâncias, mergulhar na realidade cultural diferente e estar pronto para o que der e vier: “Eis a serva, o servo do Senhor! Eis-me aqui Senhor!”. Missionariedade é isso!

Proponho, como o fiz em El Salvador, uma nova fórmula de envio de missionários/as para além-fronteiras e *ad gentes*:

“Vai meu irmão, minha irmã! Lá, em tua nova Missão, em tua nova terra, em tua nova pátria, anunciarás Jesus Cristo e o Seu Evangelho, servirás os pobres, os excluídos do banquete da vida, lavando-lhes os pés. Falarás com quem nunca andou ou não anda mais conosco. Tu te aproximarás com muito carinho de um povo com cultura e tradições diferentes. Chegando lá, estranharás, sem dúvida, os costumes e usos locais. Mas não imporás as tuas idéias! Não apresentarás o país que te viu nascer como paraíso! Não dirás nunca que no lugar onde te criaste, as coisas estão bem melhores! Não darás nunca a impressão de que vieste para ensinar, para civilizar, para instruir, para colonizar! Jamais violentarás a alma do povo que, doravante, será o teu povo! Oferecerás simplesmente o testemunho de tua fé, de tua esperança e de teu amor, e darás a tua vida até o fim, até as últimas conseqüências! Assim, tu terás o privilégio e a felicidade de viver a graça de todas as graças! Encontrarás o Senhor que disse: 'Depois que eu ressuscitar, irei à vossa frente para a Galiléia' (Mc 14,28). Missão é sempre ir à Galiléia, às Galiléias de todos os continentes!

Nossa Senhora Aparecida, de Nazaré, de Guadalupe e “de tantos nomes mais” te proteja sempre e em todos os lugares por onde andares!

Agora, meu irmão, minha irmã, é hora de partir! Desata e enrola de uma vez a tua rede, pega a tua boroca ou mochila, despede-te de pai e mãe, da família, de quem te ama e a quem tu amas! E vai em frente! Vai em frente! Segue o teu caminho, e não olhes mais para trás!

Todo mundo vai rezar por ti, acender velas ao pé da Santa!

Vai com Deus! Vai com Deus! Amém! Amém!”

Dom Erwin Kräutler
Bispo Prelado de Xingu, PA

CONFERÊNCIA

A Missão como caminho, encontro, partilha e envio Perspectivas, desafios e projetos

A imagem e a narrativa de *Emaús* inspiraram e conduziram o nosso Congresso Missionário. Os discípulos, que estão a caminho, encontram Jesus que é “o Caminho”. O encontro transforma-se numa experiência de discernimento, feita de um balanço da atualidade e de um retomar lento da caminhada, aquecida pela chama do Espírito e das Escrituras. O discernimento torna-se, por sua vez, uma intensa experiência de fé, de conversão e de transformação. Em torno de uma mesa e de um pedaço de pão, esta fé é repartida, os olhos dos discípulos abrem-se definitivamente diante do Ressuscitado. A Missão, como experiência de fé no caminho, no encontro, na partilha e no envio, é o tema da conferência deste Congresso Missionário Nacional, em preparação ao CAM 2—Comla 7.

Convidamos o Pe. Paulo Suess para ajudar-nos a aprofundar esta dimensão fundamental da Missão. Paulo Suess é sacerdote alemão, doutor em Teologia Fundamental pela Universidade de Münster (Alemanha). Vive no Brasil desde 1966. Trabalhou como missionário na Amazônia até 1979. A partir daquele ano exerceu o cargo de Secretário-Geral do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), no qual hoje continua como Assessor Teológico. De 1988 a 2001 foi diretor do Núcleo de Pós-Graduação em Missiologia da Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Hoje é Presidente da Associação Internacional de Estudos da Missão (Iams) e um dos maiores teólogos da Missão da América Latina. Entre suas publicações, lembramos: *A Conquista Espiritual da América Espanhola*; *Evangelizar a partir dos Projetos Históricos dos Outros*; *Travessia com Esperança*.

A MISSÃO DE DEUS E A MISSÃO DOS CRISTÃOS FUNDAMENTOS, DESDOBRAMENTOS, COMPROMISSOS

Os cristãos que assumem em sucessivas decisões, no interior de sua biografia pessoal, seu Batismo, pertencem a uma comunidade local. A comunidade local faz parte de uma rede de comunidades de vivência e interpretação: a Igreja, que se declarou ser missionária “por sua natureza” (*Ad Gentes*, 2; 6). Os cristãos participam desta natureza missionária como “adeptos do caminho” (*At* 9,2) e seguidores de Jesus Cristo, que é o primeiro missionário, aquele que Deus-Pai-Mãe enviou ao mundo (cf. *Jo* 5,36s). O caminho é escolha e escola missionária. Como se pode compreender esta maneira muito humana de falar de Deus, quando o quarto evangelho, e, por meio dele, a Igreja primitiva, repetidas vezes afirmam que Jesus é, como o “Enviado do Pai”, o primeiro missionário que está cumprindo e conferindo aos seus seguidores a Missão de Deus?

No texto que segue, procuro esclarecer, num primeiro passo, os fundamentos teológicos desta “natureza missionária” que se encontram na “Missão de Deus” (1). A seguir vou tecer algumas reflexões sobre o desdobramento desta “Missão de Deus” no seguimento de Jesus e para a identidade missionária (2). Finalmente, num terceiro passo, procuro lembrar alguns compromissos e contextualizar a questão dos protagonistas da Missão no mundo de hoje (3).

1. Fundamento: *Missio Dei*

A Missão é iniciativa do amor de Deus. O conceito “Missão de Deus” (*Missio Dei*) envolve a reflexão missiológica nas discussões antigas que acompanharam a definição do mistério da Santíssima Trindade. O conceito *Missio Dei* pronuncia-se sobre o amor gratuito e a presença não-manipulável de Deus no mundo.

A reconstrução do significado “Missão de Deus” começa com a afirmação de São João: “Deus é amor” (*1Jo* 4,8.16). Se Deus é “amor”, Ele não pode ser “solidão cerrada”. Dizer “Deus é amor” é dizer “Deus é relação”. “Transbordar”, “comunicar” e “relacionar” é uma característica do amor. O amor de Deus é gratuito. Isso não quer dizer que esse amor está sem direção ou sem intenção. O amor de Deus tem um desdobramento direcionado para reverter a desintegração da humanidade causada pelo pecado, e, por conseguinte, para reintegrar a humanidade na vida plena que é o Reino.

O amor de Deus que transborda, na teologia da Santíssima Trindade, é chamado “amor fontal”. Desta fonte procede o *Logos* (o Verbo), que é gerado pelo Pai, e procede o *Pneuma* (o Espírito Santo), pela aspiração do Pai e do Filho. A teologia clássica fala em “comunicação” intratrinitária, em “processões” ou “relações” que configuram a **Trindade Imanente** desde a eternidade ou, como São João diz, “antes da criação do mundo” (*Jo* 17,24).

O “amor fontal”, princípio sem princípio, descrito pela teologia nas imagens de “processões” e “relações” entre Deus, *Pneuma* e *Logos*, constitui o pano de fundo invisível e eterno da Santíssima Trindade. Essa Trindade, que a teologia chama de “imaneente”, transborda e se desdobra na história da salvação. A teologia convencionou chamar este transbordar histórico da Trindade imaneente, a **Trindade econômica** ou **Trindade histórico-salvífica** que configura a *Missio Dei*. As “processões” ou “relações”, antes do tempo, caracterizam a Trindade vivida *ad intra*, e a “Missão de Deus” é a Trindade vivida *ad extra*, desde a plenitude do tempo. Como se trata da mesma Trindade Una e Trina, também para a “Missão de Deus”, para a Trindade histórico-salvífica, a “relação” (novas relações humanas inauguradas por Jesus!) e a “processão” (envio e seguimento!) da Trindade imaneente, têm um significado profundo. A rigor, Missão, relação, processão e comunicação configuram uma unidade inseparável.

A “*Missio Dei*” da Trindade histórico-salvífica aponta, numa primeira instância, para a presença de Deus no mundo mediante o *Logos* e o *Pneuma*. Como se relacionam nesta “Missão de Deus” a Missão do Verbo e a Missão do Espírito Santo? A Missão do Verbo (*Logos*) que se fez

carne na pessoa de Jesus de Nazaré, se prolonga na história, no mundo, na Igreja e em cada pessoa através do Espírito Santo. A revelação da presença do Deus-Trino, a Sua morada na pessoa que vive no amor (na graça), é uma das finalidades da “Missão de Deus” (cf. *Jo* 14,23). A articulação da *Missio Dei* com o mundo e a história e, ao mesmo tempo, com as pessoas individuais, garante o equilíbrio entre comunidade e indivíduo, entre comunitarismo e individualismo; impede a privatização e, ao mesmo tempo, a coletivização da presença de Deus no mundo. A comunidade eclesial sempre reconheceu a consciência do indivíduo como a última instância para a tomada de decisões, ao mesmo tempo, a Igreja tem a tarefa de articular a diversidade de indivíduos e entrelaçar a multiplicidade de projetos culturais de vida com o projeto maior que é o Reino de Deus. Essa articulação da diversidade que é uma característica da Igreja desde o primeiro Pentecostes, configura a “unidade no Espírito Santo”.

A presença de Deus no mundo por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo não deve ser compreendida como deslocamento ou parcelamento de Deus. Nas pessoas divinas de Jesus e do Espírito está sempre o Deus-Uno e Trino inteiramente presente. E a presença de Deus no mundo não permite conclusões sobre a Sua ausência em outro lugar. Isso mostra os limites da linguagem conceitual e também das metáforas das quais a Teologia se serve. Ao falar de Deus-Pai-Mãe, de Jesus Cristo e do Espírito Santo se fala sempre do Deus-Uno e Trino. Este Deus está, no dizer de Santo Irineu, próximo de cada pessoa humana, por meio de suas duas mãos estendidas que são o Filho e o Espírito Santo. Ao mesmo tempo, Deus está distante e permanece mistério infinito e inexaurível. A proximidade de Deus não anula o mistério, e o mistério não impede falar da proximidade de Deus.

Uma última advertência. Na *Missio Dei* Deus não é somente aquele que envia. Ele é também, no Filho e no Espírito Santo, o Enviado: “Quem me viu, viu o Pai” (*Jo* 14,9). Como o Deus-Uno é também o Deus-Trino, a compreensão da “Missão de Deus” é sempre um entendimento analógico e/ou metafórico. Deus não envia partes de si ou “embaixadores divinos”. *Missio Dei* é um indicador para a presença integral de Deus no meio da humanidade.

DEUS É AMOR

O AMOR FONTAL DE DEUS TRANSBORDA

antes do tempo
ad intra

na plenitude do tempo
ad extra

O pecado interrompeu a harmonia primordial entre Criador e Criatura.

Deus inicia a história de salvação que culmina na *Missio Dei*

TRINDADE IMANENTE	TRINDADE ECONÔMICA ou HISTÓRICO-SALVÍFICA
--------------------------	--

O transbordar intratrinitário:

O transbordar extratrinitário:

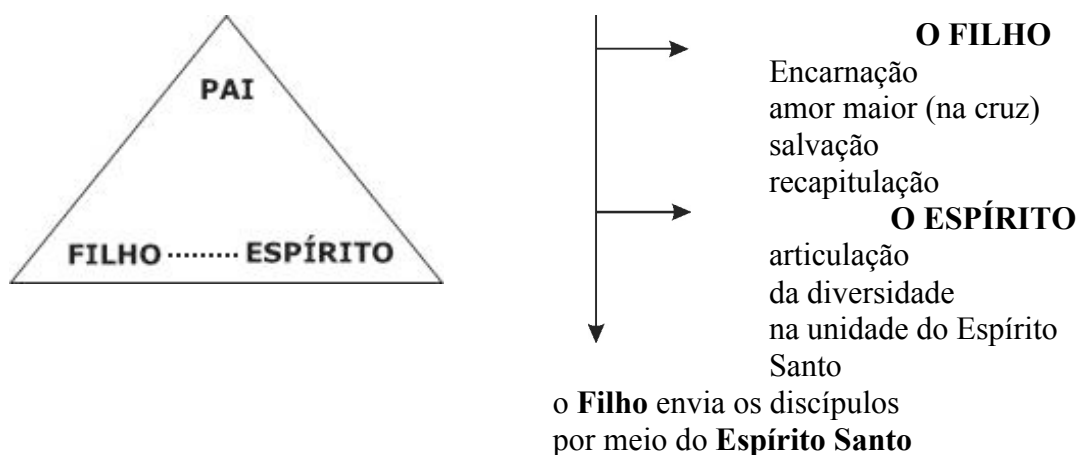
PROCESSÕES ou **RELAÇÕES**
entre PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO

MISSIO DEI
A MISSÃO DE DEUS

O PAI ENVIA

O FILHO

Encarnação
amor maior (na cruz)
salvação
recapitulação



A Igreja nasce deste envio trinitário, desta Missão de Deus, na festa de Pentecostes. Ela vive a essência missionária de sua origem no Seguimento de Jesus, anunciando o Reino e convocando a humanidade para o encontro com Deus. A Missão vem de Deus e volta para Deus.

2. Desdobramentos: seguimento, transformação, identidade

A reflexão sobre a articulação da “Missão de Deus” com o mistério da Santíssima Trindade permite compreender melhor a profundidade da origem, do significado e do horizonte da Missão dos cristãos e da natureza missionária da Igreja. Jesus de Nazaré, “Enviado do Pai”, “assumiu toda a natureza humana” (*Ad Gentes*, 3). A natureza missionária da Igreja encontra o seu ser e seu horizonte nesta origem e assunção. A Missão da comunidade cristã está entrelaçada com a “Missão de Deus” em Jesus Cristo. O significado do nome de Jesus é seu programa: Deus salva. E esta Missão que é expressão do amor de Deus, é gratuita, mas não sem fim ou sem interesse.

Há uma certa dificuldade de articular gratuidade com finalidade ou interesses, porque se suspeita existir por trás dos interesses “segundas intenções” que ferem a gratuidade. Os fins, os objetivos, o olhar para a chegada, muitas vezes, turvam a transparência da gratuidade no *kairós* do aqui e agora. Pode-se descrever essa dificuldade, sem poder solucioná-la. Os místicos, como Cusanos e Eckhart, falam da “coincidência dos opostos” em Deus. O Reino está no meio de nós e, ao mesmo tempo, tem uma dimensão escatológica. História e escatologia, gratuidade e finalidade podem, na perspectiva dos místicos, ser compreendidas como algo que — em última instância — coincide. A gratuidade da Missão do Verbo tem, portanto, uma finalidade e um objetivo. Também a gratuidade do amor maior que é a doação da vida, tem um ponto de chegada. Doar a vida não é algo estético, como se fosse “arte pela arte”. O amor maior é ético. Sua finalidade, porém, não pode ser confundida com obras de caridade para converter o outro. O “setor social” da Igreja é expressão do amor que transborda, não do proselitismo, nem do marketing. A finalidade da Missão tampouco é conseguir um lugar no céu para os missionários, nem a conversão de toda a humanidade à Igreja Católica. A contagem dos que ainda não são católicos, como estímulo para a Missão, tem, por vezes, algo irritante e “comercial”. Essas finalidades — ganhar o céu para si, forçar a conversão pelo marketing bondoso e melhorar a percentagem católica no mundo — são incompatíveis com a gratuidade e relevância da Missão.

Mas, ao mesmo tempo, pode-se afirmar que a finalidade da Missão, mantida rigorosamente a sua gratuidade, é a recapitulação da humanidade em Cristo e no seu projeto, que é a vida plena do Reino. A Missão vem de Deus e volta para Deus. A recapitulação em Cristo não tem nada a ver com “integração subordinada” ou “corporativismo”, porque nesta recapitulação prevalece a gratuidade e a liberdade. Como os “sinais de Deus no tempo” não estão limitados ao espaço interno da Igreja Católica, assim também o projeto de Deus é mais amplo que qualquer uma das Igrejas. É preciso agradecer, como Igrejas a Deus que nenhuma tem toda a responsabilidade pelo projeto de Deus no mundo. Somente assim a Missão — o envio até o fim dos tempos e os

confins do mundo — pode ser assumida sem tendências depressivas (por causa das falhas) ou autoritárias (por causa da totalidade). A comunidade eclesial sabe que é santa pela vocação e pecadora em sua atuação histórica. A presença da Igreja no mundo é caracterizada pela “representação”, não pela “totalidade” (*pars pro toto*). O representante do Rei não é Rei. A Igreja é apenas “sacramento”, “sinal” e “instrumento” desta recapitulação e da “unidade de todo o gênero humano” (*Lumen Gentium*, 1). Ao lado de um sinal há espaço para outros sinais. O sinal ainda não é a realização daquilo que significa. A Igreja colabora com e aponta para a unidade. Ela libera e não prende a graça em seus “vasos de barro”.

Jesus enviou os seus discípulos para anunciar a boa-notícia da assunção, da recapitulação e da reintegração da humanidade e do mundo no projeto de Deus: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (*Jo* 17,21). E na mesma oração ouvimos Jesus colocar os discípulos na linhagem da Missão divina: “Como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo” (*Jo* 17,18).

Quem são os enviados? Mas, antes de poder responder a esta pergunta, é preciso perguntar: Quem é Jesus? O envio de Jesus à Missão, assumido pelos cristãos no seguimento, tem uma incidência sobre a compreensão da identidade daquele que envia e do mundo em que se realiza o seguimento. Quem é Jesus?

Ao perguntar quem é Jesus se pergunta ao mesmo tempo a origem de sua autoridade, a finalidade e a qualidade de sua Missão. No *Evangelho de São João*, Jesus se apresenta a si mesmo como “pão da vida” (*Jo* 6,35), “luz do mundo” (*Jo* 8,12) e “ressurreição” (*Jo* 11,25), como “bom pastor” (*Jo* 10,11), como “porta” (*Jo* 10,7), como “videira” (*Jo* 15,1) e como “caminho” (*Jo* 14,6). As primeiras três autodenominações de Jesus são sublinhadas por sinais: a multiplicação dos pães, a cura do cego e a ressurreição de Lázaro. Ao identificar-se com “pão”, “visão” e “ressurreição”, Jesus caracteriza a sua Missão, e, por conseguinte também a dos cristãos, como intervenção nas grandes questões do mundo, que são a redistribuição do pão, a cura da cegueira e o combate à morte, com todas as suas ramificações. Todas essas intervenções têm uma dimensão que se refere a pessoas concretas: um faminto, um cego e um morto. Mas, por serem sinais, apontam também para as enfermidades estruturais da sociedade: para a apropriação do pão por poucos, para o reconhecimento do outro e o olhar ideológico das elites, e para a vida mutilada e tirada antes do tempo, por causa da idolatria do poder. “O último inimigo a ser destruído será a morte” (*1Cor* 15,28).

As outras quatro autodenominações de Jesus têm algo a ver com novas relações. Lembram as dimensões relacionais da Santíssima Trindade, que são desdobramentos do amor: o conhecimento profundo do *bom pastor*, a passagem livre pela *porta*, a união íntima com a *videira* e o despojamento no *caminho* para encontrar aquele que caiu nas mãos dos ladrões, o pobre, o outro e todos os que sofrem.

Esta autocompreensão de Jesus configura a Missão e a identidade dos cristãos. Quem são eles? São comunidades missionárias que têm um compromisso com a redistribuição do pão, com o reconhecimento do outro e com o combate à morte. São comunidades missionárias a caminho. São “os do caminho”. São movimento, movimento em transformação pessoal, coletiva, histórica, e movimento à espera da transformação definitiva. Essa transformação definitiva ou escatológica emerge das transformações diárias. Porém, ela será mais que a soma destas transformações diárias. O compromisso com a redistribuição do pão e a transfiguração do mundo é assumido pela comunidade missionária, simbolicamente, na Celebração da Eucaristia, que recorda e sustenta a presença dinâmica do amor maior e universal no meio de nós.

Existe algo mais complicado do que “identidade em transformação”? Identidade como referencial estruturante do “ser estável” e transformação como eixo do “vira ser”? Qual é a possibilidade de convivência entre “identidade” e “transformação”, e qual é a finalidade destas transformações e conversões permanentes? Guiados pela estrela de Belém, que leva ao contexto da encarnação (inculturação), e pelo Espírito Santo, que permite pensar a diversidade dos povos na universalidade do mundo e na unidade de um projeto, a transformação última permitirá ver Deus face à face (cf. *Mt* 2,2; *Ap* 22,4). O último objetivo do caminho é o reencontro de cada um e de toda

a humanidade com Deus, seu Criador. É a utopia da bem-aventurança definitiva que promete aos puros de coração, aos que venceram suas ambições e ambivalências, ver a Deus (*Mt* 5,8). Aos que se tornaram luz, diz o salmista, será possível ver a luz: “Com tua luz nós vemos a luz” (*Sl* 36,10).

A utopia e o horizonte não afastam dos cristãos o olhar para as tarefas concretas e as transformações diárias por realizar. O Vaticano II aponta para a necessidade de articular o horizonte utópico com o caminho concreto quando afirma que

“A esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra. Nela cresce o Corpo da nova família humana que já pode apresentar algum esboço do novo século. Por isso, ainda que o progresso terreno deva ser cuidadosamente distinguido do aumento do Reino de Cristo, contudo é de grande interesse para o Reino de Deus.”

(*Gaudium et Spes*, 39)

Nas transformações diárias é que se vive a transformação última como tarefa e dádiva. É o rompimento da graça no cotidiano, no simples e na pequenez da vida. Nessas transformações os cristãos saboreiam, antecipadamente, a presença do Reino que, simbolicamente, celebram na Eucaristia. É a transformação do mundo que encontram a sua frente, no caminho, mediante novas relações. É o mundo habitado por anjos e demônios, o mundo onde o Neoliberalismo formata a globalização, o mundo dos outros, dos pobres, dos sofredores.

A identidade da comunidade missionária é, permanentemente, transformada pela intervenção dos outros e dos pobres. Os pobres e as pobres intervêm na gerência da propriedade dos cristãos. Os sofredores e as sofredoras apelam para a sua sensibilidade. O encontro que transforma a *identidade, propriedade e sensibilidade* dos cristãos, os faz entrar numa nova órbita que se pode chamar de a órbita ou a lógica do Reino. Em seu conjunto, os pobres, os outros e os sofredores desafiam a “formalidade” da fé cristã e forjam a passagem do “livro” (Bíblia) e das “fórmulas” para a vida, da vida para a solidariedade militante, da luta para a contemplação.

O encontro no caminho se dá na partilha da palavra e do pão, do espaço e do tempo, dos dons que se tem e dos bens que a vida proporcionou. As novas energias e vocações missionárias surgirão a partir de gestos infinitos de partilha. A partilha de dons e bens faz a ponte para a partilha maior que é a doação da vida no amor maior. A partilha é rito de iniciação permanente ao envio. Precede a Missão e a acompanha. Os discípulos de Emaús encontram a sua Missão — anunciar o Ressuscitado — na partilha do pão. Ao repartir o pão reconheceram, no outro, Jesus, o missionário ressuscitado. A Celebração Eucarística termina sempre com o envio. As palavras “Missa” e “Missão” têm a mesma raiz.

O rito de iniciação, a partilha, passa por cenários de purificação e rupturas. Rompe com a lógica da acumulação, que é a lógica do ter. Na lógica do ser, o pão partilhado não acaba. Rompe com a lógica da convenção do “culturalmente correto”, da alienação pelas modas e mercados. Na força do pão partilhado está a possibilidade do caminhar “apaixonado por Deus”, como o profeta Elias, “quarenta dias e quarenta noites” (*IRs* 19), uma vida inteira, até à montanha de Deus, o Horeb, até o Sinai, o Tabor e o Calvário.

No Tabor aparecem Elias e Moisés, conversando com Jesus, e a Antiga Aliança com Israel é transfigurada e transformada pela Nova Aliança com a humanidade (*Mt* 17,1-13). A transfiguração de Jesus pelo amor maior aponta para a transformação definitiva e universal que passa pelo Calvário das transformações históricas do mundo e pelas transformações biográficas, mentais e espirituais de cada um.

O episódio da transfiguração, com a presença de Elias e Moisés, permite pensar a relação entre “transformação” e “identidade” — tão importante para a constituição da identidade missionária — a partir da história de Israel. Essa história, com seus três erros arquetípicos, pode ser interpretada como uma advertência para a comunidade missionária.

Num primeiro momento, a construção da identidade passa por um tempo de “separação” e “preparação”. O povo eleito, Israel, constituiu a sua identidade numa longa marcha pelo deserto. O

Antigo Testamento mostra a pedagogia sábia de Javé, que, apesar da rebeldia e dos erros de seu povo eleito, nunca rompe o diálogo pedagógico com Israel.

O primeiro erro de Israel foi não querer crescer em liberdade. No meio do deserto, o povo foi assaltado por um sonho regressivo. Queria voltar para a escravidão e “panelas de carne”. Comparou as facilidades da escravidão com o sacrifício da liberdade. Também hoje as “gaiolas institucionais” e as prisões do “senso comum” oferecem as suas recompensas.

O segundo erro de Israel foi, agora já na terra prometida de Canaã, de querer ser como os outros povos. Queria defender-se com as armas dos inimigos. Israel adapta-se aos povos da vizinhança de Canaã, introduz um regime de realeza centralizada, para defender a terra conquistada. Mas a aculturação foi o caminho para a divisão do reino e a perda da terra. A tentação de querer ser como os outros, acompanha a comunidade missionária até hoje. A adaptação superficial, a inculturação folclórica e a imitação das modas podem levar à perda de identidade eclesial.

Na Babilônia, os exilados de Israel sonharam reconstruir a sua identidade com atitudes que deveriam contrastar com aquelas de Canaã, que os fizeram perder a terra da promessa. Assim cometeram o terceiro erro. Quando voltaram a Jerusalém, construíram muros em torno do Templo e de Jerusalém. Ergueram o muro do legalismo em seus corações, que confundiram com pureza. Os muros impediram a sua Missão universal: ser luz para as nações (*Is 42,6*), preconizada por Isaías.

Diante destes mal-entendidos da identidade — a regressão ao passado, a adaptação aos vizinhos e o fechamento narcisista que produz a reclusão como destino —, Jesus faz uma proposta nova: estar no mundo sem ser do mundo. Essa proposta parecia ser uma ruptura com a própria tradição religiosa de Jesus. Mas seu projeto rompeu apenas com uma identidade regressiva, étnica e privilegiada, e com uma identidade aistórica e fundamentalista. Israel queria erguer os seus muros, como de fato fez, no mundo. Os discípulos do Tabor queriam construir tendas de reclusão. Não vivemos também na Igreja de hoje um bom tempo para os pedreiros que são construtores de muros? Mas Jesus era carpinteiro. Construiu barcas para pescadores atravessarem rios e mares. Israel confundiu o tempo de reclusão preparatória com uma Missão privilegiada permanente. E os muros impediram a sua visão e a sua Missão. Jesus não rompeu com a sua tradição religiosa. Apenas corrigiu a visão estreita de Israel que se fechava na Lei, matava os profetas e procurava cumprir a vontade de Deus, olhando pela fechadura da porta do templo para o mundo e para a história.

Jesus mandou seus apóstolos e seguidores descerem do Tabor com a tarefa de irem ao mundo sem ser do mundo. A construção da identidade só é bem sucedida, se for capaz de romper com a reclusão e sair ao mundo. Isso exige romper com a regressão infantil, muitas vezes enfeitada como fidelidade à tradição ou obediência, romper com o medo da liberdade e da alteridade, romper com a tentação do fundamentalismo, romper com o desejo mimético de correr atrás de modas e mercados. A identidade missionária precisa integrar toda a tradição da Igreja, porém sem obsessão de imitá-la. Precisa, sobretudo, resgatar a tradição profética e ter a coragem de ver hoje mais longe que ontem.

A comunidade missionária agradece o povo de Israel por uma longa tradição profética, que preconizou as rupturas sistêmicas necessárias para que a Missão possa ser universal. Universal é a Missão cristã, não por causa de uma suposta prepotência, mas por causa das vítimas. Estas cobram das comunidades missionárias as promessas do Evangelho e de tantas reuniões e conferências. “Que tal”, dizem essas vítimas, “retomar as afirmações da Igreja de *Medellín* que procurou a ‘transformação da América Latina à luz do Concílio’ e definiu a sua identidade como uma Igreja ‘pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação do homem todo e de todos os homens’”? (*Medellín*, Juventude 15).

3. Compromissos e lembretes

Comunidades missionárias são, geralmente, comunidades pragmáticas que pisam firme no chão concreto de seus contextos. Fazem muitas coisas num dia só, mas, às vezes, falta a articulação com a razão de sua presença e ação, com atitudes fundamentais que configuram seu horizonte. Por

isso arrisco nesta parte, à base dos fundamentos acima considerados, alguns lembretes; lembretes de compromissos que podem ser reassumidos com novo ardor.

a) Ver a realidade

A relevância da Missão exige da comunidade missionária cada dia a coragem de “ver novamente” (Mc 10,51), como o cego à saída de Jericó. A análise teórica da realidade e a inculturação prática fazem ver e compreender as pessoas, as culturas e o mundo à luz da fé. “Ver”, “compreender” e “reconhecer” são desdobramentos do amor e do seguimento de Jesus, que se revelou como “luz do mundo” e que deixou aos seus seguidores como último e significativo sinal de sua boa-nova a “cura do cego”. Só aquele que recupera a vista é capaz de seguir Jesus no caminho para Jerusalém. “Ver novamente” é um antídoto contra as ideologias e os fundamentalismos. “Ver novamente” abre os olhos para os sinais de Deus no tempo, para muito além daquilo que é “senso comum”, que é esperado ou conveniente. Ver longe e ver fundo produz esperança, para além dos conflitos e da violência do mundo conturbado. O neoliberalismo, com seus eixos da acumulação, privatização e concorrência, pode fazer compreender novas dimensões da relevância missionária: a dimensão da partilha, da comunidade e da gratuidade. Para a comunidade missionária, o princípio-realidade e o princípio-esperança são irmãos gêmeos. O essencial da palavra de fé é a capacidade de “pintar” imagens de esperança, e o essencial da ação missionária é a capacidade de, a partir da justiça da ressurreição, produzir “sinais de justiça”. A comunidade missionária não foge de Jerusalém. De Emaús, da mesa de onde o Ressuscitado repartiu o pão, ela volta para Jerusalém. Agora vê mais longe, para caminhar mundo afora. Cheia de alegria e esperança, testemunha a justiça da ressurreição. Ao anunciar “o Senhor, nossa justiça” (Jr 23,6), assume a dimensão profética do seguimento.

b) Anunciar a presença de Deus no mundo

Ao ver novamente, a comunidade missionária recupera a prioridade do seu anúncio que é a presença e a “Missão” de Deus no mundo. Ao mesmo tempo, sabe que no mundo moderno, que é um mundo pós-colonial, precisa articular essa prioridade com a relevância de sua Missão para as dores das pessoas e os conflitos da humanidade.

Essa presença de Deus-Uno e Trino é o fundamento de qualquer atividade missionária. A práxis da comunidade missionária está enraizada no coração deste Deus que é o Deus-Criador e Salvador de todos, o Deus que envia em Missão e espera a comunidade missionária e cada um no lugar de uma suposta chegada para dizer: “Vão novamente, sois caminho, não há chegada!”. Pela prática missionária, seja pela presença, o testemunho, a diaconia, a palavra ou a liturgia, Deus não é levado a pessoas ou a um mundo sem Deus. Também o mundo secularizado, o mundo ateu e o mundo pós-moderno não são mundos abandonados por Deus, embora possam ser, fenomenologicamente, mundos onde Deus deixou de ser um referencial. A Missão é “propagação da fé”, não “propagação de Deus”. Não se deve, porém, confundir “propagação” com “pregação”. A propagação negaria a presença de Deus, enquanto a pregação se dirige, concretamente, à consciência das pessoas e procura mostrar a relevância de Deus para o mundo de cada um. O anúncio prioritário da Missão não é a Igreja, mas Deus.

Para a comunidade missionária, a fé em Deus que está no meio dos cristãos e dos não-cristãos é como um salva-vidas no mar do mundo que, às vezes, hostiliza seus mensageiros, procura cooptá-los ou, simplesmente, esquecê-los. No concerto das outras religiões, a propagação da fé cristã particulariza, privilegia e universaliza *um* caminho como *o* caminho. Num contexto pós-colonial e pós-cristão, a Missão precisa ser libertada de atitudes impositivas, e a comunidade eclesial tem a necessidade de legitimar a sua “Missão” mediante sua relevância para o mundo e para as pessoas. A relevância da Missão, a sua capacidade de ouvir as perguntas pertinentes do mundo, de invocar imagens de esperança e produzir sinais de justiça, redime a sua particularidade.

c) Optar com os pobres

Procurei refletir sobre a relevância da Missão para o mundo a partir da “Missão de Deus” no mundo e do seu “Enviado”. Jesus de Nazaré apresenta o “projeto de Deus” que é o Reino, e seus protagonistas. Hoje, no contexto de uma certa “escassez” vocacional generalizada, a questão dos protagonistas da Missão merece uma atenção especial. Com quem realizar a Missão de Jesus Cristo? A opção pelos pobres não haveria de ser cada vez mais uma opção com os pobres?

A questão dos sujeitos da Igreja e dos protagonistas do Reino passa pela questão do projeto que produz sentido e norteia o caminhar. Logo no início da vida pública de Jesus, o Evangelho de Lucas mostra o antiprojeto de Jesus que está presente nas tentações (*Lc 4,1*), e o projeto que está descrito no discurso na sinagoga de Nazaré (*Lc 4,14ss*). O antiprojeto é o “projeto deste mundo”. É o reino do *pão não partilhado*, do *poder*, do *privilégio* e do *prestígio*.

Diante da tentação real de reformar o mundo com as elites (jovem rico, doutor da lei), Jesus propõe a transformação com novos atores. Uma destas transformações — na cultura cristã — é a transformação do outro, do pobre e do sofredor em mensageiro de Deus, em “enviado do Pai”, em possibilidade do encontro com Deus. Este Deus, que, por meio do seu Filho Jesus Cristo se encarnou na história e na realidade humana, agora não vai mais ao encontro da humanidade pelas forças da natureza. Não está no impetuoso furacão, nem no terremoto, nem no fogo, nem, se quiser, na brisa suave (cf. *1Rs 19,11s*). Em seus discursos axiais da Sinagoga de Nazaré (*Lc 4*), das Bem-aventuranças (*Mt 5*) e do Último Juízo (*Mt 25*), Jesus de Nazaré é muito claro. Os protagonistas de seu projeto, que é o Reino de Deus, são pobres, contritos, cativos, cegos, famintos, sedentos, oprimidos, odiados, peregrinos estranhos, maltrapilhos, cegos, surdos, enfermos. Mas estes não são apenas os protagonistas ou os destinatários do projeto missionário, são também os representantes de Deus no mundo. Como tais — “para que a vossa alegria seja completa” (*IJo 1,4*) —, apontam para um outro mundo que é possível e já existe. Na lógica do Reino, os outros, os pobres e os que vivem no lado sombrio do mundo são, para a Igreja missionária, caminho da verdade e porta da vida. A comunidade missionária os convida a ajudar a melhorar a qualidade do seu serviço.

Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque foi do teu agrado revelar os segredos do Reino aos pequenos (cf. *Mt 11,25*) e, em suas feições sofredoras, teu Filho Jesus Cristo (cf. *Puebla, 31*).

Pe. Paulo Suess
Presidente da Associação Internacional de Estudos da Missão (Iams)

“MUTIRÕES” DE REFLEXÃO — METODOLOGIA

Os participantes do Congresso, reunidos nos “Mutirões” de Reflexão, tiveram a oportunidade de aprofundar os temas propostos pelo *Instrumento de Trabalho* do CAM 2—Comla 7. O objetivo da reflexão foi produzir, mediante a partilha, uma contribuição temática específica, a partir da nossa vivência missionária, em vista da realização do CAM 2—Comla 7, à luz das colocações sobre o **tema geral** do Congresso: *Enviados aos Confins do Mundo para Anunciar o Evangelho da Paz, a partir da Pobreza, da Alteridade e do Martírio no Meio de Nós*.

Objetivo Aprofundar a reflexão para produzir, por meio da partilha, uma contribuição temática específica, a partir da nossa vivência missionária, em vista da realização do CAM 2—Comla 7.

Temas

1. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo: Conversão, Comunhão, Solidariedade.*
2. *A Espiritualidade do Povo de Deus, a partir, na e para a Missão.*
3. *Famílias, Jovens e Crianças: Protagonistas da Missão.*
4. *A Missão, Vida da Comunidade Paroquial.*
5. *A Igreja Particular, Responsável pela Missão Universal.*
6. *As Instâncias de Animação e Formação Missionária na Igreja Particular.*
7. *Os Novos Caminhos no Anúncio do Evangelho da Vida.*
8. *A Missão diante dos Desafios da Globalização, da Violência, das Culturas e das Migrações Humanas.*
9. *A Missão diante dos Desafios dos Grupos Fundamentalistas e dos Novos Movimentos Religiosos.*

Responsáveis	Coordenador	Convocava as pessoas para a sala. Acolhia e apresentava os participantes e o assessor. Animava e dinamizava a participação. Monitorava e gerenciava o trabalho do grupo. Preparava os momentos de oração e a Celebração Eucarística.
	Assessor	Apresentava o tema, a partir do <i>Instrumento de Trabalho</i> . Questionava os participantes, segundo a metodologia sugerida. Escutava e anotava as contribuições dos participantes. Expunha sua relação sobre o tema. Debatia e partilhava a síntese conclusiva com os participantes.
	Secretário	Preparava e distribuía o eventual material aos participantes. Conferia a presença dos participantes. Anotava as contribuições dos participantes. Assistia o Coordenador na gestão do grupo e nas atividades. Assistia o Assessor na hora de preparar a síntese.

Participantes: aproximadamente 40/50 pessoas.

Lugar: três salas à disposição.

Equipamento: um computador.

Metodologia	<p>1ª Sessão Sexta-Feira, 18 de julho 14h—16h</p> <p>2ª Sessão Sexta-Feira, 18 de julho 16h30—18h</p> <p>Sessão conclusiva Sábado, 19 de julho 8h—10h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Breve momento de animação e oração. 2. Apresentação do tema a partir do <i>Instrumento de Trabalho</i> do CAM 2—Comla 7. 3. Questionamentos: escutando a Palavra, confrontando a Mensagem com a vida, transformando a realidade. 4. Ressonâncias a partir das vivências: <ol style="list-style-type: none"> a) palavra aos representantes dos regionais. b) organização de quatro grupos mistos de dez pessoas. 5. Plenário e socialização dos quatro grupos. 6. Colocação e reação do Assessor. 7. Celebração Eucarística: <div style="border: 1px solid black; padding: 10px; margin: 10px 0;"> <p>“Fica conosco, Senhor!”</p> <p>Com ênfase ao Ato Penitencial. Liturgia da Palavra: <i>At 10,34a.37-43 — Lc 24,13-35</i></p> </div> 8. Oração da manhã: com uma proposta sugerida pela Equipe de Liturgia, na presença de pessoas de outras igrejas e confissões. 9. Apresentação da síntese por parte do Assessor. 10. Debate. 11. Preparação da metodologia de apresentação no grande plenário.
Encaminhamentos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Foi realizado um encontro entre todos os coordenadores, assessores e secretários na quinta feira, 17 de julho, às 14h30, na sede do Congresso, na sala indicada pela Comissão de Assessoria. 2. Depois da segunda sessão, o Coordenador, o Assessor e o Secretário de cada “Mutirão” foram convidados a permanecer no local, para avaliar os trabalhos, redigir as sínteses e preparar a sessão conclusiva. 3. Depois da sessão conclusiva, os responsáveis por cada “Mutirão” ainda puderam reunir-se para dar um “toque final” e definitivo à redação de um texto temático de no máximo 5 mil caracteres, que faria parte da contribuição da Igreja no Brasil para a realização do CAM 2—Comla 7. 4. Além do texto temático, seria preciso redigir uma Ata do Encontro, que pudesse relatar o debate, a participação e a vivência do “Mutirão”. 5. Concluiu-se com três propostas para a nossa caminhada e três anseios a ser levados ao CAM 2—Comla 7. 	

Sábado, 19 de julho

DIA DA PARTILHA

CONCLUSÕES DOS “MUTIRÕES” DE REFLEXÃO

1. O Encontro com Jesus Cristo Vivo: Conversão, Comunhão, Solidariedade Equipe da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)

O Encontro profundo com Jesus Cristo leva à conversão pessoal, proporcionando uma experiência de comunhão e de solidariedade com todos os irmãos e irmãs. Esta experiência de fé gera necessariamente a Missão universal.

Onde encontrar Jesus Cristo? Na Palavra, pela Leitura Orante da Bíblia, na Eucaristia, que é centro vivo e permanente em torno do qual se congrega toda a comunidade eclesial, no rosto dos irmãos e irmãs pobres e excluídos.

A última recomendação de Jesus Ressuscitado aos seus discípulos foi anunciar o Evangelho a todas as nações e em todos os tempos. “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15); “Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28,20b).

Evangelizar constitui a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda e a sua missão específica. O núcleo vital da Nova Evangelização é o anúncio claro da pessoa de Jesus Cristo, sua vida, seus ensinamentos, e anúncio do Reino, que Ele conquistou para nós mediante o Mistério Pascal.

O anúncio de Cristo, Mestre da Justiça, deve ser o resultado de um encontro pessoal com Ele, pelo testemunho da própria vida, que gera novas relações libertadoras e humanizantes.

Alguns relatos bíblicos

O NT narra com freqüência que homens e mulheres tiveram um encontro especial com Jesus. Foram encontros que transformaram a vida de cada um deles, dando um novo rumo às suas ações.

Podemos expressar aqui alguns exemplos que poderão iluminar as nossas vidas.

Após um longo diálogo, Jesus se revela à Samaritana com a expressão: *Eu sou!* Sua identidade é revelada à Samaritana, que, deixando o cântaro, vai anunciar ao seu povo o Cristo, o Messias, ela, anônima, samaritana, parceira do Reino, onde Deus é Pai e quer ser adorado em espírito e verdade.

Maria Madalena é a primeira a fazer a experiência do ressuscitado, e, no encontro com Cristo, e é enviada por Jesus: “Vai dizer aos meus irmãos. Subo ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus”. Chega Maria Madalena anunciando aos discípulos: “Vi o Senhor e Ele me disse isto!”.

Os discípulos de Emaús também fizeram a experiência do Cristo Ressuscitado, ao partir do pão. A primeira parte deste texto é uma exegese pascal, ou seja, a chegada é a descoberta e compreensão do mistério, ao partilhar o pão. Essa liturgia converte-os em mensageiros do Ressuscitado.

O anúncio de Cristo pelo testemunho da própria vida é resultado de um encontro pessoal com Ele. Esse encontro tem também uma dimensão eclesial, de comunhão. Um compromisso de vida com o plano do Pai, que é o desejo de que todos e todas participem dessa comunhão com a

Trindade, e comunhão solidária com todos os irmãos e irmãs. Essa comunhão é fruto da fidelidade ao Espírito Santo, levando a um constante discernimento.

A medula de toda a evangelização é converter-se e crer no Evangelho. É indispensável superar a divisão entre fé e vida, a fim de que a conversão seja verdadeira e completa. Portanto, o anúncio do Evangelho nasce da comunhão com a Trindade e com os irmãos e irmãs, a serviço do Reino.

Partindo do Evangelho, promover uma cultura de solidariedade que impulse oportunas iniciativas de ajuda aos mais necessitados, na luta pelos direitos humanos, na defesa da vida, na denúncia dos pecados sociais, numa atitude profética, que se indigna diante dessas injustiças. Os pobres serão sempre os primeiros sujeitos e destinatários da evangelização. O próprio Jesus proclama, na Sinagoga: “O Espírito do Senhor ungiu-me, para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18).

Confrontando a mensagem com a Missão

1. Desafio: Como proporcionar uma formação integral, cuja centralidade seja a pessoa de Jesus Cristo, o seu Projeto, o Reino, que tenha como fruto um compromisso solidário e transformador?

Proposta: Investir na formação e acompanhamento das lideranças e agentes de Pastoral, em todas as dimensões, principalmente a bíblico-catequética e missionária.

2. Desafio: Como entender e vivenciar a dimensão cultural na Missão evangelizadora?

Proposta: No processo da inculturação, considerar a historicidade dos vários sujeitos, respeitando e valorizando a sua experiência de vida, sua cultura e sua fé. Esta é a pedagogia da paciência histórica.

3. Desafio: Como favorecer novas relações nas comunidades, para que sejam espaços de acolhida, de comunhão e solidariedade, principalmente com os excluídos e excluídas?

Proposta: Resgatar a experiência das primeiras comunidades cristãs, para que nossas comunidades se tornem um sinal e um espaço de superação do individualismo, na prática da comunhão solidária, transformadora da realidade sócio-político-econômica e religiosa.

Nossos anseios ou sonhos

1. Uma pastoral orgânica funcionando em redes de comunidades, respeitando o pluralismo, as várias expressões religiosas, na construção da “vida plena” para todos e todas.

2. Redimensionar as relações de gênero, em que a mulher tenha visibilidade e protagonismo reconhecidos pela Igreja.

3. Que a Igreja da América Latina, ou de toda a América, seja, pelo diálogo, pela compaixão, pelo ardor missionário, pela solidariedade, a Igreja dos pobres, misericordiosa, Rosto da Trindade, escola e casa de comunhão.

Ata do “Mutirão” de Reflexão 1

Os trabalhos tiveram início às quatorze horas do dia dezessete de julho de dois mil e três, na sala duzentos e seis do prédio quarenta e três da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Ir. Maris Bolzan, Presidente da CRB Nacional, abriu a sessão, dando as boas vindas aos participantes, e apresentando a mesa composta pelas Ir. Maria Salomé Gonzaga — Assessora —, Ir. Maria de Fátima Kapp — Coordenadora —, e Ir. Leíza Azeinade Lima — Secretária. Quarenta participantes, de dezesseis regionais da CNBB, compunham a assembléia. A Ir. Maria de Fátima Kapp convidou as pessoas a se apresentar. Após a apresentação de quatro ou cinco pessoas,

cantava-se um refrão de boas-vindas. Logo após, a assembléia rezou uma oração ao Espírito Santo. Foi passada uma lista de presença, para ser assinada pelos participantes. A Assessora fez memória das três palestras da parte da manhã, realçando os aspectos fundamentais e pertinentes à temática que seria objeto de reflexão na parte da tarde. Apresentou a metodologia de trabalho: primeiro momento, escutando a mensagem; segundo momento, confrontando a mensagem com a vida; terceiro momento, síntese dos desafios, propostas de trabalho. A temática foi bem apresentada, sintetizada num esquema, contemplando todas as dimensões do encontro com Jesus Cristo, da conversão ao discipulado. Fundamentada na Escritura Sagrada, cinco relatos de encontros significativos com Jesus foram retomados: A Samaritana (*Jo* 4,5-52); Zaqueu (*Lc* 19,1-10); Maria Madalena (*Jo* 20,11-18); Discípulos de Emaús (*Lc* 24,13-35); Paulo (*At* 9,3-30). A Assessora realçou a necessidade da comunhão profunda com Jesus e, por Ele e n'Ele, com o Pai e o Espírito Santo. Apontou os lugares teológico-teológicos do encontro com Jesus: a Palavra, pela leitura orante; a Eucaristia, centro vital do encontro com a Trindade Santa; o rosto dos irmãos/ãs, especialmente os pobres; a comunidade eclesial: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estarei no meio deles”, disse Jesus. Para finalizar, a Assessora afirmou que somos morada da Trindade Santa, e reportou-se às palavras de Jesus: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará e a ele iremos e nele faremos morada”. (*Jo* 14,23). Em seguida, Ir. Maria Salomé convocou a assembléia para conversar, em “duplas”, levantando os desafios, a partir da prática missionária, em confronto com a reflexão. Estes foram os desafios: como superar o individualismo, como organizar a Igreja. Desafios da formação: tentação da pastoral de manutenção; medo de ir ao encontro do outro; cisão entre teoria e prática; conversão sem frutos, sem prática, sem compromisso eclesial; proselitismo; desagregação familiar; linguagem que não atinge; falta de formação missionária e de vivência de espiritualidade, de mística; fé superficial, tanto nos agentes de pastoral como nos padres; falta de conscientização da cidadania; preocupação com o anúncio, sem acompanhamento; fé e vida desencarnada da realidade; não se considera o encontro profundo com Jesus; catequese de doutrina, sem a experiência de Jesus; postura do missionário/a, presença que aflore a identidade do povo, resgate a identidade, dê valor ao outro como sujeito e não como objeto da evangelização; superação da reciprocidade para a gratuidade (dois mendigos que se encontram), liberdade na troca; inculturação, que ainda não aconteceu; esvaziamento para se preencher com a experiência; disposição de viver como pessoa, Jesus Cristo se aproxima como pessoa; questão de gênero; Igreja machista; acomodação; Missões Populares superficiais; prática da justiça numa sociedade excludente, econômica e culturalmente; missionário — ir à frente; beleza do diferente; medo do outro, pessoa como objeto de trabalho diante da globalização e do pensamento neoliberal.; superar o individualismo. Após a apresentação desse painel, foram formados quatro grupos de trabalho, para eleger três desafios e apresentar propostas para superá-los. Os anseios para uma evangelização transformadora foram também elaborados nesses trabalhos dos grupos. Estes foram os desafios, propostas e anseios. Desafios: formação no seminário, superar o individualismo; como organizar a Igreja; formação integral da fé-vida, resgatando a dimensão missionária (seminários); como atingir a família, para atingir a vocação; como formar e fortalecer a Comunidade Cristã; formar e acompanhar; protagonismo dos leigos; inculturação. Propostas: reviver a experiência das primeiras comunidades, direcionando para a solidariedade; valorizar o que se tem; formação integral de leigos, seminaristas, padres; pastoral orgânica, rede de comunidade; investir na formação cristã, social e política; investir na formação e acompanhamento dos líderes em todas as etapas, dando destaque à dimensão missionária; retomar a questão da inculturação, que requer conversão; promover o protagonismo dos leigos; dar novo sentido ao papel da mulher, que ela participe das decisões. Anseios: pastoral de conjunto, sem gavetas; Infância Missionária de casa em casa; Igreja solidária, comprometida e inculturada; educar para a solidariedade; pastoral orgânica, em rede de Comunidades Eclesiais de Base; diálogo, ardor e paixão; Ecumenismo; Igreja dos Pobres, solidária, de diálogo, comprometida e inculturada; renovar a metodologia das celebrações litúrgicas; criatividade, arte, vida. A Assessora fez suas considerações finais e a Coordenadora encaminhou a preparação da liturgia. A Celebração Eucarística, unindo fé e vida no dinamismo do Mistério Pascal, encerrou as sessões do dia.

Às oito horas, na sala duzentos e oito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o “Mutirão” teve continuidade, com a oração da manhã, dinamizada por um grupo de Congado. Logo após, a assessora apresentou o texto produzido e o colocou em discussão no grupo. Alguns questionamentos foram feitos, e propostos alguns acréscimos. Foi proposto à assembléia organizar uma forma de apresentação criativa. Vários participantes deram suas opiniões e chegou-se ao consenso de se formar um grupo que concretizasse a proposta. O mesmo foi formado, e passou-se ao ensaio da apresentação. A assessora apresentou as emendas propostas ao texto, que foram aprovadas. A Coordenadora, Ir. Maria de Fátima Kapp fechou os trabalhos da sessão, agradecendo a participação de todos. A Ir. Máris Bolzan agradeceu os serviços prestados pela mesa executiva.

2. A Espiritualidade do Povo de Deus, a partir, na e para a Missão Equipe do Conselho Missionário Regional (Comire) Nordeste 4 (Piauí)

A espiritualidade é inerente a todos os seres humanos. Portanto, toda pessoa, cristã ou não, busca respostas que satisfaçam o seu anseio de realização de sua própria identidade, ligando-se ao divino (imanente-transcendente). Entretanto, a espiritualidade cristã do Povo de Deus está centrada na fé-vida, em vista de um futuro que está para vir à luz, do seguimento do próprio Cristo.

Espiritualidade nasce da experiência de Jesus Cristo-Pessoa e de seu mandato de sermos testemunhas até os confins da terra (*Mt 28,18-20*). A espiritualidade é parte integrante da Missão, que vem de Deus e volta para Deus, e impulsiona todos batizados para a Missão.

Analisando a vivência espiritual do Povo de Deus, constata-se uma visão diversificada de sua vida de fé, quando espiritualidade se traduz em práticas que trazem benefícios imediatos, ou se reduz na observância de preceitos e devoções. Trata-se de uma prática que não leva à conversão e ao seguimento de Jesus. Resume-se na falta de compromisso, no individualismo, e na superficialidade, sem a ligação fé-vida. É também desvinculada de uma consciência social transformadora da realidade. Volta-se para um aspecto de promoção pessoal, e não para o advento do Reino.

Contudo, não se pode desvalorizar ou abandonar uma rica experiência de fé, de um povo que nos enriquece com a facilidade de abertura e acolhida, a partir do Evangelho, do Espírito Santo e do aprofundamento sacramental.

A espiritualidade daqueles que têm uma caminhada de engajamento, muitas vezes, é sufocada pelo apego às funções e papéis e sobrecarga, privando-os do ardor e do entusiasmo missionário, como parte integrante da espiritualidade cristã.

É importante passar de uma espiritualidade de rotina para uma espiritualidade consciente e madura na fé:

- saindo de si mesmo;
- fazendo experiência de uma espiritualidade encarnada e inculturada;
- trabalhando para uma Igreja mais comunhão do que instituição;
- resgatando a Leitura Orante da Bíblia;
- anunciando por meio do diálogo, com ardor, com novas expressões, e com a consciência de sermos chamados;
- fazendo a experiência da espiritualidade, não apenas em um momento, mas como parte integrante da vida;
- percebendo a presença de Deus e do Espírito Santo no novo que vem;
- saindo da rotina, para uma espiritualidade do seguimento de Jesus, como dimensão vocacional da vida;
- retomando a Palavra de Deus como elemento norteador;
- aprofundando o Batismo a partir do Batismo de Jesus, como dimensão vocacional da vida;
- inserindo a espiritualidade missionária em todo o agir pastoral;

- favorecendo uma formação e preparação da consciência e vivência da espiritualidade missionária do Povo de Deus no serviço ministerial;
- praticando os valores da pobreza, da pequenez e do martírio, como discípulos de Jesus, que veio trazer vida, e vida para todos;
- tendo uma da mística (pobreza, pequenez e martírio) que nos faz viver com alegria a paixão do mandato missionário de Jesus.

Ata do “Mutirão” de Reflexão 2

Aos dezoito dias do mês de julho de 2003, sob a assessoria de Pe. Eduardo Bastos, coordenador do Comire—NE 4, coordenação de Pe. Hernesto, NE 4, e Secretário do Seminário André Luiz, NE 4, os missionários dos diversos regionais da CNBB refletiram no tema da *Espiritualidade do Povo de Deus*. Após a introdução, o grupo foi subdividido em quatro grupos, para aprofundar o tema com as seguintes questões: a) Quais os elementos essenciais da espiritualidade? b) Como vejo a *Espiritualidade do Povo de Deus*? c) Que fazer para que o Povo de Deus e os mais engajados descubram e assumam a dimensão missionária na vivência da espiritualidade cristã? d) Que se deve fazer para transformar uma espiritualidade de rotina, numa espiritualidade cristã consciente e madura? e) Apresentar uma proposta, como compromisso a ser vivido no Pós-1º Congresso Missionário Nacional, e um anseio, a ser levado para o Comla 7. No momento do plenário, os grupos fizeram as colocações, que foram enviadas pelos membros do grupo. Todas as respostas apresentadas foram recolhidas para o documento final a ser apresentado na plenária. No sábado pela manhã, a oração inicial foi animada por um grupo de índios pataxós de Minas Gerais, que nos emocionou com sua oração de agradecimento à natureza pelos benefícios recebidos. Logo em seguida, Pe. Luiz Eduardo apresentou o texto, que foi lido e discutido. Foram apresentadas sugestões de inversão de parágrafos, conteúdos, supressões de textos, e, finalmente, chegou-se ao texto final, que foi apresentado ao plenário. Para sacramentalizar nosso momento de espiritualidade, contamos com a Presidência do Pe. João Panazzolo, que, alegremente, trouxe para a Celebração de sexta-feira a riqueza das discussões dos grupos, concluindo com as propostas saídas para o CAM 2—Comla 7.

3. Famílias, Jovens e Crianças: Protagonistas da Missão Equipe do Conselho Missionário Regional (Comire) Norte 1

O tema *Famílias, Jovens e Crianças: Protagonistas da Missão*, faz parte do eixo temático do 1º Congresso Missionário Nacional, que foi constituído pelos **sujeitos da Missão**.

Pelo Batismo, cada pessoa é chamada a ser enviada pelo mundo afora (*Mt 28,19*). Sobretudo as famílias, os jovens e as crianças. A Missão além-fronteiras não é para “especialistas”, mas convoca a todos os cristãos a profundas opções, atitudes e mudanças de vida. Percebemos que ainda há pessoas que consideram a Missão como sendo responsabilidade dos padres, bispos e religiosos. É hora de reavaliarmos essa situação e percebermos essas presenças vivas de evangelização: “criança evangelizando criança”, “jovem evangelizando jovem”, “família evangelizando família”. Temos de nos conscientizar de que também as crianças e os jovens são capazes de vivenciar construir o Reino de Deus, por testemunhos e projetos de evangelização específicos, que respeitem suas dimensões sociais, culturais, psico-afetivas, entre outras.

Situação dos sujeitos da Missão

A família sofre vários bombardeios; por isso, torna-se ameaçada pela exclusão social, que engloba pobreza, discriminação, subalternidade, não-equidade, não-acessibilidade e não-representação pública.

Hoje, os modelos de família são bem complexos, não há um único modelo (filhos só com mãe ou pai, criados por avós, mães solteiras que exercem os dois papéis, e ainda crianças que são

mantidas em creches, etc.). Nestas agregações familiares, a vocação missionária os torna protagonistas, e a Igreja os ajuda a cultivar os valores evangélicos da escuta, da acolhida, do respeito, da compaixão, enfim, de serviço aos mais necessitados.

A família muda, mas continua sendo a base da organização social. Ela pode mudar e sofrer várias conseqüências sociais, mas o seu objetivo básico, que é o adulto cuidando dos seus filhos, continua o mesmo. E também ela tem como função favorecer que o indivíduo seja indivíduo.

Alguns sujeitos da Missão na Bíblia

Como membros da Igreja nos deixamos inspirar pela Sagrada Escritura, para iluminar nossa compreensão da Ação Salvífica.

Para nos ajudar na nossa reflexão, a Sagrada Família de Nazaré viveu a sua Missão como protagonista do Plano de Deus nas diferentes etapas da sua história de vida, inserindo-se na caminhada de seu povo (*Lc 2,22-42*), colocando-se a caminho, para defender e proteger a vida (*Mt 2,3-23*).

Ali em Nazaré, José e Maria levaram a sério o compromisso de ser pai e mãe, preocupando-se em ensinar a seu filho o caminho de Deus (*Lc 2,41-52*).

Várias figuras bíblicas são inspiradoras para nossa caminhada missionária. Desde o casal Abraão e Sara, vimos todo o destaque do grande projeto de Salvação de Deus pela promessa da descendência, da terra prometida (*Gn 12*), até o protagonismo de José, que levou a sua família a optar por Deus, e a se colocarem a seu serviço (*Js 24-15*). O *AT* parte da vocação do jovem Samuel, que foi escolhido para uma Missão particular, e muito abençoada (*ISm 3,1-19*).

No *NT*, os discípulos/as de Jesus ajudam-nos a compreender as atitudes necessárias para uma Missão salvadora.

No casamento em Caná da Galiléia, Maria indica ao seu filho Jesus a hora de começar a sua vida pública (*Lc 4,14ss*). A samaritana (*Jo 4,7-42*) viveu uma conversão que a levou a uma mudança de paradigmas familiares.

Dentre os chamados, Jesus escolheu alguns pescadores, como Pedro e seu irmão André, para serem pescadores de homens (*Lc 5,8-11*). Paulo viveu uma grande conversão, de perseguidor de cristãos para ser missionário enviado aos pagãos (*At 9,1-19*). O mesmo Paulo lembra-nos a importância de nossa atitude de gratidão e misericórdia, que se tornam sinais do amor gratuito de Deus pela humanidade (*ICor 13,1-13*); atitudes que devem acompanhar o testemunho do compromisso missionário das famílias, crianças e jovens.

A ação Missionária

Cada missionário é convocado para sair de si e anunciar, construir e concretizar o Reino de Deus, seguindo a orientação da Igreja: *a opção preferencial pelos pobres*.

Atualmente na Igreja existem famílias cristãs que desejam responder ao chamado de Jesus: “Ide pelo mundo”, mas ainda encontram obstáculos e falta de apoio concreto para a realização desse chamado. As famílias cristãs são convidadas a viver seu testemunho além-fronteiras, mediante a partilha, a solidariedade e o ardor missionário.

Diante da realidade da Igreja, hoje, percebemos que falta uma maior consciência do compromisso de sermos missionários a partir do nosso Batismo. A história da evangelização, marcada, em nosso povo, sob a “cruz e a espada”, faz-nos perceber que agentes de pastorais, movimentos de nossas Igrejas, religiosos/as, consagrados/as e os ministérios ordenados perdem-se na metodologia da Missão e evangelização, não observaram que a Missão destina-se à formação de cidadãos para o Reino de Deus, e não em conversão para a Igreja.

No mundo competitivo e globalizado, ainda estamos apresentando a Boa-Notícia de Jesus Cristo com instrumentos rudimentares e sem expressão, que, por mais verdadeiros que sejam, não atingem as consciências das pessoas, que vivem em constante mudança, num mundo tecnológico.

Portanto, é necessária uma maior formação, que fundamente a nossa ação evangélica, baseando-se em uma espiritualidade a partir da Palavra de Deus, da Eucaristia, da solidariedade, da vivência da fé, da acolhida a todos e do diálogo fraterno. É possível, então, viver o gesto profético com atitudes de transformação que levem a um testemunho de vida baseado na justiça, na doação ao próximo e na opção preferencial pelos excluídos.

Propostas

1. Criar Comidis, Comipas, para despertar o ardor missionário nas nossas comunidades e dioceses.
2. Usar os MCS para uma formação de qualidade das famílias.
3. Criar subsídios de animação missionária, facilitando o acesso aos mesmos, para melhor dinamismo do trabalho e para assumir com coragem a nossa Missão eclesial.

Anseios

1. Retomar no nosso continente a orientação de uma Igreja com opção preferencial pelos pobres.
2. Valorizar e destacar a formação missionária.
3. Retomar o Projeto *Igrejas-Irmãs*.
4. Favorecer a promoção humana.

Ata do “Mutirão” de Reflexão 3

No dia dezoito de julho de dois mil e três, às treze e trinta, o grupo do Regional Norte 1, responsável pelo “Mutirão” 3, com o tema *Família, Jovens e Crianças: Protagonistas da Missão*, reuniu-se para preparar o ambiente e acolher os integrantes do grupo de reflexão. O encontro iniciou-se às quatorze horas, com um momento de oração, baseado no Evangelho de Lucas, capítulo 2, versículo 42 e 51 a 52, com enfoque dado à família de Nazaré. O encontro seguiu-se com uma dinâmica de apresentação, por regionais. Estavam presentes os regionais: Sul 1, 2, 3 e 4; Leste 1 e 2; Oeste 1 e 2; Centro-Oeste; Nordeste 2, 3, 4 e 5, e havia uma representação da equipe Nacional do Comina e do Regional Norte 1 e 2. Este momento foi encaminhado com uma dinâmica de entrosamento, que convidou todos a uma maior integração, para melhor resultado da reflexão. O Assessor dinamizou o tema, explanando que cada um de nós é sujeito da Missão. Um dos maiores problemas, que dificulta o trabalho missionário, é a questão da exclusão social que é gerada pela pobreza, escravidão, a não representação pública, a passagem do mundo rural para o mundo urbano, entre outros. Foi dado destaque também ao fato de que a família é a base da organização social, mesmo que ela mude, continua sendo a base, e a sua função é que oferece cuidados e favorece que o indivíduo seja indivíduo. A família é bombardeada pela desigualdade social, violência, drogas, faltando o diálogo e uma maior experiência de fé. No segundo momento, por “duplas”, reuniram-se para dar exemplos concretos sobre as questões: globalização, violência, desigualdade, desemprego, e vivência de fé. As “duplas” partilharam com simplicidade suas experiências e conhecimentos sociais. O Assessor deu prosseguimento ao tema, lançando três questionamentos para os grupos responderem, reunindo-se de acordo com as cores dos continentes, com as seguintes perguntas: 1° Diante do “quadro” da situação familiar, considerando crianças, os jovens e os adultos, quais são as figuras bíblicas que nos inspiram a “missão” evangélica?; 2° Quais são as atitudes de valores cristãos que vão levar a criança, o jovem e adulto a responder ao convite de Jesus para ser missionário/a e colaborar na Missão da Igreja?; 3° Como posso, eu e a minha família e o meu “grupo de vida”, ser servidor do Reino de Deus e colaborar com a Missão universal da Igreja, nas

diversas situações e nos diferentes povos? Foi solicitado aos grupos que lançassem propostas para vivermos a partir deste 1º Congresso Missionário Nacional e como anseios para o CAM 2—Comla 7 na Guatemala (25-30 de novembro de 2003). Os grupos tiveram uma hora para trabalhar. Ao retornar para a partilha, houve muita dinamicidade e questionamentos sobre a vivência missionária, ser verdadeiras testemunhas do Evangelho na nossa realidade, a consciência da Missão e o compromisso de construção do Reino de Deus. Os coordenadores encaminharam a preparação para a Missa, que iniciou às dezoito e trinta. Na Celebração Eucarística foi dado destaque ao Ato Penitencial. Foi uma Celebração bastante participativa, no momento da distribuição da Eucaristia tivemos a partilha do pão ázimo, e concluímos este momento celebrativo com a animação e alegria de continuar a ser verdadeiros missionários.

No dia dezenove de julho de dois mil e três retomamos as atividades no mutirão de reflexão de número três às oito horas. Acolhemos sete crianças da Infância Missionária das comunidades de Contagem e Betim (Belo Horizonte), que viveram conosco um lindo momento de oração, no qual também partilharam suas vidas e experiências missionárias, dando um belo testemunho de vida missionária. O encontro prosseguiu com o Pe. Sebastião Santana, que aproveitou o espaço, para comentar sobre o livro *O Povo de Deus Ora, Celebra e Canta*. Depois demos prosseguimento com um canto de animação, e logo em seguida à apresentação da síntese elaborada pelo grupo de coordenação. O Assessor distribuiu a cada participante do grupo o texto, para cada pessoa do grupo poder acompanhar melhor. Valiosas contribuições foram dadas, para um maior fundamento do texto produzido, baseando-se nos tópicos: sujeitos da Missão, Missão além-fronteiras, quem é a família hoje, consciência missionária para os ministérios ordenados, formação-tipo de evangelização e métodos, e textos bíblicos que melhor fundamentassem o aspecto família como protagonista da Missão. O grupo foi subdividido a partir dos tópicos de interesse para a produção de melhores parágrafos, para a organização dos textos temáticos. Após quinze minutos de trabalho, o grupo retornou à sala do plenário, para partilhar suas produções. Foi um momento de rica contribuição, para melhor chegarmos às conclusões do “Mutirão” 3. Seguindo-se a cada apresentação, os grupos entregaram à Secretária os parágrafos produzidos, para organização do texto temático. Após as apresentações uma equipe se dispôs a organizar o momento de apresentação no plenário maior do tema estudado. A equipe de organização encaminhou-se para a organização do texto temático.

4. A Missão, Vida da Comunidade Paroquial Equipe dos Organismos Missionários

Luzes

Constatamos nas nossas paróquias muitas ações que têm na missionariedade seu acento principal. Entre elas, queremos ressaltar: a Infância Missionária, a preocupação com a preparação de agentes, as Missões Populares, o esforço de formar redes de comunidades e Comunidades Eclesiais de Base. Há grupos de animação missionária em muitas partes. De uns anos para cá, a Igreja no Brasil começou em várias dioceses a dar apoio aos centros missionários.

Sombras

Queremos construir paróquias em que a ação missionária seja o centro dinamizador e encontre na Missão *ad gentes* e além-fronteiras seu desafio mais importante. Constatamos, porém, que pouquíssimas são as paróquias que têm em seu planejamento a missionariedade como prioridade. Falta-lhes, muitas vezes, investimento na formação missionária dos leigo/as, consagrado/as e clérigos, o que conduz a um certo fechamento das comunidades sobre si.

A paróquia torna-se um espaço de manifestação da fé individual de um pequeno grupo atuante, dificultando a comunhão com os não praticantes e com a Igreja universal. Os possíveis

motivos desta situação são o pouco entendimento da mensagem evangélica e das conseqüências do Batismo, e também tem-se a idéia de que “é preciso primeiro arrumar a casa, para depois partilhar”.

Confronto da mensagem com a vida

Características de uma paróquia missionária

1. Lugar de vivência da caridade, da fé, do cuidado pastoral, da Eucaristia e da Palavra, comunidade de discípulos e não apenas de fiéis.
2. Uma paróquia aberta ao diferente, ao outro.
3. Um pequeno ovo, onde nascem as comunidades, é um espaço que acolhe e favorece a comunhão de irmãos, acompanha e envia.
4. É um espaço de partilha e de acolhida do Espírito.

O que fazer com a mensagem recebida?

Surgiram iluminações para o futuro:

- A paróquia deve dar testemunho evangélico na sua prática de ajudar o outro a fazer uma experiência de Deus.
- Deve organizar uma formação que aprofunde as exigências evangélicas, com espírito de abertura e partilha, tanto para os clérigos como para o/as leigo/as.
- Reforçar a consciência de nossa identidade missionária. O cristão é missionário por natureza: é sua razão de ser.
- Repensar e reorganizar a presença da Igreja com estruturas mais leves, sem ser do estilo das paróquias tradicionais.
- Investir na Infância Missionária, para que ela possa crescer como Igreja e com consciência missionária.
- Investir em gestos concretos na ajuda aos missionários *ad gentes* e além-fronteiras, mesmo que não sejam da própria paróquia.
- Os cristãos leigos tenham também voz decisiva na sua paróquia, e não apenas consultiva.
- Incentivar os paroquianos a abrir as suas casas para “o estrangeiro”.
- Valorizar e reforçar as Missões Populares.
- Formar grupos de reflexão e de vivência, nos quais as pessoas possam experimentar o que é ser comunidade.
- Reforçar as CEBs, como nova maneira de a Igreja ser.
- A dimensão missionária deve perpassar todas as pastorais, e não ser apenas “uma pastoral a mais”.

Concluindo

Nenhuma Igreja particular, nenhuma paróquia, pode afastar-se de sua responsabilidade diante da Missão. Cada paróquia deveria ser um espaço de acolhida, de respeito das culturas e pessoas diferentes, de apoio aos missionários enviados além-fronteiras, onde todos e todas pudessem partilhar a palavra, o pão e a acolhida, independente de cultura, classe social ou etnia.

Propostas para continuar a animação missionária no Brasil

1. Incentivar e promover a Infância Missionária.
2. Favorecer e divulgar as experiências missionárias em Igrejas-Irmãs, em projetos missionários, em Missões Populares, e outros.

3. Investir na formação e informação missionária para todos.

Propostas para levar ao CAM 2—Comla7

1. A Missão se faça com e a partir dos pobres e excluídos.
2. Os/as leigos/as sejam protagonistas e formados para a Missão
3. A paróquia se torne comunidade de comunidades.

Ata do “Mutirão” de Reflexão 4

Como início, após uma apresentação sumária dos presentes, procedeu-se à oração inicial, e o Padre Zeca fez uma breve exposição da metodologia do trabalho.

A Ir. Rosirene fez uma introdução ao assunto objeto da reflexão (páginas 47-58 do *Instrumento de Trabalho*), analisou o tema, motivando o grupo a valorizar a paróquia, “comunidade de fiéis e comunidade de comunidades”. Desenvolveu um histórico sobre o padroado e o desenvolvimento das paróquias, completando quanto exposto no *Instrumento de Trabalho*.

Dividiu-se a assembléia em quatro grupos, para refletir nos cinco questionamentos do texto. Num momento seguinte, abriu-se a apresentação do painel, formulando propostas para a animação missionária no Brasil e anseios para levar ao CAM 2—Comla7.

No sábado, após a celebração presidida pela comunidade do Caminho Neo-Catecumenal, reassumiu-se a discussão em plenário das propostas para a animação missionária no Brasil e para o CAM 2—Comla7.

Terminou-se a sessão, elaborando-se uma dinâmica de apresentação das conclusões do grupo.

5. A Igreja Particular, Responsável pela Missão Universal Equipe do Conselho Missionário Regional (Comire) Sul 3 (Rio Grande do Sul)

A Igreja local, presidida pelo Bispo, é o sujeito da Missão. Nela se realiza a totalidade da Igreja de Cristo. Todavia, é no relacionamento fraterno entre as Igrejas particulares, sob o Primado de Pedro, que se encontra a sua catolicidade da Igreja, o seu sentido universal, até os confins do mundo. A Missão confiada aos apóstolos (*Mt 28,16-20*) foi igualmente confiada a toda a Igreja e a cada uma das Igrejas particulares. É somente assim que entendemos o título de Igreja particular, na medida em que cada uma das Igrejas locais realiza, de modo particular e único, a Missão universal que lhe foi confiada.

A estas Igrejas locais, no universo territorial, social, cultural e religioso que o Brasil comporta, é que apresentamos nossas propostas, para iluminar o caminho missionário a ser realizado. Após o estudo do tema 5, apresentado pelo texto-base de preparação ao CAM 2—Comla-7, cujo título encabeça esta página, apresentamos as nossas sugestões.

Propostas para a nossa caminhada

1. Fortalecer a **vocação** e a **Missão** de todo batizado e de cada uma das Igrejas locais em nosso país, sobretudo na linha da **formação** presbiteral, em todas as suas etapas, com a inclusão da disciplina de Missiologia nos cursos acadêmicos. Da mesma forma, julgamos necessário que esta formação seja dada nas casas de formação de todas as congregações e ordens religiosas, e nos cursos de Teologia oferecidos aos leigos e leigas, em sua formação para os vários serviços e ministérios na Igreja e no mundo. Entendemos também que a **animação** missionária deva estar presente em todos os ambientes eclesiais, favorecendo, desta maneira, o surgimento de novas vocações missionárias. Sem isso, acreditamos que a ação evangelizadora da Diocese ficará empobrecida, numa de suas dimensões fundamentais. Entendemos também que a **Pastoral de**

Conjunto é o lugar próprio da dimensão missionária numa Diocese. A Missão não é mais um departamento ou compartimento entre todas as atividades pastorais realizadas em favor do Povo de Deus, mas é aquele espírito, aquela mística que envolve e dinamiza o “que fazer” pastoral. Neste sentido, a exigência do *testemunho de comunhão* fraterna poderá ficar mais evidente entre nós e para além do ambiente eclesial.

2. Desenvolver projetos de cooperação missionária. A Missão não se move por puro idealismo ou por um certo voluntarismo apaixonado. São necessários projetos bem definidos, oração incessante, disponibilidade e coragem. O que não se pode aceitar como verdadeiro para a Missão é uma certa teologia da prosperidade (quanto mais tivermos, mais daremos). A lógica do Reino é outra. A pedagogia de Jesus é diversa. É urgente “*dar de nossa pobreza*”. A **Amazônia** é sempre mais um prioridade de toda a Igreja no Brasil e de cada uma das Igrejas locais. O princípio da co-responsabilidade missionária pertence à identidade de nossas Igrejas locais. Precisamos promover, divulgar e dar andamento aos projetos apresentados pela Comissão Episcopal para a Amazônia. O **Projeto Igrejas-Irmãs**, que tanto bem já fez e vem fazendo para aquelas Dioceses que aderiram, necessita ser retomado com mais força. Existem potencialidades suficientes em muitas outras Dioceses, para que tal projeto se amplie. Hoje são 2 mil os **missionários brasileiros além-fronteiras**. Todavia, se olharmos para os cerca de 200 mil missionários espalhados pelo mundo, achamos que podemos participar mais na quantidade e na qualidade da obra missionária da Igreja. *Anúncio e diálogo* são outras duas exigências da Evangelização que podem e devem ser atendidas pelos cristãos em particular e pelas Igrejas locais.

3. Articular e promover os organismos de coordenação missionária, criando-os onde não existem, e fortalecendo-os onde já estão em funcionamento. Sobretudo os Comires, Comidis e Comipas têm-se mostrado instrumentos eficazes para a coordenação dos trabalhos e projetos missionários nos vários âmbitos da Igreja. É bem verdade que vários outros surgiram nestas últimas décadas, ampliando e multiplicando as possibilidades de crescimento da Missão. O pluralismo, marca registrada dos nossos tempos, está a exigir um empenho sempre maior nos campos da coordenação e da subsidiariedade. Este é um **serviço** cada vez mais urgente e necessário em nossas Igrejas, se quisermos ser eficientes e não dispersar as forças de que dispomos.

Anseios diante do CAM 2—Comla 7

Após refletir em grupos e aprofundar em plenário, desejamos manifestar alguns de nossos anseios diante da realização do CAM 2—Comla 7:

1. Identidade

Queremos ver recuperados os seguintes conteúdos do ser da Igreja:

- A Eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II.
- Os rostos de Cristo descritos nos *Documentos de Medellín e Puebla*.
- Os critérios fundamentais no processo de inculturação.
- A evangélica opção preferencial pelos pobres (*RM 54*).

2. Solidariedade

Esperamos que o CAM 2—Comla 7 insista:

- Na ajuda fraterna entre o norte e o sul do Continente Americano.
- Na distribuição mais eqüitativa dos recursos humanos, materiais e econômicos entre as dioceses.
- Na prática efetiva da justiça e da caridade (*Puebla, 368*).

3. Espiritualidade

Desejamos ardentemente que o 2º Congresso Missionário Americano reforce uma espiritualidade missionária:

- Do seguimento de Cristo, Sacerdote, Profeta e Pastor.

- Na valorização do Batismo, fonte de todas as vocações.
- Na abertura missionária *ad gentes* (RM 92).

Um pedido em particular

Os 38 integrantes do tema 5 solicitaram ao plenário deste 1º Congresso Missionário Nacional que fosse enviada uma moção, pedindo que o CAM 2—Comla 7 empenhasse esforços, para que surgissem novos centros de estudos de Missiologia no continente:

“Sentimos que nos últimos anos vem decrescendo o esforço pela reflexão teológico-pastoral sobre a Missão, sinalizando assim a possibilidade de empobrecimento neste campo tão importante para a vida e a Missão de nossas Igrejas locais. Esses centros missiológicos são importantes para o aprimoramento dos teólogos e missionários em todos os tempos e lugares.”

6. As Instâncias de Animação e Formação Missionária na Igreja Particular Equipe das Pontifícias Obras Missionárias (POM)

1. Um pouco de história

- A primeira expansão da Igreja no mundo greco-romano realizou-se de forma espontânea, e não organizada, e isso continuou com a ação dos monges.
- A partir da primeira Idade Média, alguns papas começaram a enviar missionários e missionárias a populações não-cristãs.
- Nos séculos seguintes, a evangelização aconteceu, seguindo estas duas modalidades: a ação espontânea dos cristãos (isoladamente ou em grupos), ou o envio oficial de seus missionários por parte da Igreja de Roma.
- Não faltaram conflitos entre os dois modelos, mas a ação evangelizadora continuou avançando até os dias de hoje.
- Com as grandes descobertas e as conquistas coloniais dos países “cristãos”, a evangelização muitas vezes acabava confundindo a espada com a cruz, a religião cristã legitimava a dominação política e a conduta dos conquistadores, que se diziam “cristãos”, mas renega, na prática, o que era pregado nos púlpitos.
- Grande impulso missionário veio das congregações religiosas, antigas e modernas.
- Houve também iniciativas nascidas por iniciativas privadas, com meios simples e frágeis (Obra da Propagação da Fé, Obra da Santa Infância, Obra de São Pedro Apóstolo, e, mais recentemente, a União Missionária), que, mais tarde (1922), o Papa assumiu como próprias.
- A evolução da Teologia em geral, e da Missiologia, sobretudo nos últimos decênios, codificada no Concílio Vaticano II, traz-nos aos dias de hoje, quando toda a Igreja se reconhece missionária “**por sua própria natureza**”.
- A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, durante sua última Assembléia Geral anual, no dia 8 de maio, aprovou — com a consagradora maioria de 257 votos em favor, 2 contrários e 6 abstenções — as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* para os próximos quatro anos. Nelas escreveu com todas as letras os nn. 25, 94, 102, 138. Nas *DGAE* anteriores (1995-1998) lemos os nn. 243—245.

2. Nossa realidade acusa-nos

Infelizmente, declarações tão solenes e contundentes, são desmentidas por uma prática que — mesmo em franco crescimento — ainda está muito longe do desejável.

Citamos apenas três realidades bem concretas: nossos missionários além-fronteiras, nossa colaboração financeira, e as frentes missionárias dentro do Brasil.

a) Missionários e missionárias brasileiros além-fronteiras

- O Conselho Missionário Nacional (Comina) promoveu e mantém atualizado o cadastro dos missionários e missionárias brasileiros que trabalham fora do país: os dados mais recentes falam de 1.813 brasileiras e brasileiros que saíram do país para o serviço da evangelização além-fronteiras.
- Este número está aumentando. E isso é um bom sinal.
- Outro bom sinal é a participação maciça das religiosas nesta empreitada: elas são 1.432 e representam 79% de todos os missionários e missionárias brasileiras no exterior.
- O segundo grupo mais consistentes é formado pelos religiosos: 325, dos quais 273 sacerdotes. Apenas simbólica é a presença de sacerdotes diocesanos (12) e dos leigos e leigas (9), consagrados ou não.
- A distribuição geográfica destes missionários e missionárias surpreende um pouco: dos 1813 representantes da Igreja missionária do Brasil além-fronteiras, 559 estão na África, 89 na Ásia, 15 na Oceania, 61 na América do Norte, 120 na América Central e 476 na América do Sul. Na Europa, temos 485 missionários e missionárias, dos quais 322 na Itália, 41 na França e 39 em Portugal.
- Outro elemento que merece uma reflexão séria é o número insignificante de nossos leigos e leigas na Missão *ad gentes*: nove, ao todo.
- Isto revela uma distorção histórica grave: fizemos do seguimento de Jesus Cristo, missionário do Pai, uma reserva de caça para clérigos e religiosos ou religiosas. Se for verdade que uma Igreja alcança a maioria, quando se torna missionária, temos que concluir que nossos leigos e leigas ainda não chegaram a isso em nossas comunidades, mesmo sendo conhecidos no mundo como a Igreja das Comunidades Eclesiais de Base.

Com duas agravantes:

- Em muitos países, sobretudo da Ásia, e na maioria dos países muçulmanos, os missionários cristãos não são admitidos, o proselitismo é severamente punido, e não são aceitos sinais visíveis de uma religião que não seja a tradicional. Pelo contrário, a penetração de pessoas no exercício de sua vida profissional não encontra obstáculos, e, às vezes, é desejada e requerida. Daí a importância de leigos e leigas com competência técnica, coerência com os valores do Evangelho e disponibilidade para deixar a sua terra...
- A imagem de comunidade cristã que queremos criar nos países que ainda não foram evangelizados. Onde a evangelização foi deixada por conta dos clérigos e religiosos/as, o Cristianismo acabou estruturando-se como uma religião, uma das tantas religiões, ligadas a templos, cerimônias, ritos, fórmulas de oração, não raramente desligadas da vida. A experiência de Comunidades Eclesiais de Base que nossos leigos e leigas viveram aqui poderá ser um modelo no qual se inspirariam os missionários e as missionárias leigas, reproduzindo experiências que se repetiram ao longo da história da Igreja e começaram já no tempo dos Apóstolos.

b) A colaboração financeira

A Coleta da Campanha Missionária de 2002 rendeu R\$ 2.785.740,64. Mesmo calculando em cem milhões os católicos que mantêm algum vínculo com sua Igreja, teríamos o decepcionante resultado de menos de três centavos por católico, por ano. Um chiclete custa o dobro, e um cigarro, quatro vezes tanto.

Sabemos que há outros canais pelos quais as comunidades cristãs do Brasil ajudam financeiramente seus missionários e missionárias, mesmo assim os números revelam que o descompasso entre o que dizem nossos documentos e a realidade é brutal.

c) A ajuda entre as Igrejas no Brasil

Num pronunciamento que marcou a história das Assembléias da CNBB, em 1998, Dom Erwin Kräutler, Bispo da Prelazia de Xingu, PA, apresentou a escandalosa distribuição de recursos humanos e materiais entre as dioceses e regiões do Brasil, chamando a atenção, de modo especial, para a situação da Amazônia. Relembrou as experiências das Igrejas-Irmãs, citou casos de colaboração entre uma diocese e outra, mas foi obrigado a concluir que ainda está por acontecer uma verdadeira partilha de bens e de pessoal. Passaram-se cinco anos. E, pelo que se sabe, a situação não mudou significativamente.

E a colaboração espiritual? Uma Igreja que não partilha nem com seu vizinho, que contribui com menos de três centavos por ano por pessoa, que envia menos de 2% do seu clero, e apenas 3,7% de suas religiosas e religiosos, e praticamente nenhum leigo ou leiga, será uma Igreja que reza com sinceridade o “Venha a nós o Vosso Reino”?

3. O 1º Congresso Missionário Nacional propõe o quê?

A história da Igreja é mestra de vida. A doutrina de nossos documentos é clara, e universalmente aceita. A realidade está muito aquém do desejável. O que precisamos fazer?

Esta é a tarefa deste 1º Congresso Missionário Nacional: avaliar nossa realidade, concretamente, nossas **instâncias de animação e formação missionária**, formular propostas, para eliminar estrangulamentos e aperfeiçoar iniciativas, propor experiências e iniciativas concretas e urgentes, para tirar do papel e colocar na história aquilo que afirmamos.

Compreendendo que o trabalho de Animação Missionária implica na informação sobre a Missão universal, na formação da consciência missionária do Povo de Deus, na organização e coordenação dos eventos missionários, e na cooperação espiritual, material e vocacional em todas as dioceses, para que cada uma assuma seu papel na Obra da evangelização universal, propomos

Ao Comina

Que reforce suas atividades, para articular toda ação missionária da Igreja do Brasil, dando destaque ao laicato missionário.

Aos Comires

Que dinamizem suas atividades em todas as Dioceses, com apoio logístico do Comina.

Aos Comidis

Que, dentro de cinco anos, em todas as Dioceses:

- Promovam Escolas de Formação Missionária para Leigos e Leigas, Padres, Religiosos e Religiosas, visando uma maior conscientização missionária nas Dioceses.
- Revitalizem a consciência missionária nos Seminários, mediante um intercâmbio de professores e alunos, de diferentes regiões do País.

Aos Comipas

- Que cuidem da formação da consciência missionária em todas as Comunidades, tendo um representante no Conselho de Pastoral, para que a Dimensão Missionária esteja presente em toda a Ação Evangelizadora, tal como na Catequese, nas escolas (colégios católicos), grupos de reflexão, CEBs, Missões, etc.
- Que proporcionem Cursos de Missiologia para leigos(Cursos de Verão).
- Que destinem uma porcentagem do Dízimo às atividades missionárias.

Destacamos ainda que:

- As *DGAE* (2003—2007) da CNBB, sobre a Missão, sejam amplamente valorizadas e divulgadas em todos os níveis da Igreja: nacional, regional, diocesano, paroquial e comunitário.
- Haja maior colaboração dos Bispos e Padres em apoiar todas as vocações além-fronteiras.
- As Congregações Missionárias, em articulação com as Dioceses (Comidis), preparem e enviem leigos e leigas para a Missão.
- Haja disciplina de Missiologia na formação do Clero Diocesano, dos Religiosos e Religiosas, em todas as Congregações.

Ata do “Mutirão” de Reflexão 6

Às 14 horas do dia 18/7/2003 nos reunimos no Prédio 43, sala 302, para darmos início ao trabalho do “Mutirão” 6, no qual, refletindo no subtema *As Instâncias de Animação e Formação Missionária na Igreja Particular*, pudemos constatar a presença dos representantes dos regionais, organismos e dioceses: bispo, padres, religiosas, religiosos, leigos e leigas.

Depois das “provocações” do Pe. Sávio, fomos distribuídos em quatro grupos de trabalho, nos quais foram produzidas reflexões, apresentadas sucessivamente pelos secretários.

Encerramos o plenário com a preparação para a celebração Eucarística, com a qual terminamos os trabalhos deste dia.

No sábado, pela manhã, deveríamos iniciar nossas atividades com a oração da manhã, juntamente a nossos irmãos mulçumanos. Reunimo-nos e preparamo-nos, para recebê-los. Como não compareceram, tivemos a liberdade de inserir-nos em outros grupos temáticos.

Retornando ao plenário, buscamos elaborar, de forma sistematizada, nossas contribuições, que, após ampla reflexão e aprovação, apresentamos.

7. Os Novos Caminhos no Anúncio do Evangelho da Vida Equipe da Imprensa Missionária

A Boa-Notícia é a palavra que atualiza a salvação e promove a vida. Portanto, a Missão é comunicação, proximidade de Deus com as pessoas, das pessoas com Deus, e das pessoas entre si, e em comunidades vivas que promovem a vida de Deus.

Num mundo de rápidas mudanças, a Missão precisa aprender a percorrer novos caminhos, usar novos instrumentos, para poder oferecer à humanidade o projeto do Reino de Deus. O mundo moderno desenvolveu novas tecnologias e encurtou distâncias, derrubou ideologias, mas criou exclusão, barreiras entre ricos e pobres, entre culturas e entre nações. Os MCS carregam também ambigüidades, e com possibilidade de manipulação da verdade.

Diante dessa situação encontramos alguns desafios: a recuperação e o fortalecimento dos valores e das raízes culturais da família e dos excluídos; a cultura da subjetividade, aliada ao compromisso social, num contexto pluricultural onde se vive; a urgência de desenvolver uma consciência crítica; usar os MCS (Igreja) com transparência e colaboração; realizar eventos, como congressos e encontros de reflexão missionária; conhecer a realidade de outros continentes, divulgar informações sobre a atividade missionária e as situações da Igreja além-fronteiras, globalizar a solidariedade em âmbito nacional e internacional.

Depois de quinhentos anos de colonização, chegamos à conclusão de que é necessário resgatar a alteridade, ou seja, a capacidade de conviver com o diferente, em relação aos povos indígenas e afro-americanos. Para os povos indígenas, como para os afro-americanos, o valor primordial é a vida. Para os indígenas, a vida depende diretamente da terra, que sempre foi e é a geradora da própria vida. Daí a importância de preservá-la, respeitá-la e socializá-la, porque é dela

que se tira o necessário para viver, conviver e partilhar, de modo que não haja necessitados. Vemos necessário também fazer parceria com todos os movimentos afros, que lutam pelo reconhecimento de sua participação plena na sociedade. Das culturas indígenas e afro-americanas, podemos aprender os mesmos gestos de fraternidade e comunhão. Onde há comunhão, há vida; e é na vida que Deus se faz presente.

A partir da Missão trinitária, inspirados no Mistério da Encarnação, é necessário resgatar com vigor as opções de Medellín e Puebla, principalmente no que toca a opção pelos pobres e excluídos, como sujeitos da própria libertação, e das CEBs, como experiência de Igreja missionária. É necessário assumir um compromisso mais claro com o Evangelho, com o Reino, para superar as dificuldades que a Igreja hoje tem nesta área, em que muitos agentes de pastoral não estão mais comprometidos com as pastorais sociais.

Com relação ao gênero, a mulher na Igreja não tem ainda o seu devido espaço. Ela é parte fundamental do processo de evangelização, embora o seu papel não esteja suficientemente reconhecido. É mais considerada como instrumento de trabalho, do que valorizada naquilo que ela pode dar. É necessário aprender a caminhar juntos, homens e mulheres, tanto nas tomadas de decisões quanto na execução. Reconhecemos que houve avanços quanto ao papel da mesma na Igreja, graças ao seu trabalho ela foi ocupando o seu espaço. A Missão só é completa, quando for partilhada por ambos os gêneros, enquanto prática e enquanto espaços de decisão.

Quanto à Ecologia, precisamos reconhecer que tudo o que foi criado por Deus é uma manifestação da sua presença. A partir desta compreensão, podemos reconhecê-lo, como a mãe que se relaciona conosco, dando vida e sustentando-nos. Temos grande responsabilidade, para manter o equilíbrio e a harmonia em todo o conjunto da Criação. Para isso precisamos desenvolver uma consciência ecológica no trabalho, com as crianças e a sociedade, para que elas não sejam predadoras, mas defensoras da natureza. Essas iniciativas incluem: o uso da água, o cuidado com os rios e lagoas, e a atenção ao desmatamento e queimadas, agricultura diversificada e sem agrotóxicos. As CEBs podem tornar-se um instrumento privilegiado na organização e defesa da água, no uso indiscriminado de agrotóxicos, e alertando para uma possível guerra da água doce. Para preservar o equilíbrio da Criação, é necessário desenvolver uma nova cultura, que leve em conta que a terra é uma casa onde todos se amem e se respeitem.

Entre os muitos novos caminhos que a Missão deve percorrer, nós apontamos três, a saber, os MCS, a solidariedade com as culturas indígenas e afro-americanas, a alteridade e a comunhão na Ecologia:

1. MCS — É urgente que a CNBB—Comina—POM criem programas de evangelização a serem transmitidos pelas TVs católicas, como informação missionária e formação de evangelizadores, que alcancem regiões de difícil acesso.

2. A partir da Missão trinitária, inspirados no Mistério da Encarnação, é necessário resgatar, com vigor, as opções de Medellín e Puebla, principalmente no que toca a opção pelos pobres e excluídos, como sujeitos da própria libertação, e das CEBs, como experiência de Igreja missionária.

Anseios para o CAM 2—Comla 7

1. Que se crie um projeto de redes de comunicação, no âmbito da Igreja do Continente, para a formação e informação missionárias.

2. Culturas indígenas e afro-americanas — Somos um continente pluricultural e pluriétnico. Como Igreja e como nações herdamos o peso de uma história de massacre de indígenas e negros. Hoje, como Igreja, nos unimos aos povos indígenas e aos afro-americanos, pela garantia dos seus direitos à terra e a própria identidade. Exigimos dos respectivos governos a imediata demarcação de todas as terras indígenas e o encaminhamento da reforma agrária.

3. Que no CAM 2—Comla 7 seja denunciado os abusos do Império norte americano contra a soberania dos povos, da depredação da biodiversidade, da manipulação genética dos produtos transgênicos, do monopólio das patentes, da imposição da monocultura e a privatização dos mananciais de água doce, da militarização do continente. Por isso é urgente desenvolver uma consciência ecológica intercontinental.

Ata do “Mutirão” de Reflexão 7

Na tarde do dia dezoito de julho de dois mil e três, os membros participantes do “Mutirão” 7 — *Os Novos Caminhos do Anúncio do Evangelho da Vida* — reuniram-se na sala número 705, do prédio 43. Após uma breve apresentação, os membros do “Mutirão” foram introduzidos num momento de oração/espiritualização, trazendo presente todos os regionais, dioceses e organismos de procedência, bem como os caminhos pelos quais o anúncio do Evangelho da Vida deve despontar. A esperança de um *novo céu* e de uma *nova terra* deve fazer parte do agir e do pensar do missionário, conforme São João nos apresenta no livro do *Apocalipse*, capítulo 21, versículo 1. Após ouvir esta Palavra, rezou-se a Oração Ecológica, que apresenta a Mãe-Terra como “Mãe sideral fecundada pelo Sol, por Amor a nós”. Esse momento de oração foi conduzido pelo Pe. Manoel Monteiro.

Na seqüência, Pe Costanzo Donegana, Pime, falou sobre *Os novos caminhos da Missão*. O caminho é o espaço onde se desenvolve a Missão, e onde o Evangelho da Vida deve ser semeado. O caminho é desafio, e também possibilidade. Ao longo da história da Igreja, sempre ouve evangelização nos mais variados locais: catequese, educação... Contudo, cabe-nos perguntar: se sempre houve evangelização, onde está a novidade? A novidade está em seguir os sinais dos tempos. Para tanto, é preciso escuta atenta e discernimento, pois no caminho há sinais que não fazem parte do Reino.

Dando continuidade, o Pe. Alcides Costa falou sobre *A Missão e a Comunicação*. Desta fala, destaca-se: estamos na Era On-Line. A mídia está presente em todos os setores da sociedade. Diante desse desafio, como trabalhar a evangelização nos meios de comunicação sociais, uma vez que a Boa-Notícia é Palavra que atualiza a Salvação e promove a vida? A Pós-Modernidade traz consigo características próprias. A internet é uma delas. Porém, cabe-nos perguntar: como o ciberespaço configura-se como veículo de evangelização? O que significa evangelização na Pós-Modernidade? Pode-se dizer que o anúncio da vida gestado na rede dos pescadores, primeiras testemunhas do Ressuscitado, está na dimensão da rede que interliga milhões de pessoas no mundo, com novos métodos, novas práticas, novos caminhos, novas imagens? E o que oferecemos aos internautas? A tendência, hoje, é a uma maior interatividade. Os sites evangelizadores precisam, de maneira singular, aprender a dialogar com o internauta. É preciso buscar a melhor adequação de forma e conteúdos. Outro aspecto destacado pelo Pe. Alcides foi quanto às culturas dos povos indígenas e afro-americanos. Isso deve ser interpretado na linha da alteridade, na capacidade de conviver com o diferente e de proporcionar um olhar interior para a alteridade, partir das diferenças. Nessa mesma linha, encontra-se a nova consciência do gênero na realidade humana, destacando a promoção da mulher. Por fim, a tecnologia não deve ser vista somente como vilã da nossa história e contexto atual. Ela deve ser vista como oportunidade.

Prosseguindo, Pe. Joaquim Ferreira Gonçalves falou sobre *A Ecologia e os Excluídos*. O marco fundamental é o Reino de Deus, e não somente a Igreja. Os cristãos devem promover novas relações consigo mesmos, com o outro, com o mundo. Não podemos ficar aquém da evangelização, ela não deve ser somente opção *pelos* pobres, mas opção *com* os pobres, para não correr o risco de perdê-los. Esse é um longo caminho que deve ser percorrido: a Missão deve, pois, partir do pobre, do seu conhecimento, de seus valores, de seu jeito de ser, para que eles sejam protagonistas do Reino. É preciso, da mesma forma, crescer na consciência do planeta Terra, pois dela é que brota e cresce a vida. É preciso salvar o planeta, para salvar o Povo de Deus. Precisamos olhar a terra como uma grande mesa, como uma grande família.

Essas explicações serviram de força impulsionadora para os trabalhos de grupos desenvolvidos na seqüência.

Nesse segundo momento, os membros do “Mutirão” foram divididos em cinco “submutirões”, para aprofundar, refletir e traçar algumas contribuições da Igreja do Brasil para o CAM 2—Comla 7, a partir dos novos caminhos que devemos percorrer hoje, para anunciar o Evangelho da Vida ao mundo inteiro, particularmente nesses caminhos relevantes:

1. Os meios de comunicação social.
2. As culturas dos povos indígenas e afro-americanos.
3. Os pobres e excluídos.
4. Uma nova consciência de gênero na realidade humana.
5. O cuidado com o meio ambiente.

Para facilitar o trabalho, cada grupo centralizou sua reflexão numa questão:

- *Grupo 1:* Quais as ameaças e desafios que os novos meios de comunicação, transporte e diversão apresentam ao anúncio do Evangelho, e quais são as oportunidades que se abrem para a Missão *ad gentes*.
- *Grupo 2:* O que nos ensinam as tradições religiosas indígenas e afro-americanas sobre o respeito à terra e a promoção da vida?
- *Grupo 3:* No atual contexto conjuntural da Igreja e do mundo globalizado, é possível retomar com força e vigor a opção pelos pobres e excluídos, como sujeitos da Missão? Como fazer isso?
- *Grupo 4:* Na igreja, a mulher tem o seu devido espaço? Ela é parte do processo de evangelização?
- *Grupo 5:* Como podemos encontrar Deus na natureza, e qual é nossa responsabilidade, para manter o seu equilíbrio, com o equilíbrio de todo o conjunto da Criação?

Num terceiro momento do “Mutirão” de Reflexão, houve a socialização dos trabalhos dos grupos. Cada qual apresentou, com formas dinâmicas e variadas, o que conseguiu produzir. Após isso, houve um momento para considerações, complementações e partilha do que as apresentações foram suscitando no interior dos membros participantes.

A culminância de todo trabalho realizado pelo “Mutirão” durante a tarde do dia dezoito foi a Celebração Eucarística — partilha da Palavra e do Pão — sustento e vigor de todo missionário. Esta celebração foi presidida pelo Pe. Domingos Malan, do Regional Nordeste 2.

A manhã do dia dezenove iniciou com um momento de oração, com a presença de um grupo budista da Associação Soka Gakkai Internacional. Primeiramente, a acolhida dos participantes, e uma breve explicação sobre a Associação, sua organização e funcionamento. Em seguida, o responsável da Regional Metropolitana de Belo Horizonte, Atsushi Fusazaki, conduziu a oração própria da religião, diante do Gohonzon: pergaminho sagrado, objeto de devoção dos praticantes do budismo de Nitiren Daishonin, o buda original. Cada participante foi convidado a unir sua prece, sua oração, à oração do referido grupo, em sinal de paz e bênção para todas as pessoas e universo. O Pe. Alcides Costa, em nome do “Mutirão”, agradeceu a presença, disponibilidade e integração no diálogo inter-religioso.

Na seqüência, Pe. Alcides Costa coordenou o trabalho do “Mutirão”, apresentando as sugestões concretas a serem apresentadas no CAM 2—Comla 7. Houve várias emendas, ressalvas e aprofundamentos de várias questões surgidas por meio de reflexões na própria síntese. As propostas ficam na linha ecologia—meio ambiente, questão indígena e afro-americana, e sobre os meios de

comunicação social. Finalizando, preparou-se a forma de apresentação do “Mutirão” no plenário geral do Congresso.

8. A Missão diante dos Desafios da Globalização, da Violência, das Culturas e das Migrações Humanas

Equipe do Conselho Missionário Regional (Comire) Leste 1 (Rio de Janeiro)

1. Consideramos que:

a) O tema central do capítulo é a globalização. Os demais temas, migração e culturas, sofrem influências diretas da globalização.

b) O conceito de globalização não é um conceito claro no texto. O termo é usado em situações distintas, dando a entender que existe uma globalização negativa, e uma possível globalização positiva ou solidária.

c) Se globalização significa a emancipação do capital, em detrimento de pessoas, povos e culturas, então a migração adquire um outro sentido. Deixa de ser a saída livre ou missionária, para se tornar uma saída forçada, e mesmo frustrante. Torna-se, portanto, um grande desafio pastoral.

d) É preciso, pois, assumir uma posição crítica em relação à globalização. Esta posição crítica deve ser assumida pela Igreja em seu conjunto, mas também por todos os cristãos e cristãs individualmente.

e) Isto, porque a globalização liga-se à expansão da política neoliberal. Na verdade, a globalização é um fenômeno historicamente irreversível, que tende a buscar a uniformização cultural, econômica, social, e até mesmo religiosa. Sua maior consequência é a desintegração das bases fundamentais da sociedade, notadamente no que diz respeito à fraternidade e à solidariedade.

f) Por isso, é tão importante distinguir: uma coisa é a globalização, e outra é a catolicidade ou universalidade. No primeiro caso, o princípio organizador é a exclusão. No segundo caso, o princípio é a inclusão, respeitando-se as diferenças, as diversidades.

g) Assumir evangelicamente que o fenômeno da globalização causa exclusão significa realizar uma pastoral de inclusão, em favor do outro: e esse outro é, em primeiro lugar, o pobre.

h) A globalização também afeta profundamente a relação com Deus, na medida em que joga para dentro desta mesma relação as dinâmicas do individualismo e do consumismo, buscando em Deus respostas imediatas, e muitas vezes negociadas.

2. Preocupamo-nos com:

a) O surgimento de alguns movimentos religiosos que parecem não assumir postura crítica diante da globalização, vivendo uma espiritualidade de tendência individualista, massificadora, comercial ou negociada, e que facilmente podem ser arrebanhados pelas novas Igrejas que surgem a todo momento.

b) A formação de alguns padres e seminaristas sem a desejável sensibilidade missionária, pastoral e social.

c) O fechamento e o isolamento causados pela violência crescente e ostensiva.

d) O risco de a Igreja, mediante a canalização de recursos materiais e humanos, vir a priorizar algum tipo específico de atividade pastoral, acabando por excluir outras formas de anúncio do mesmo Evangelho.

e) O egoísmo e a indiferença em relação ao pobre. Não nos indignamos mais com a pobreza. A indignação deve levar a atitudes concretas, e não ser apenas um sentimento que logo passa.

f) A cultura do descartável, que provoca, entre outras coisas, a desestruturação familiar, e até mesmo a perda do sentido da vida.

3. Alegramo-nos com:

- a) A presença dos leigos e leigas na animação missionária em diversas pastorais e instâncias da Igreja, com destaque para a Infância Missionária e outras iniciativas, como as Santas Missões Populares.
- b) A participação nos diversos conselhos, tais como Comipas, Comidis e outros.
- c) A realização de congressos missionários em diversas dioceses e regionais.
- d) A participação de missionários e missionárias em diversos movimentos, organismos e pastorais sociais.
- e) O crescente envio além-fronteiras de missionários leigos e leigas.
- f) A crescente cooperação financeira dos leigos e leigas com projetos missionários *ad gentes*.

4. Sentimos a necessidade de:

- a) Crescer e amadurecer no aprendizado ecumênico e inter-religioso, como forma de fortalecer a luta contra os contra-valores apresentados pela globalização.
- b) Crescer na consciência de ser Igreja, Povo de Deus, mediante o cultivo de uma espiritualidade integral, centrada na pessoa e na mensagem de Jesus Cristo.
- c) Um compromisso mais explícito da Igreja diante de algumas situações que atingem todas as pessoas, como, por exemplo, a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), água, meio-ambiente, hegemonia política e econômica. Neste caso, não basta fazer apenas a denúncia, mas é preciso auxiliar no discernimento e no engajamento.
- d) Desenvolver um plano de pastoral que seja, ao mesmo tempo, atraente, mas capaz de interpelar o jeito globalizado de se viver a religião.
- e) Que os questionamentos sejam efetuados não apenas em termos institucionais, mas, também, tocando a cada agente de pastoral indagar-se a respeito de seu lugar sócio-ecclesial, a fim de que não sofra a influência da globalização.
- f) Partilhar as experiências locais, divulgando os atos solidários.
- g) Usar a mídia, a internet e demais recursos tecnológicos, para divulgar os valores do Evangelho.
- h) Recuperar e valorizar a experiência das Igrejas-Irmãs, considerando principalmente os fluxos migratórios.
- i) Considerar as CEBs como experiência eclesial indispensável a ser reanimada e implementada, enquanto forma de acolher os migrantes, com a valorização de suas respectivas culturas.
- j) Valorizar os momentos de reflexão da Palavra de Deus em família ou em pequenos grupos.
- k) Valorizar e dar continuidade a projetos como o *Ser Igreja no Novo Milênio (SINM)* e a *Rede de Economia Solidária*.

Para uma Igreja toda missionária temos três propostas:

1. Reinvestir e fortalecer as CEBs, tornando-as, não objetos, mas um sujeitos da Missão.
2. Romper nossas próprias fronteiras, para uma acolhida solidária ao outro, o diferente.
3. Valorizar o sacerdócio comum, com uma formação evangelizadora inculturada, direcionada a todos.

Sugestões para o CAM2—Comla7

1. Que os CAMs não percam a identidade da Igreja Latino-Americana.
2. Encontrar a maneira para transmitir os valores evangélicos.
3. Cultivar os valores da acolhida e da **utopia** evangélicas.

**9. A Missão diante dos Desafios dos Grupos Fundamentalistas
e dos Novos Movimentos Religiosos**
**Equipe do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic)
e do Conselho Missionário Regional (Comire) Leste 2**

Uma paisagem multiforme obriga-nos hoje a redesenhar o mapa cultural e religioso dos países da América Latina e Caribe, que, desde a Colonização espanhola e portuguesa, constituíram uma unidade cultural e religiosa de tipo católico.

A partir dos anos de 1950, grandes transformações sociais e culturais ocorreram na América Latina: o aumento extraordinário da população, a urbanização descontrolada e a globalização do mercado e da comunicação, a defesa das culturas étnicas, o pluralismo e a valorização da individualidade, a rejeição dos discursos de autoridade e a valorização das testemunhas de sentido. Todos esses fatores incidem profundamente na identidade e nos costumes das pessoas.

Em poucos anos, milhões de católicos tem dispensado os serviços de suas Igrejas e emigrado para uma variedade de grupos cristãos e não-cristãos que continuam se espalhado por toda a América Latina. Os povos latino-americanos acostumaram-se bastante rapidamente a considerar possível não somente a pertença a comunidades cristãs diferentes das comunidades católicas, mas também a outras expressões religiosas.

Todos estes fenômenos estão causando uma ruptura irreversível da unidade cultural e religiosa de tipo católico e declarando o fim de um paradigma missionário que foi protagonista da expansão do Cristianismo não somente neste continente, mas em todas as regiões do mundo.

Naturalmente, os católicos inclinam a responsabilizar os novos grupos religiosos, muitas vezes fundamentalistas e proselitistas, pelo êxodo de seus fiéis que engrossam as novas e antigas denominações cristãs ou se afastam de qualquer instituição religiosa.

Mas pesquisas e estudos demonstram que são várias as causas devido às quais as pessoas buscam uma diferente colocação social e religiosa no novo contexto em que vivem. A variedade de ofertas religiosas simplesmente permite escolher e ensaiar redefinições de identidades religiosas perturbadas pela perda ou a insuficiência dos referenciais católicos. A ação evangelizadora da Igreja Católica tornou-se em boa parte ineficaz no novo contexto pós-colonial, pluralista e globalizante.

A reflexão sobre os acentos próprios da Missão católica que se desenvolve em meio a outras ofertas religiosas leva a considerar a complexidade desses fenômenos e as novas relações a serem estabelecidas com os novos grupos e movimentos religiosos presentes em todas as cidades e no interior.

A Missão católica em época moderna foi conduzida principalmente pela Santa Sé, por meio dos Institutos religiosos, e começa hoje a contar com os Movimentos Eclesiais. Foi uma Missão de elites missionárias, que evangelizaram para o reavivamento nos países cristianizados e para converter e implantar a Igreja nos países não-cristãos.

Um aspecto peculiar da Missão católica foi a conversão dos cristãos/ãs que, deixando a Igreja Católica em massa no séc. 16, haviam constituído novas denominações cristãs. O interesse principal da *Propaganda Fide*, desde o ano de sua fundação até 1830, foi o de **exortar os protestantes a voltar para a Igreja Católica**. No século 20, desde a Encíclica *Maximum Illud* (Papa Bento XV, 1919), passando pela *Rerum Ecclesiae* (Papa Pio XI, 1926), até a *Fidei Donum* (Papa Pio XII, 1957), o esforço de converter os protestantes permanecia nos objetivos da Missão católica.

Há de se reconhecer o desafio do contexto de competição e de diferentes interpretações do Evangelho entre as diferentes tradições cristãs. A tarefa de discernir o que é verdadeiramente cristão e o que não é continua sendo o trabalho permanente de todas as comunidades cristãs, dentro e fora da Igreja Católica Romana.

Mas algo novo aconteceu durante a celebração do Concílio Vaticano II. A Igreja Católica, aprofundando a compreensão da Igreja e da sua presença no mundo, deu uma verdadeira virada

ecumênica, que atinge diretamente a sua ação missionária: os fiéis de outras tradições cristãs não são destinatários da Missão católica, mas nossos irmãos e irmãs no Senhor pela fé e a graça batismal e, portanto, nossos companheiros na Missão. “A divisão”, afirma o Concílio, “sem dúvida, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e se constitui em escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda criatura” (UR 1). O Batismo constitui o fundamento da unidade da comunhão de todos os cristãos, também com os que ainda não estão em comunhão plena com a Igreja católica. “(...) a atividade missionária ‘entre as nações’ (*ad gentes*) distingue-se da ação pastoral exercida entre os fiéis e das iniciativas empreendidas para restaurar a unidade dos cristãos. Ambas, porém, estão intimamente ligadas ao esforço missionário da Igreja” (AG 6). “Por exigência intrínseca da Missão, todos os batizados são chamados a se reunir num só rebanho” (AG 6).

Testemunho comum é a nova expressão que manifesta quer a idéia de unidade quer a idéia de Missão (UUS 40). Este testemunho comum não é uma estratégia, mas nasce da consciência de que a comunhão com Cristo e entre os cristãos/as gera um dinamismo que impulsiona os cristãos/as a dar unidos um testemunho visível.

É mais do que nunca atual a **pergunta angustiante levantada por Paulo VI** na *Evangelii Nuntiandi*: “A força da evangelização virá a encontrar-se muito diminuída, se aqueles que anunciam o Evangelho estiverem divididos entre si, por toda espécie de ruptura. Não residirá nisso uma das grandes adversidades da evangelização nos dias de hoje?” (EN 77).

Hoje, deveríamos nos perguntar, não somente quem são os cristãos na América Latina, mas também quem é que evangeliza hoje a América Latina. Sem dúvida alguma, não são somente os católicos os missionários latino-americanos no Continente e em outros Continentes, mas um número grande de cristãos e cristãs das diferentes denominações são ardorosos evangelizadores nas Américas e além-fronteiras. O que nos une é a nossa condição cristã.

É preciso discernir a fidelidade de todas as Igrejas ao Evangelho, inclusive da Igreja Católica, mas é mister também reconhecer a presença cada vez mais numerosa e uma ação evangelizadora eficaz de irmãos e irmãs na fé não pertencentes à Igreja Católica Romana, e começar a construir um novo paradigma missionário de tipo ecumênico que permita testemunhar o Evangelho no mundo contemporâneo pós-colonial e pluralista.

O crescimento evangélico e a diminuição de católicos induzem, muitas vezes, os católicos a imitar as iniciativas de evangelizadores não-católicos. Mas será que o caminho da evangelização é a competição? Não deveriam os evangelizadores católicos **buscar sua identidade profunda**, e não somente reavivando seu ardor missionário, mas renovando as expressões da fé e métodos de evangelização?

As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* da Igreja Católica no Brasil a cada quatro anos vem se esforçando por desenhar e propor a todos os católicos e católicas no Brasil um novo paradigma de evangelização no mundo contemporâneo. Manter sempre unidas as exigências fundamentais: “Testemunho de comunhão-serviço-diálogo e anúncio” e dirigir a ação evangelizadora para a promoção das pessoas, a construção de uma comunidade de irmãos e irmãs e a participação na construção de uma sociedade justa e solidária a caminho do Reino definitivo constituem os grandes referenciais de um novo paradigma missionário.

Na construção de um novo paradigma missionário ecumênico, alguns elementos podem ser destacados. Não há mais territórios de Missão. Há áreas que refletem acentuações culturais e geográficas. Há pessoas e organismos com funções específicas. Mas todos os lugares são lugares de Missão, e a Missão acontece em todos os lugares. Há cristãos/ãs de tradições diferentes que evangelizam, mas todos os batizados/as participam da Missão de Cristo pela graça batismal e são enviados em Missão desde o dia do Batismo. A Missão é de todo o Povo de Deus (RM 71), e o povo peregrino de Deus é maior do que as Igrejas. Participar da Missão de toda a Igreja e colaborar na evangelização é uma exigência da *única Igreja-em-Missão*. Há uma deficiência de evangelização na tradição católica na América Latina, que é preciso recuperar, concentrando-se no essencial do Evangelho. É possível que os cristãos evangelizem juntos, sem proselitismo, sem pôr em primeiro lugar a adesão à própria comunidade de fé. Muitas experiências locais, e a Campanha da

Fraternidade ecumênica do ano 2000, têm provado que evangelizar junto com os pobres e excluídos, em defesa da vida e da dignidade humana, une os cristãos, além de suas divergências. Há necessidade de cultivar a dimensão ecumênica da espiritualidade missionária, que é uma espiritualidade de comunhão, que inclui conscientemente os irmãos e irmãs de outras tradições cristãs.

Reconhecemos que diálogo e anúncio são duas partes da mesma moeda, e que os cristãos, juntos e em diálogo com os seguidores de todas as religiões, caminham entre todos os povos e culturas como parte da mesma humanidade e do mesmo destino: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). Estes são acentos próprios da Missão católica, elementos indispensáveis na construção de um novo paradigma missionário ecumênico.

“**Única é a Missão da única Igreja**”. Tornou-se praticamente impossível dizer “Igreja”, sem dizer ao mesmo tempo “Missão”. Pelo mesmo motivo tornou-se impossível dizer “Igreja” ou “Missão”, sem afirmar contemporaneamente que “*única é a Missão da única Igreja*”.

Ecumenismo não é uma convergência passiva e resignada. Ecumenismo não é uma mera substituição das hostilidades e competição denominacional com uma cortesia correta, mas sem compromisso: Ecumenismo é uma ação deliberada e feliz de viver e trabalhar juntos na evangelização.

Propostas

1. Buscar com maior zelo a renovação interior da tradição católica e de seus contextos culturais, e conscientizar os cristãos/ãs de que a dimensão missionária é parte integrante da vida batismal, sempre e em qualquer lugar. Formar para a Missão cristã em conjunto nos seminários, casas de formação, e incentivar a prática do ecumenismo e diálogo inter-religioso nas comunidades.

2. Renunciar a todas as formas de concorrência e de rivalidade, e à tentação de fazer proselitismo junto aos fiéis de outras tradições cristãs, e examinar com olhar mais crítico relações mútuas, métodos de evangelização, orientações e estratégias missionárias, a fim de superar tudo que testemunhe uma falta de amor, de compreensão e de confiança com relação às outras Igrejas.

3. Abrir-se a uma cooperação autêntica, em um espírito ecumênico, especialmente nas ações em defesa da vida e da promoção humana, e, antes de qualquer empreendimento missionário, dialogar com as Igrejas da região sobre a possibilidade de uma cooperação missionária e de um testemunho em um clima de unidade, tais como, “mutirões” de evangelização, campanhas da fraternidade.

Anseios para o Comla 7

1. Aprofundar a compreensão do que significa *ser Igreja no mundo de hoje* e esforçar-se de chegar a uma concepção mais ampla e a uma visão comum do papel missionário das Igrejas cristãs na sociedade contemporânea pós-colonial, pluralista e globalizada.

2. Que a hierarquia assuma o ecumenismo como uma prioridade, e incentive os fiéis católicos a buscar mais o que nos une aos outros cristãos/ãs.

3. Que se cuide da formação ecumênica em todos os níveis, e seja proposta aos católicos na AL uma espiritualidade de comunhão fundamentada na fé comum e no Batismo.

Ata do “Mutirão” de Reflexão 9

As reflexões deste grupo iniciaram-se às 14 horas do dia 18/7/2003, com as boas-vindas do Pe. Djalma aos congressistas, convidando-os a se apresentarem por regional. Estavam presentes: Norte 1, Norte 2, Nordeste 2, 3 e 5, Leste 2, Sul 1, 2 e 4 e Oeste 1. A maioria dos presentes eram leigos e leigas.

Após a apresentação, iniciou-se a oração, e tivemos como texto bíblico *Ef 4,4-6*. Em seguida, foi feita a apresentação do Assessor, Pe. Gabriele Cipriani, que trabalhou o tema: *A Missão diante dos Desafios dos Grupos Fundamentalistas e dos Novos Movimentos Religiosos*. O Assessor iniciou sua fala, questionando: “quem tem parentes em outras Igrejas?”. Somente duas pessoas, das quarenta e seis presentes, disseram que não tinham. Fato que nos chamou a atenção: com efeito, o diálogo deve começar nas nossas próprias famílias.

Houve questionamento sobre as Igrejas e os meios de comunicação. Após algumas considerações, falou-se que existe hoje uma competição entre diferentes Igrejas, e dentro da nossa também. Certos setores da nossa Igreja começam a imitar outras denominações religiosas. Ficou o questionamento: “Quem evangeliza melhor?”.

Diante desse questionamento o assessor apresentou como alternativa, a busca de uma identidade católica profunda, conforme a prática de Jesus. Estamos diante de um desafio novo. Antes trabalhávamos com católicos e para católicos, e agora nos defrontamos com outras denominações religiosas. Ainda somos a maioria, mas existe hoje uma pluralidade de religiões. Fato presente também em outros países da América Latina. Diante desta constatação, alguém questionou: “As pessoas que foram para outras Igrejas eram realmente católicas?”.

Segundo o Assessor deveríamos repensar o nosso método de evangelizar. Antes trabalhávamos com a massa (pois éramos a grande maioria), hoje, quando falamos de Missão, não podemos pensar que somos os únicos: existe uma pluralidade de evangelizadores, membros de diferentes Igrejas, e uma pluralidade de destinatários.

Hoje não se pode mais fazer Missão, como se fazia antigamente na Igreja Católica. Temos de construir uma nova forma de fazer Missão. Questionamento: “O que a Igreja Católica produziu nestes últimos vinte anos?”.

Quando fazemos Missão de porta em porta, constatamos que muitas famílias que eram católicas já não são mais, e o mais assustador é que o grande número daqueles que se dizem não pertencer a nenhuma religião é grande. Isso significa que a nossa evangelização se enfraqueceu muito. Aí se faz necessário um novo paradigma de fazer Missão. O clero e os religiosos/as já não podem ser os únicos responsáveis pela Missão, pois nos últimos cinquenta anos a população brasileira cresceu em quase cem milhões de habitantes. Quem pode correr atrás de cem milhões?

No novo paradigma, temos que pensar a Missão hoje como participação na ação criadora do Espírito de Deus, como ato de amor. A nossa ação como missionários deve ser a de companheiros de caminhada. Todo batizado é enviado, e todo enviado tem o direito de fazer Missão, também os batizados/as em outra tradição cristã. No mundo plural só pode ser feita uma Missão personalizada. Para se fazer essa Missão personalizada fazem-se necessárias muitas pessoas. Daí a importância de envolvermos os batizados neste processo de evangelização, e superar a concepção de elites missionárias.

O Assessor fez a pergunta: “É possível cristãos evangelizarem juntos, apesar da grande competição?”. Ele mesmo responde: “Pode ser que o outro não queira, e você sim; pode ser que o outro diga que não é seu irmão, mas você é irmão dele”.

Após a fala do Assessor e alguns questionamentos e observações por parte do grupo, foi feita a contagem dos membros e uma subdivisão em grupos menores. Logo o grupo se dirigiu para o lanche. Após ele, retornaram diretamente para os grupos de trabalho.

Ao retornarem, os grupos apresentaram suas propostas, e o Assessor fez o fechamento do dia. Terminamos o dia com a Celebração Eucarística.

PAINÉIS DE EXPERIÊNCIAS MISSIONÁRIAS SIGNIFICATIVAS

MOVIMENTOS MISSIONÁRIOS LEIGOS NO BRASIL

Os Confins do Mundo no Meio de Nós no Anúncio do Evangelho da Paz

Introdução

O terceiro dia do nosso Congresso Missionário foi inteiramente dedicado à partilha. Nesta primeira sessão plenária foram colocadas em comum as conclusões dos “Mutirões” de Reflexão que se debruçaram sobre os temas relativos aos *Fundamentos da Missão*: os grupos 1, 2 e 5. Foi lembrado que com os resultados dos trabalhos dos “Mutirões” seria elaborado um texto que serviria como contribuição da Igreja no Brasil para o CAM 2—Comla 7. As sínteses das reflexões foram apresentadas ao longo deste dia, junto aos testemunhos de *práticas missionárias significativas*.

Começando, foi dado destaque ao testemunho de **Movimentos Missionários Leigos no Brasil**. O tema desta sessão: *Os Confins do Mundo no Meio de Nós no Anúncio do Evangelho da Paz*, apontava para os desafios do mundo globalizado, que quer aproximar os povos e as culturas, mas na realidade exclui sempre mais grande parte dos povos do convívio social. O Evangelho da Paz traz o projeto de um novo modelo de sociedade, na qual o reconhecimento do outro, do pobre e a prática assídua da fraternidade solidária, tornam-se caminhos essenciais de engajamento, contra toda forma de dominação e exclusão.

Se no passado a questão missionária foi mais um “privilégio” das Congregações e Institutos Missionários, a Missão no terceiro milênio é uma Missão de toda Igreja, co-responsável pela construção de um mundo mais justo e solidário. Nesta Missão, os leigos têm um papel preponderante.

Somos conscientes de que há metas a perseguir: a articulação dos grupos de missionários leigos existentes, o estudo de um processo de formação e acompanhamento mais consistente, o estatuto jurídico dos missionários leigos, a abertura da vocação missionária leiga para a Missão além-fronteiras... Os próximos anos exigirão um maior envolvimento das forças missionárias e eclesiais, para ajudar a sedimentar essas metas missionárias leigas específicas, e fazer com que o missionário leigo possa ser realmente reconhecido na sua vocação específica.

Foram convidados quatro leigos para contar a sua experiência no anúncio do Evangelho da Paz, além de todos os desafios: como concretizaram suas práticas missionárias, que significado elas assumem para a nossa caminhada de Igreja, que apelos e perspectivas propõem para quem quer se engajar num projeto missionário.

1. Olívia de Albuquerque Instituto Missionário Leigo (Imile) Governador Valadares, MG

Bom dia a todos e todas!

Anunciar o Evangelho da Paz para nós significa cercar ao máximo a imposição dos imperialismos, combater o mais que pudermos as propostas do neoliberalismo, e anunciar *oportuna e inoportunamente* a Boa-Nova de Jesus, porque é a Palavra que suscita a ação. Anunciar o Evangelho da Paz significa para nós convocar todos e todas para cuidar da vida, que é dom de Deus.

Como já foi dito, eu faço parte do Instituto de Missionários Leigos, o Imile, criado pelo Pe. Assis, lá em Governador Valadares, MG, e o meu engajamento nesse projeto iniciou exatamente, quando o Pe. Assis começou a sonhar em enviar a Igreja de Governador Valadares para a Missão. Eu fiquei dois anos no Amazonas, e o objetivo principal desse projeto era exatamente, e continua sendo (ainda temos lá duas missionárias leigas): organizar e animar as comunidades; propor a organização de algumas pastorais não existentes (quando a gente via a necessidade de organizá-las); reanimar algumas pastorais que já existiam, e, por falta de liderança, estavam paradas, acompanhando-as até a sua maturação; criar grupos de reflexão; e fazer visitas diárias às famílias. Este era o nosso objetivo; aos poucos a gente vai percebendo a necessidade de outras atividades.

Os desafios são muitos, eu acho que quem já fez esse trabalho no Amazonas, essa Missão no Amazonas, sabe que os desafios são muitos. Mas, para a nós, um dos grandes desafios é evangelizar com ardor, com paixão, a partir do destinatário da Missão, porque chegar com propostas que eram desenvolvidas nas nossas comunidades, nas nossas cidades de origem e propô-las da mesma forma nessa região, para nós parecia uma imposição muito grande; então precisamos conhecer primeiramente o que havia ali naquela terra. E pra mim que fiz essa experiência teve um significado profundo, pra mim foi de um crescimento imensurável.

Então eu gostaria até inclusive de começar por um fato que acontecia logo no início, quando nós chegamos.

Quando nós íamos para as comunidades ribeirinhas, ancorávamos o nosso barco, normalmente num local onde havia visivelmente umas três casas e um salão onde nós nos reuniríamos naquele dia. Então às vezes eu ficava em cima do barranco e começava a perceber que de todos os lados daquele rio imenso, caudaloso, surgiam famílias inteiras, vindo em canoas (poucos barcos, poucas lanchas; a maioria, canoas com famílias inteiras), vindo de todas direções, que a gente não via as casas.

Eu olhava aquela gente chegando ali e pensava no meu barco, no nosso barco, nós não tínhamos cesta básica, nós não tínhamos remédios, nós não tínhamos material escolar, nós não tínhamos nada de material para oferecer. E aquelas pessoas vinham às vezes em dias de semana, elas deixavam um dia de trabalho, talvez um dia de produção, pra simplesmente ouvir a mensagem que nós íamos levar-lhes, quer dizer, a mensagem de Jesus.

Era o único presente que eles sabiam que existia naquele barco. Talvez, eu pensava, por causa do índice de analfabetismo que existe lá, eu pensava assim realmente, talvez nós sejamos a única Bíblia que esse povo tem oportunidade de ler, a carta viva. Porque na verdade os sentimentos do próprio Jesus já existiam no coração daquele povo, e foi isso que eu aprendi lá: a partilha, a fraternidade, a simplicidade, o amor, a união, a paixão por esse Deus que nos salva. Eu não precisava falar àquele povo: aquilo ali já era muito concreto no coração de cada um deles. E talvez a minha fé aumentou exatamente com a convivência daquele povo: talvez não, com certeza.

Então eu comecei a achar que, já que era uma mensagem (os textos bíblicos, o Evangelho), eu precisava compreender mais, e foi exatamente aí que acho que veio esse crescimento meu, é que eu comecei a conhecer realmente quais eram as propostas desse Jesus e que suscitou em mim esse desejo de segui-lo e imitá-lo mesmo, para eu ser essa carta viva no meio daquele povo. Então assim pra mim foi uma experiência muito profunda, e daí também eu deveria começar a prestar atenção, bastante atenção, porque eu iria voltar pra minha terra, e eu estava carregando uma Boa-Nova maravilhosa, e eu precisaria partilhar com meu povo, que pensou que estava mandando um presente, mas eu estava trazendo de lá uma bagagem pesadíssima, agora quase sem muito daquela roupa que eu levei para ficar lá esses dois anos... Mas com o amor e esse carinho desse povo, eu aprendi inclusive a questão da partilha, que lá pra mim foi fortíssima, foi uma coisa impressionante. Nós, por exemplo, com esta cultura do acúmulo, de estar preocupados com o que vamos comer amanhã: em época de escassez de peixe, por exemplo, eu via uma família inteira comendo um peixe, apenas um peixe, ao redor do prato, com um pouco de farinha, e mesmo as crianças, de dois e três anos. Acabou o peixe: não era como as nossas crianças, lá na minha terra, que pirraçam, batem o pé, “eu quero mais, eu quero mais”...

E para a Igreja, qual é a contribuição? O significado simbólico para a Igreja? Eu acredito primeiramente que a Missão, ela vai se consolidando pouco a pouco essa proposta do Evangelho, vão surgindo lideranças, a gente vai esquentando o coração daquele povo animado com essa vontade deles.

O povo, sem perder suas virtudes — que a gente tem que tomar muito cuidado com isso —, sem perder esses sentimentos que eles já carregam no seu coração, esses sentimentos do próprio Jesus, eles vão se tornando mais críticos, menos submissos, menos dependentes, e vai se engrossando, porque nós deixamos lideranças boas, vai se engrossando pouco a pouco a fileira daqueles que desejam colocar-se a serviço do Reino, cumprindo o mandato de Jesus.

Eu gostaria de colocar assim só um ponto que um dia me deixou bastante angustiada. Nós fomos numa comunidade indígena, e o Cacique chamou-nos, nós fomos só visitar, ele nos chamou e fez um apelo fortíssimo. Até uns anos atrás a Igreja Católica (nossa Igreja) havia acompanhado, mas depois, por causa das distâncias, uma série de problemas, os abandonou, e, por falta de iniciativa, por falta de liderança, o povo não conseguia mais se reunir para celebrar, não conseguia, e eles estavam sentindo necessidade disso. Com isso começaram a entrar outros grupos que não tinham propostas muito cristãs. Então o Cacique, com lágrimas nos olhos, mendigou que nós fizéssemos presença lá, por quê? As propostas desses grupos, que não eram muito cristãs, quando eles convertiam algum membro da família e os outros não, estava começando criar divisão. O que ele nos mostrou? Então nos mostrou assim uma área mais distante, dizendo: “Então aqui, minha filha, aqui, por exemplo, nas famílias em que é o homem que se converte, e a mulher não, eles vão para aquela outra comunidade, e assim estava acontecendo”.

Então ele achava que a presença dos missionários da Igreja iria melhorar a situação que ele estavam vivendo naquele momento.

Obrigada!

2. José Cândido

Projeto Sul 1—Norte 1/CNBB

Solidariedade com as Igrejas da Amazônia

Missionário leigo

Bom dia, Igreja missionária do Brasil!

Eu gostaria de saudar a todos e todas, e, de modo especial, saudar também a Zélia, que participou também deste projeto comigo; o Borges, que está aqui filmando; a Roseli; e saudar também a Ir. Esperança, que é de Tefé, AM, que é missionária mexicana; e também o Raimundo, também de Tefé: uma salva de palmas para o povo.

Eu sou de São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, e, no ano de 1999, comecei a fazer parte deste projeto missionário Norte 1—Sul 1. E eu digo a vocês todos, que aquilo que sou, a pessoa que sou hoje, devo a este projeto, devo à Prelazia de Tefé, que me acolheu com 21 anos de idade, para fazer Missão naquela região. Cadê o Dom Sérgio Castriani?

Ele, com todo aquele carinho, juntamente com Dom Mário, acolheu-me naquela prelazia, com 21 anos de idade, e este nosso projeto missionário, ele está presente na Arquidiocese de Manaus, com uma comunidade intercongregacional de irmãs. Temos também uma outra experiência em Itacoatiara, AM, uma também em Porto Velho, RO. É um projeto sério, um projeto que começou com o grito de Dom Erwin no ano de 1994: “Dar da nossa Pobreza”. Então realmente a Igreja de São Paulo assumiu esse projeto.

E, sobretudo, eu quero destacar a importância da comunidade leiga, porque muitas vezes se fala por aí “leigo não tem voz e não tem vez”. Eu acho que muitas vezes nós precisamos cavoucar, para abrir o nosso espaço, mostrar quem somos, e a que viemos. Isso é muito importante. E lá nós temos uma comunidade missionária de leigos e leigas: na época era eu, Zélia e Exalte, e hoje essa comunidade já foi renovada, e há outros membros. E o mais importante é a expressão que esta comunidade missionária leiga representa para a Igreja local, isto é muito importante.

Não devem ser pessoas simplesmente jogadas ao léu: é preciso que haja um espírito de fraternidade muito grande, porque o povo local exige isso de nós, e eles percebem, quando as coisas não vão lá muito bem com os missionários.

E também é uma experiência com um significado importante de comunhão de Igrejas particulares diferentes: eu, de São José de Rio Preto; a Zélia, de Campo Limpo, em São Paulo; e a Exalte, da Igreja-Irmã de Divinópolis, aqui em Minas Gerais.

Eu, um juvenzinho de 21 anos; a Zélia, uma juvenzinha um pouco mais à frente; e a Exalte, um uma juvenzinha com uns anos a mais que a gente. Mas não é problema: todo desafio de convivência é importante, e a única regra que tinha naquela casa era a de que nós nos amássemos, apesar de qualquer dificuldade, e as nossas roupas sujas, a gente lavava no café da manhã, porque estivesse todo mundo tranqüilo, não é Zélia? Então a gente colocava os pontos nos is, e nos acertávamos.

Uma coisa também que é interessante: essa Missão na Amazônia. Nesse mundo globalizado, eu tinha o sonho de ir para África. Mas, quando eu ouvi este apelo, este grito de Dom Erwin, o Regional Sul I convocando pessoas interessadas em Missão, eu falei assim: “É aqui que eu vou ficar! É aqui que eu gastar minha vida também! É aqui que eu quero dar um pouco de mim! É aqui que eu quero aprender um pouco mais do meu Brasil.”

E esta Prelazia de Tefé (só falando um pouco da realidade local) é uma Prelazia com 11 paróquias, cerca de 304 comunidades, é uma Prelazia com 266 mil km² que é maior que o Estado de São Paulo.

É uma Igreja que acolhe, é uma Igreja acolhedora, que acolhe missionários, sacerdotes, religiosas, vindos de fora, vindos do interior. A Ir. Esperança é testemunha disso. Mas também é uma Igreja de missionários locais: nós temos os catequistas locais, nós temos os animadores de setores que são verdadeiros missionários e missionárias autóctones, são pessoas que deixam suas famílias, que deixam sua comunidades, e vêm compor esta equipe, que vêm de fora. É uma grande equipe missionária que se aventura por aqueles rios da Amazônia, a visitar cada comunidade. E eu me lembro de Dom Erwin que falava: “Nessa imensa floresta, onde houver um só casa, lá vocês precisam estar”.

E eu me lembro de Dom Mário Clemente Neto, até então Bispo Prelado de Tefé. Ele dizia para mim, para a Zélia e para a Exalte: “A única coisa que eu peço de vocês é que a casa de vocês se transforme num ponto de referência para este povo”.

Eu falei: “E este vai ser o lema da minha vida missionária aqui, e uma coisa eu compartilho com vocês. Pode parecer meio poético, mas eu acho que levei amor e levei a esperança — não a Irmã... — mas a esperança, por onde o Rio Amazonas pôde me conduzir”.

Desafios são muitos: da inculturação, da alimentação... Eu poderia aqui esmiuçar exemplos, mas o tempo é pouco, já apareceu a plaquinha de três minutos...

Mas gostaria de falar do missionário também. O missionário, a missionária que vive uma ação missionária, atualizada a cada dia, olhe a dinâmica da Missão. Esta Missão, que não é nossa esta Missão, que é de Deus. Esta missão que tem a fonte em Deus, e esta Missão que se renova por si mesma. E também um grande desafio para nós é enxergar o Reino de Deus, é enxergar o paraíso, ali onde nós estamos, e não ficar falando: “Ah, porque lá em São Paulo era assim, porque lá em São Paulo era assado, na minha comunidade era assim”. Não.

O desafio de inculturar, o desafio de valorizar aquele povo, de amá-los como eles são, respeitar a história daquele povo, respeitar a caminhada daquela prelazia, aquela Igreja local.

O missionário é aquele que inclui (daí o desafio da globalização). E então nós vamos globalizar, nós vamos incluir, nós somos e temos de ser amigos, porque estas são palavras do Cristo: “Já não vos chamo de servos, eu vos chamo de amigos”. E o missionário tem de ser amigo, o missionário tem de estar na casa do povo, o missionário tem de saber da vida do povo, tem de sofrer com o povo, tem de chorar e se alegrar com o povo.

E missionariedade é isso. Quem evangeliza? Todos: aquele que dá e aquele que recebe, a Igreja que envia e a Igreja que acolhe.

E para encerrar, eu trouxe aqui o cartaz da Prelazia de Tefé. Esta Igreja é uma Igreja que quer caminhar, esta Igreja é uma Igreja que se pergunta sobre a Igreja que somos e que queremos ser no coração da Amazônia, é uma igreja que tem identidade própria, é uma Igreja que se propõe anunciar ousadamente o mistério do Evangelho. Esta é a Igreja local de Tefé, e este desafio de anunciar ousadamente o mistério do Evangelho eu faço com as palavras de Paulo, e minhas também, e passo a vocês. Vamos anunciar ousadamente os mistérios do Evangelho, vamos “cutucar” o nosso bispo local, vamos “cutucar” o nosso pároco, vamos “cutucar” as irmãs, vamos nos mexer, porque a Igreja precisa de nós.

Vamos repetir: *Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão!*

3. Salinésio de Oliveira Santos

Associação dos Missionários e Missionárias do Nordeste (Amine)

Missionário leigo

Bom dia.

Meu nome já diz de onde eu sou (da terra do sal), sou missionário leigo, casado, pai de quatro filhos, e já tenho sete netinhos, que são a minha paixão hoje, que ajudam muito na Missão, porque, a partir deles, eu me dou muito mais, e é difícil para gente como missionário leigo casado, pai e avô, muitas vezes, sair, porque a gente precisa vencer muita coisa da nossa vida, que é esse desafio maior da Missão que nos chama, e quantas vezes a gente não pode pensar, porque o chamado é imediato e é imperioso.

“Vós sois o sal da Terra, e se o sal perder o seu sabor, pra que servirá?”

A gente pode até ganhar muita coisa por aí, mas a Missão deve estar em primeiro lugar. E eu descobri isso. Inicialmente me descobri no movimento de educação de base, num momento difícil, conflituoso, e onde a gente tinha de trabalhar junto às comunidades rurais em plena época difícil de se trabalhar, no período da Ditadura, da perseguição, e daí eu que já vinha da Juventude Operária Católica, a JOC, com toda uma mística de dedicação à classe trabalhadora (juventude operária). Então essa militância da gente foi se encaminhando de certa forma, até que surge a Amine (Associação dos Missionários e Missionárias do Nordeste), que é um sonho e uma teimosia de um grupo de leigos que resolveu fazer Missão a partir do pobre, no meio mais pobre mesmo, lá nas “pontas de rua”, lá nas comunidades mais esquecidas e mais difíceis.

E a Amine, como toda experiência nossa que não se dá sozinha, precisou de muita gente, de muita força e de muita coragem. Naquela época a gente tinha o Dom Manoel Pereira, que era Bispo de Campina Grande, Dom Marcelo Cavaleira, que era Bispo de Guarabira, a Ir. Dolores, que era missionária de Jesus Crucificado, das primeiras missionárias que entenderam a expressão “tiveram a coragem de tirar a roupa” — é negócio meio complicado de se dizer, não é? —, mas de se vestir como povo, pra poder chegar perto, e aí comunicar com muito mais força, com muito mais transparência a Palavra de Deus.

E isso dava uma força de testemunho, para a gente, muito grande, porque eram eles que ajudavam a gente a firmar o nosso compromisso missionário, e aí isso teve uma importância enorme, dentro desse projeto da Igreja do Brasil, não só hoje, naquele tempo era muita mais forte, porque as coisas eram muito mais difíceis, e às vezes Dom Hélder dizia muito isso pra gente: vocês são os corajosos, vocês têm de fazer isso com toda força. E o velho dizia isso com aquele jeito que ele tinha, e aí a gente se inflamava, e o diabo se soltava no meio do mato...

Pois bem, e assim a gente fazia. Mas a gente vivia isso numa radicalidade muito grande, e o nosso compromisso, antes de Puebla, antes de Medellín, e antes dessas coisas todinhas, a gente já vivia com a radicalidade desta pobreza. É tanto, que, quando um padre ou um bispo chamava a gente para fazer Missão numa paróquia ou comunidade, a gente dizia logo: “A gente vai agora, a gente tem um jeito de fazer isso”. E como era esse jeito? Era o jeito do pobre.

E eu fazer Missão, uma vez a nossa equipe foi para uma cidade no interior de Pernambuco, e quando a gente chegou lá, os missionários locais tinham preparado tudo como vocês aqui de Belo Horizonte prepararam com tanto carinho, só que exageraram demais, e botaram a mim e ao Fr.

Roberto na casa do gerente do Banco do Brasil. Aí, meu amigo, o negócio não deu certo: como é que a gente ia fazer? O que tivemos de fazer?

Tivemos exatamente de dar uma pequena desculpa lá, que a gente precisava dormir lá depois da Missão ficar na própria comunidade, e, resultado, não voltamos mais para a casa do homem. Isso provocou uma ira santa, mas a gente agüentou firme, até o fim, e ficamos lá na “ponta da rua”, onde a gente estava realizando a Santa Missão.

Pois bem, o grande desafio da gente é ser e ter essa fidelidade ao Evangelho, porque a fidelidade aos documentos da Igreja é muito fácil da gente ler, da gente discutir, da gente debater, da gente dizer que aceita, e até assinar, e às vezes a gente assina, mas não cumpre.

O difícil mesmo é viver a radicalidade deste nosso projeto missionário. Não dá mais tempo pra nada, e tenho muita coisa pra dizer, mas o grande desafio é dizer dentro desses dez minutos, e o tempo passa muito rápido.

Quero dizer que é possível fazer o novo. Numa comunidade do Maranhão, nós fomos fazer uma Missão, e lá no primeiro dia, a gente constatou que estava numa comunidade rodeada de tudo quanto era qualidade de Igreja, que eu não sabia nem que existia: do Evangelho Quadrangular, do Evangelho não sei de quê, Assembléia de Deus, Batista e tal.

Então, no segundo dia, nós fizemos o seguinte: convidamos o pastor da Igreja Batista para ele ser o pregador da noite. Na primeira noite, a gente tinha falado sobre o Plano de Deus, e esta segunda noite, a gente ia falar sobre o Estrago no Plano de Deus. Então fomos chamar o pastor. E o negócio deu certo. Quando foi no terceiro dia, chegou um grupo de jovens da Igreja do Evangelho Quadrangular dizendo: a gente também quer ajudar.

Resultado: no final da Missão, nós contamos no encerramento da Missão, no dia do encerramento, todas as Igrejas evangélicas estavam presentes na praça, na Missa de encerramento, com participação por meio de seus membros, porque a gente teve a coragem de se abrir pra essa dimensão, acreditar que o trabalho não é nosso, não é do missionário, não do bispo, não é da freira, mas o trabalho é do Espírito Santo de Deus, e o Espírito sopra onde quer, e quando quer.

4. Aparecida Alves Gonçalves **Grupo Semeadores Sem Fronteiras (SSF)** **Ipatinga, MG** **Missionária leiga**

A terra é do ferro, mas o coração do povo de lá, com certeza não é de ferro.

Eu sou Aparecida, moro em Ipatinga, sou da diocese de Itabira—Coronel Fabriciano, e moro na zona rural da cidade.

Quando fui convidada para dar um testemunho no Congresso Nacional, eu pensei em primeiro momento em dizer não, mas depois eu pensei bem, e falei: “Não vou dar um testemunho, mas vou colocar um pouco do que eu sinto com relação à Missão, com a relação a ser missionário”.

E para falar de Missão, primeiramente nós precisamos falar de chamado, e eu sinto que o meu chamado se deu no dia 18 de setembro de 1979, em um hospital da cidade chamada Márcio Cunha. Minha mãe estava na sala de parto, já há três dias, e o médico chegou para minha tia e disse o seguinte: “Você precisa escolher, porque nós já esgotamos todos os nossos recursos, e não vai ser possível salvar as duas pessoas”. E minha tia não me conhecia, lógico, optou pela sua irmã e disse: “Eu opto pela minha irmã, mas que se faça a vontade de Deus”.

E assim Deus fez, chamou-me nesse dia, e, no dia 13 de janeiro do ano de 1980, esse chamado foi confirmado com o meu Batismo. E desde então eu continuei na Igreja, porque meus pais me acompanharam, meus pais me levaram para a Igreja, e eu sou muito grata a eles por isso.

E sempre quis ser missionária, mas achava que ser missionária era só para as religiosas, padres, bispos, e eu, morando na roça (uma pessoa simples, humilde), nunca poderia ser uma missionária. Até que um dia, numa Missão, em janeiro de 2000, eu conheci um grupo de pessoas missionários leigos formado após o Comla 5, daqui de Belo Horizonte e também de Ipatinga, que são missionários leigos acompanhados pelo Pe. Paulo César (o nosso querido Pe. Paulinho), que é o

nosso assessor espiritual. E nesses grupos de missionários leigos existem pessoas solteiras, casadas, viúvas, homens, mulheres, enfim, todo leigo que queira ser missionário e levar avante essa Missão.

E era uma Missão além-fronteiras, e seria na nossa paróquia. Mais que depressa nós aceitamos e acolhemos missionários brasileiros, paraguaios, argentinos e do Chile. E eu me empolguei com aquilo, achava o máximo aquela língua espanhola, aquela coisa toda, e o povo vestia um pouco diferente, e eu achava aquilo o máximo.

Como já havia passado por vários ministérios da Igreja, eu pensei: “Aí é o meu lugar, ser missionária é o meu chamado, e eu vou resolver aceitar esse chamado”.

Foi então que, com os meus 20 anos, eu disse sim ao chamado de muito tempo, e aceitei ser missionária. A partir daí, como fazemos nos nossos grupos, a gente renova esse compromisso a cada ano, e o símbolo do nosso compromisso são as nossas cruzes, e uma vez por ano nós fazemos o nosso chamado Retiro do Sim, e a gente sai, e vê se é isso mesmo que a gente quer, e assume esse compromisso por mais um ano.

Como experiência para minha vida pessoal, eu já participei de várias animações missionárias e semanas missionárias no Brasil, mas a que me marcou foi em Assunção, no Paraguai. Em janeiro de 2001, eu tive a oportunidade de sair além-fronteiras, e participar dessa Missão. E neste lugar a ansiedade da primeira Missão internacional, e essa coisa toda, essa preocupação de não dar conta... E nós entramos numa caminhonete e andamos o dia todo. Detalhe: nós éramos chamados grupos especiais, porque havia um grupo que era o dito dos normais, que iam visitar as casas ditas normais.

E a esse grupo das pessoas especiais, chamado grupo dos 27, o padre disse assim: “Gente quem tem relógios (até parece que missionário tem isso), jóias, não sei mais o quê, dinheiro, deixe em casa, porque vocês vão “missionar” num lugar muito perigoso”. Pensei assim: “Poxa vida, eu não tenho nada, vou deixar o quê?”.

E aí nós fomos com aquela preocupação de ir a um lugar perigoso, aquela coisa toda... E, para decidir as ruas, aonde a gente iria, foi uma confusão total. Resultado: andamos o dia todo em cima de uma caminhonete, e não vistamos uma casa. E eu cheguei na hora da Missa. Era todo mundo no setor indignado, e as pessoas me diziam: “Eu visitei não sei o quê...” E eu só pensava: “Eu não fiz nada...”. Só pensava nisso.

Até que o Pe. Marcelino de Limpio, que presidia a Missa, disse o seguinte: “Hoje nós “missionamos” com Francisco de Assis, andamos, não falamos nada, mas testemunhamos aquilo que a gente pensa, porque nós estávamos ali com um propósito, e todas as pessoas viram aquele propósito nosso”. E foi pra mim uma coisa que me marcou muito, porque eu descobri ali que ser missionário é também falar, mas, mais que falar, é você dar um testemunho, você mostrar aquilo em que você acredita, e ter acima de tudo essa alegria, essa vontade de falar. Eu sou missionária, eu sou uma leiga missionária, eu tenho condição de dar da minha pequenez para as pessoas que precisam. Eu não tenho nada, não sou formada em Teologia, não tenho vastas experiências, mas tenho dentro de mim o amor de Jesus, sinto esse amor em cada momento de minha vida, e digo pra vocês que hoje eu sou feliz, feliz porque sou cristã, feliz porque eu sou missionária, feliz porque sou missionária leiga.

Sou muito feliz em poder levar adiante esse chamado que Deus me fez. Espero não tê-Lo decepcionado em momento algum. E termino com uma mensagem, que pra mim é profunda, e deveria ser para todos os missionários, de Dom Hélder Câmara. Ele diz que: “É preciso que a gente vá ao encontro do outro, saia deste pequeno mundo ao qual a gente pertence, porque a humanidade é bem maior. Mas, se para ir além e encontrar este outro, for preciso atravessar mares e voar pelos céus, então Missão, meu irmão, minha irmã, é partir, e ir até os confins do mundo”.

MISSIONÁRIOS/AS ALÉM-FRONTEIRAS PELO MUNDO AFORA

“Dar de Nossa Pobreza” e Contar Nossa Experiência no Anúncio do Evangelho da Paz a Todos os Povos

Introdução

Há mais de 20 anos, a Igreja latino-americana pronunciava estas palavras em sua 3ª Conferência Episcopal, em Puebla (México):

“Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras, *ad gentes*. É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por outro lado, nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante: o seu sentido da salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, a floração de seus ministérios, a sua esperança e a alegria de sua fé. Já se realizaram esforços missionários, que se podem aprofundar e se devem ampliar.”

(Puebla, 368).

Diante de mundo globalizado, sem fronteiras e sem possibilidade de retorno, as Igrejas não podem limitar sua Missão aos estreitos limites paroquiais, regionais ou nacionais. Num contexto global, a Missão também, como o próprio projeto de Deus, adquire dimensões universais. A Missão evangelizadora precisa ser pensada e atuada em termos de *mundo*, em termos de co-responsabilidade mundial.

Nunca como hoje, no alvorecer do novo milênio, ressoa como estranha a pergunta: “O que tenho a ver com o irmão e a irmã de outro país ou de outro continente?”

Ora, é exatamente nesta altura que a Igreja deve redescobrir toda sua *catolicidade*, a dimensão universal de sua Missão. Poucas instituições comprometidas com a causa dos pobres têm articulações e conexões internacionais tão densas e ricas como a Igreja!

No mundo mercantilizado — onde tudo é mercado —, o que precisamos é de um sinal profético de uma nova humanidade, mundial, fraterna, multicultural e solidária: isso é “sacramento universal de salvação”.

A Missão além-fronteiras a partir da América Latina é uma Missão sem “ouro nem prata” (cf. *At* 3,6), mas rica de uma peculiar vivência do Evangelho de Jesus. É uma Missão de pobre para pobre.

O que levamos e o que recebemos como missionárias e missionários brasileiros além-fronteiras? Estão aqui para responder a esta pergunta três missionários que trabalharam fora do país, e outros três que partem para Moçambique logo após o Congresso. São representantes dos nossos 1,8 mil missionários e missionárias que foram enviados pelo mundo afora.

Junto a estes testemunhos, foram colocadas em comum as conclusões dos “Mutirões” de Reflexão que se debruçaram sobre os temas relativos aos *Sujeitos da Missão*: os grupos 3, 4 e 6.

1. Irmã Rosali Paloschi

Missão na Guatemala

País sede do CAM 2—Comla7

Boa tarde, Povo de Deus, irmãs e irmãos, missionários e missionárias.

Trago aqui à nossa frente os restos das cinzas das exumações que há poucos anos nós fizemos na terra de Guatemala, fruto de 36 anos de violência fratricida causada pelo exército e guerrilha naquela cidade. Então estamos diante de um campo-santo.

Sinto que têm uma responsabilidade muito grande aquelas e aqueles que são enviados para aquela terra. E eu tive o privilégio de ser convocada no ano de 1992 para por os pés naquela terra.

É “bênção sobre benção”. Sou irmã Catequista Franciscana, e, por iniciativa própria, nós decidimos celebrar os 500 anos de Evangelização na América, e ao mesmo tempo 75 anos de Congregação, abrindo um espaço, ampliando nossa Missão num país da América Latina, e, frente a uma equipe que foi ver e sentir um pouco a realidade, em comum acordo, conforme as exposições, após ter consultado diferentes pessoas que conheciam aquelas diferentes realidades, nós decidimos fincar nossas estacas naquele país.

Eu sinto que foi um desafio, e está sendo pra nós, pra vida religiosa, a experiência da provisoriedade, da intinerância.

É um país cheio de contrastes, é o país da eterna primavera, multicolorido, pluricultural, multilingüe. Aí estão uns pobres panos, aí vocês vão lá, vão se encantar, encher os olhos de cores e cores e flores, porque é o país da eterna primavera. Mas podemos dizer também que é o país da eterna tirania, infelizmente.

Foi um povo que hoje, melhor, é um povo que hoje nos dá testemunho do perdão e da reconciliação, com a vivência de vítimas e culpados no mesmo ambiente. Hoje podemos dizer que este povo, que é o pobre sofrido de que nos fala *Isaias*, ensangüentado, sangrado, cheio de feridas, é aquele que nos dá a lição de que é possível ser uma Igreja samaritana, que enxuga e que cura as suas feridas.

E nós, quando entramos, Terezinha Pacheco e eu, não conhecíamos nada, tínhamos apenas um endereço de referência, não falávamos espanhol, e acho que isso também é um desafio grande, com o intuito de aprender com o povo, conhecíamos o básico. Fomos aprendendo no dia-a-dia na escola da vida, marcando passo, mochila nas costas, bota nos pés, a lanterna, o plástico, para se proteger da chuva, e andávamos de aldeia em aldeia.

Caminhávamos sem nenhum referencial, não conhecíamos ninguém, e íamos fazendo caminho, e, à medida que íamos conhecendo as pessoas, iam nos encaminhando a diferentes lugares. E, a partir daí, fomos ampliando nosso olhar, fomos adquirindo experiência, e conhecendo, escutando, as diferentes histórias do nosso povo.

Nossa atuação, não era atuação? Sei lá: entre aspas... Assim, nunca nos sentíamos talvez inúteis, porque a gente era acostumada a ter uma agenda cheia de compromissos, a agenda sempre cheia, e, de repente, você não tem nada marcado.

Nossa maior Missão era escutar, ver, acolher, e contemplar. Tínhamos assim um pouco de espírito de aventura e ousadia. Não sabíamos da magnitude da violência que existia (menos mal, porque assim o medo não nos deteve).

A gente estava hospedada na capital, e de lá a gente ia a diferentes lugares, e passamos por todas dioceses do país, praticamente, que é um país pequenino. Daí, quando voltávamos e partilhávamos das nossas caminhadas, diziam: “Vocês foram para lá, vocês caminharam aqui, mas lá está minado, mas lá existe violência, mas lá se encontr o exército. E nós ... uma certa ... sei lá o quê.

Mas sempre fomos abrindo, fazendo caminhos, e Deus vai abrindo as cortinas, as portas, tirando as estacas, tirando as madeiras da nossa frente, os galhos nas nossas caminhadas nas aldeias, e sempre com a acolhida calorosa do povo.

O povo indígena é muito sofrido, mas dá-nos muito, muito pra nós aprendermos na contemplação da natureza, na contemplação da vida.

Depois de passarmos por diferentes dioceses, tivemos contato com entidades religiosas e não-religiosas, escolas, hospedamo-nos em casa de bispo, em casa do povo, em casas paroquiais, em casas religiosas, em casa de camponeses, e houve noite em que não sabíamos onde nos hospedávamos. Decidimos, por fim, fincar nossas estacas, armar nossa tenda na Diocese de El Quiché, onde naquele tempo era Bispo Dom Júlio Cabrera, hoje Presidente Nacional da Comissão Missionária na Guatemala, e também Presidente da Comissão Central do CAM 2—Comla7.

Dom Júlio Cabrera não nos conhecia, como também nós não o conhecíamos. Mas não marcamos nenhuma hora, e chegamos lá, pedíamos se ele poderia nos atender. E, por sorte, naquele ele dia, ele tinha marcado uma reunião, que depois não aconteceu. Ele se dispôs a nos receber, sentou conosco das 3 horas da tarde até as 7 horas da noite, expôs toda a realidade de El Quiché, desde toda violência, e disse: “Irmãs, aqui está o calhamaço de pedidos das comunidades indígenas, eu preciso de vocês nessa região”. Daí ele disse assim: “Aqui tenho o manual do povo Katchi”. Nós nos assustamos, pois nem sequer sabíamos o espanhol, e ele nos dá o manual do povo Katchi, para aprendermos.

Bom, um pouco de susto, um pouco de alegria, e toda essa acolhida de Dom Júlio Cabrera, muito amável, muito atento, muito respeitoso, nós fomos conhecendo essa diocese, ficamos quase um mês com ele, onde tivemos a graça de conhecer toda a sua trajetória.

Pra começar, foi a diocese a que mais sofrera com a guerra, com milhares e milhares de refugiados no México, Honduras, e milhares de deslocados internos, forçosamente, pela guerra.

Tivemos a graça de conhecer as comunidades da população em resistência dentro da floresta. Houve os que foram ao refúgio, para salvar suas vidas, optando por aquele caminho. Mas muitos outros disseram: “Não vamos abandonar a nossa terra”. E ficaram debaixo da montanha durante 12 anos, nos vales. Diziam: “A floresta é nossa mãe, a floresta no protege, as montanhas nos guardaram, as montanhas protegeram nossas vidas”.

Lá chegamos e caminhamos (chegamos a caminhar 12 horas), para chegar até essas comunidades, caminhando em 250 comunidades. Quando chegamos, pensamos que eram crianças retraídas, com medo. Que nada! Elas nos davam um “show” de consciência política, de organização. Os professores davam aulas um para o outro. Os que tinham a 4ª série davam aulas para os que tinham a 1ª série. Promotores de saúde, a organização política, fé e vida, os catequistas, saíam clandestinamente pelo meio da floresta, sem nunca passar pelo mesmo caminho, para não deixar trilhas. Então eles traziam os textos enroladinhos no meio do milho, eles carregavam a bolsa no meio do pão, por medo de serem pegos, e os textos serviam para as reflexões dominicais nas comunidades dentro das florestas. A Eucaristia, muitas vezes, era levada no meio do milho, no meio do pão, para poder ser partilhada.

É uma diocese marcada pelo martírio. Em 1994, os bispos formaram uma comissão e elaboraram o projeto de Recuperação da Memória Histórica, encabeçada por Dom Gerardi, que, após 24 horas, quando ele relacionou os nomes das pessoas, mais de 626 massacrados pelo exército de 32, pela guerrilha, 24 horas depois ele foi assassinado com uma enorme pedra de cimento na porta de sua casa: era o martírio de Santo Estêvão. Dom Gerardi não teve pena de denunciar, de dar o nome das pessoas responsáveis: e hoje nós o temos como exemplo de luta, de que vale a pena ainda seguir, lutar pela justiça, pela verdade.

Nosso compromisso com aquele povo é de respeito e reverência, de humildade, em atitude de discípulas; é de paciência, porque cada cultura tem o seu processo; de simplicidade, pois se trata de fazer a partir da realidade e da pequenez, da simplicidade e das pequenas sementes, porque aí já está o Verbo.

Também nós sentimos na Guatemala que há muito contraste, sentimos que é possível buscar uma comunhão das diferenças, sentimos que podemos pensar no Deus da Vida, no Deus do Cosmo, no Deus das diferentes culturas; pensar a vida a partir da dimensão ecumênica e do diálogo inter-religioso; sentimos que é possível conviver...

Tenho muito o que falar, mas tenho de parar...

Obrigada.

2. Irmã Neuza, Filhas de Maria Missionária, República Centro-Africana

Boa tarde a todas, e boa tarde a todos.

Com este mapa aqui nós podemos trazer presente todo o continente africano, mas de forma particular eu quero falar da República Centro-Africana, que é um país bem pequenininho, no centro do continente, e como, muito carinho, o povo de lá diz que é o Coração do Continente.

Eu acho dez minutos muito pouco. Não é nem justo vir aqui e falar só dez minutos de toda a riqueza do país. Mas aquilo que eu penso que poderia partilhar neste momento, enquanto Igreja missionária que está atenta a aprender alguma coisa com outras culturas, é justamente o fazer um apelo ao Brasil de estar presente no continente africano.

O mundo todo está hoje marcado pela grande movimentação que foi feita em favor da Paz, quando a América do Norte invadiu o Iraque: o mundo todo se levantou e, de fato, optou pela paz.

E eu achei muito interessante, quando o próprio Presidente da França, como outros, colocaram-se contra. Mas foi ao mesmo tempo muito decepcionante, porque no país em que eu estava, a França acabara de dar um golpe de Estado, num país que estava tentando se organizar com o processo de democracia, e tendo presente somente um interesse econômico. Então, é nesse cenário que é preciso situar o continente africano, eu diria assim, numa situação de isolamento pior que a do Oriente Médio, porque, no caso do Oriente Médio, pelo menos a mídia fala um pouco, distorcida, mas fala.

Mas nós estamos falando de um continente totalmente isolado, onde a vida é cada vez mais excluída, exterminada, e parece-me que, enquanto Igreja, a gente não tem muita consciência disso, ou muita informação. Então eu fico assim me perguntando: “O que nós poderíamos fazer pra de fato nos abrir para o continente africano, em uma relação direta, que supere este mundo da mídia que nos esconde tudo isso que acontece lá”.

Para mim, sair do Brasil foi o maior dos desafios, talvez da minha vida. Eu fui criada na Igreja a partir das CEBs de Ji-Paraná, RO. Depois voltei pra lá como missionária, quando conheci a Roseli, na Diocese de Guajará Mirim, e foi em 1994 que eu fui para a República do Centro-Africana.

Para mim, sair do país, de fato foi sair do meu mundo, do meu tapete muito bem estabelecido, e chegar numa outra cultura, com muitos missionários estrangeiros, e experimentar o que significa chegar em um país e não saber nem falar “a” na outra língua. Isso é de fato um processo de, eu diria assim, humildade muito grande da parte do missionário e da missionária, que tem que renunciar tudo, até mesmo sua língua, e se não houver esta renúncia, a gente não consegue entrar no mundo do outro, na cultura do outro. Então para mim foi um momento muito forte renunciar minha língua, e de fato ter de falar, ter que aprender o francês, e depois aprender o sangô: isso porque eu aprendi só uma língua do país, porque são tantas.

Mas então esse momento é assim um momento de muita, eu diria assim, de uma experiência, muito profunda de Deus, e do mundo do outro.

Outro momento muito forte que eu gostaria de partilhar com vocês é da gente não entender tudo ou quase nada da cultura do outro, e assim mesmo, estando lá durante sete anos, trazer assim presente muitas coisas que eu não consegui entender, assimilar, e que precisaria ainda de muito tempo, comer muito feijão e arroz junto, pra se habituar.

Eu vivi numa região de fronteira com o Chade e com o Sudão, e aquilo que eu gostaria de partilhar com vocês é justamente sobre uma diocese totalmente destruída. A tentativa de um golpe de Estado começou já no ano 2000, e foram várias tentativas. Muitos reforços militares foram para lá, de um lado e do outro do mundo, e agora uma outra tentativa aconteceu a partir de outubro do ano passado, e o país foi totalmente destruído, totalmente destruído. É um país muito pequeno, que não tem indústrias, muito pouca infra-estrutura, a gente fala de um país que não tem quase que praticamente nada daquilo que nós temos, quanto a estruturas, e esse não ter nada me chamou muita

atenção, porque é muito diferente você entrar numa casa pobre, ou até de um favelado brasileiro, e entrar na casa de um centro-africano, por exemplo.

A questão do consumismo nosso: nós temos um monte de coisas dentro de casa, mesmo que não sirvam para muita coisa, mas temos que consumir. O centro-africano, que vive uma experiência de não ter quase nada, senão uma casinha de palha, umas pedras, uma panela para cozinhar... que a gente percebe que na vida não é preciso tanta coisa, para ser feliz.

Portanto essa realidade, essa tentativa de golpe de Estado, deixou o país numa situação muito difícil. Na diocese em que eu estava, a gente pode dizer que entre as casas paroquiais, casas de irmãs e a estrutura do Estado não existe nada: nem sequer um garfo a gente encontra na Diocese de Bossanguá e de Carabandoro e uma outra que fica na fronteira.

Então temos um bispo, uma Igreja que se vê sem nada, pois tudo foi destruído, tudo foi roubado pelos rebeldes. E eu conversava com o Pe. Estêvão da necessidade talvez da Igreja brasileira também partilhar da pobreza, mas da pobreza econômica também, não só da pobreza humana, enquanto força missionária. Mas neste momento não só esta diocese, mas quantas no continente africano estão de fato sem nada, e que não têm missionário nenhum, todo mundo fugido para Bangui que é a capital, e o povo está lá sem missionários, sem ninguém, porque os rebeldes estão na região, e de tudo aquilo que se construiu não existe mais nada.

Para falar do povo, sem dizer de todos assassinatos que aconteceram, padres assassinados, outros que apanharam, irmãs que apanharam, mulheres estupradas, e a mídia não falou isso, a mídia não fala disso para nós. Então essa realidade de esconder a verdade, e não anunciar para o mundo que o George Bush foi, na semana passada, em todo continente, para instalar as bases militares... Foi esse o objetivo da visita dele. Se depois a gente coloca que ele liberou não sei quantos mil pra questão da Aids, da fome, isso tudo são “fichinhas”... Mas o objetivo dele foi de fato da América e parte da Europa irem lá, para assegurar bases militares. É, portanto, essa realidade de morte, de injustiça, que eu gostaria de trazer, assim com muita tristeza, e ao mesmo tempo como um apelo de solidariedade.

Eu acho que o pouco que nós temos nós podemos partilhar, pois os pobres, eles partilham do pouco que têm, eles não esperam ter, pra depois partilhar, eles sobrevivem partilhando do pouco que têm. Eu penso que a Igreja brasileira tem essa responsabilidade de fazer gestos concretos de solidariedade, a partir dessas situações, sobretudo do continente africano, que eu acho que cada vez mais, no mundo globalizado, está sendo excluído, e simplesmente explorado pelas grandes potências, mas a vida humana em si não conta e não se diz nada disso.

É com tristeza, mas ao mesmo tempo com a alegria de poder partilhar isso com vocês, e acreditar que nós podemos fazer alguma coisa. Então eu deixo assim esse pensamento para cada um de vocês: voltando para as paróquias, para as dioceses, o que será que a gente poderia fazer de concreto pra ajudar essas situações, que estão aí, e que a gente às vezes nem sabe.

Obrigada.

3. Pe. Orlando Zanovelli

Missionário Espiritano

Missão no Senegal e na Guiné-Bissau

(...) Essa foi a língua que eu tive de aprender no Senegal. E depois eu tive de aprender outra língua, fora o francês, na Guiné-Bissau, o crioulo.

Boa tarde. Como vão de corpo? Como vão de vida? Como vão de Congresso?

Nessa outra língua, com uma semana lá, eu celebri a missa. Na segunda semana, eu já fiz a homilia nesta língua. Eu aprendi três línguas neste tempo de dez anos como missionário na África.

Foi a partir de 1992, quando eu fui enviado com um mês de ordenação, para trabalhar a primeira Missão no Senegal, numa paróquia na periferia de Dacar, com 1,2 milhão de habitantes, mas com 25 mil cristãos.

O Senegal é um país mulçumano, em 90% da população, e nós vivíamos lá numa Missão de testemunho, onde nós tínhamos de testemunhar Jesus Cristo, o filho de Deus, diante daquela

multidão que não crê n'Ele como filho de Deus, na sua divindade, mas só como profeta. Então nossa Missão era realmente de ajudar aquele povo simples, humilde, pobre, vivendo uma experiência muito difícil, principalmente os cristãos que, por causa da sua fé, eram perseguidos. As moças às vezes ficavam grávidas de rapazes mulçumanos que diziam que só se casariam com elas, se ela se tornasse mulçumana. Um rapaz, para conseguir emprego, tinha de se tornar mulçumano, porque os libaneses ou mulçumanos senegaleses, que dominam o comércio e toda a parte econômica do país, fazem aquela pressão, aquela chantagem, e acaba que nós perdemos muita gente por causa disso.

Então a nossa Missão como missionário era testemunhar Jesus Cristo e assegurar um trabalho, para que eles não perdessem a fé, e continuassem vivendo essa experiência de Deus e Jesus Cristo, no meio daquela infinidade de gente que não vive a mesma fé.

E era um trabalho muito difícil, cansativo. Mas que valeu a pena, porque me fez crescer. E aí foi a primeira coisa que eu aprendi como missionário, que eu aprendi das pessoas: testemunhar Jesus Cristo diante dessa multidão, apesar de toda a dificuldade, de todo o contratemunho.

Fiquei lá seis anos, e, depois de seis anos, então eu fui enviado para a Guiné-Bissau. E por falar da Guiné-Bissau, eu gostaria de trazer presente aqui a Ir. Rosa Maria, do Pime, a Ir. Francisca, do Pime (por favor fiquem de pé), a Ir. Íris, Franciscana de Nossa Senhora. Essas irmãs trabalharam muito tempo na Guiné-Bissau, e eu gostaria de falar e dar este testemunho da Guiné-Bissau junto com elas, porque elas também viveram essa Missão junto com a gente.

Primeira coisa que eu gostaria de dizer é que eu fui enviado. Vim de férias para o Brasil em 1998, e eu tive uma experiência muito bonita na Diocese de Jales, SP. Está aqui o Pe. Deoclides, da diocese, que pode testemunhar isso. Quando a irmã falava de partilha, eu conversei muito com o Bispo Dom Demétrio, com os padres. Então eles abriram as portas da diocese pra mim, para falar da Missão. Eu ia celebrando missas, dando testemunho da Missão, e eles me davam uma coleta, e com este dinheiro que a gente juntou, conseguimos fazer alguma coisa na Guiné-Bissau.

Então, enquanto se fala de partilha do pouco que se tem, isso já está acontecendo no Brasil, e esta é a contribuição da Igreja no Brasil já para nossa evangelização da África e do mundo inteiro. Temos aqui os bispos, os padres. E, quando vocês virem um missionário na sua diocese, na sua paróquia, abram as portas, deixe-o falar um dia numa missa, dar o seu testemunho, depois lhe ofereçam a coleta. Foi com esse dinheiro que a gente conseguiu comprar Bíblias, Novo Testamento em crioulo para mais de 200 catequistas da Missão. Consegui pagar meu bilhete de volta de avião, consegui reconstruir casas depois da guerra, e tudo, com essa pequena partilha de uma diocese. Imaginem se a Igreja do Brasil fizesse tudo isso, o quanto nós não poderíamos ajudar a África, partilhando do pouco que a gente tem. É uma questão de opção.

Então, depois em fui, em 1998, voltando de férias, fui para a Guiné-Bissau, fui pro sul do Senegal, onde existe uma guerra de mais de 15 anos, na qual já morreu tanta gente. É uma guerra terrível, porque é de guerrilha. Então você está andando nas estradas, de repente vêm os rebeldes, e te atacam. Já perdemos padres, irmãs, muitos leigos, sangue derramado no sul do Senegal. Uma coisa muito triste, por causa de um padre, que colocou na cabeça do povo do sul Senegal que eles devem ter a independência. E agora a situação se perdeu, ninguém consegue mais controlar, e a guerra está lá.

Então eu fui para o Sul, e, do Sul, andei 180 km na estrada com um táxi. O primeiro táxi não quis me levar, porque ele era mulçumano. Chamou-me de lixo, disse: “Eu não levo esse lixo”. Depois o outro me levou, nós fomos, com um medo enorme. Depois em Kolda atravessamos a fronteira. Gostaria de abrir um parêntese, para contar uma coisa engraçada que aconteceu.

Eu cheguei na fronteira, estava levando (porque na Guiné-Bissau não havia quase nada pra se comprar por causa da guerra, e eu queria ajudar os missionários que estavam lá) açúcar, cebola, batata, aquelas coisas todas. E a gente então foi com toda mala, como se fosse realmente um peregrino. Chegando lá fronteira, era preciso atravessar uma fronteira de 2 km. Aí o homem falou: “De carro você não pode atravessar”. E aí eu disse: “Como é que eu faço?”. E ele me indicou uma carroça ali e três rapazes... Foi uma coisa tão engraçada, porque naquela guerra toda...

Depois disso, eu subi na carroça, e atravessei a fronteira, com toda minha bagagem, com o dinheiro que a diocese me havia oferecido, sozinho colocando a mão no terço de Nossa Senhora. Olhem, se me tivesse acontecido alguma coisa, vocês não saberiam onde é que eu estava, até hoje. Porque era, de um lado, guerra; do outro, também, guerra: e eu saí, atravessando no meio. Tinha de ser, não havia outro jeito. Então, eu, atravessando para ir, vi a situação de guerra, realmente de tristeza. A Guiné-Bissau foi destruída, foi saqueada. Os senegaleses roubaram tudo da capital Bissau, levaram portas, janelas, vasos sanitários, pias, azulejos: o que puderam arrancar das casas. O povo ficou na miséria, e está na miséria até hoje. O mundo não enxerga a miséria da África.

Quando alguém disser que o continente africano desaparecer, ninguém vai sentir falta, porque pobre não faz falta: essa que é a verdade, e nós temos de acordar. A irmã está certa, nós temos de doar da nossa pobreza, da nossa generosidade. Mas, sobretudo, os meios de comunicação... É uma pena: o Brasil e a África estão frente a frente, mas os olhos estão voltados para a Europa. Tem de mudar isso. Daí nós temos de olhar para o pobre, e acreditar no pobre. A Igreja do Brasil tem muito que oferecer, e está oferecendo o nosso jeito de ser Igreja, que é importante e que muda as coisas.

As irmãs lá estavam contando de toda solidariedade que existiu, quando as casas dos missionários foram abertas. Todo mundo se tornou irmão, a casa do missionário era a casa de todo mundo.

Quando aconteceu a segunda guerra, que eu cheguei em Bissau, as bombas passando por cima de nossa casa, havia tanta gente se protegendo dentro da nossa casa, que não havia nem meio de você deitar no chão. E todo mundo se protegendo, mas infelizmente nem tudo dá certo, e a bomba caiu na Missão dos Josefinos: dois globos, daqueles bem grandes de um metro e tanto, mataram 76 pessoas, na hora. E os padres lá fizeram uma cruz dos estilhaços da bomba. Mas, com tudo isso, a gente está com fé, e está continuando. Os missionários não abandonaram o povo. Eu quero dar este testemunho para vocês: os missionários ficaram com o povo na guerra, ninguém foi embora, foram para o meio do mato comer folha de mandioca.

Mas os católicos não abandonaram o povo. E, olha, há uma coisa: hoje a Igreja da Guiné-Bissau está vivendo uma primavera, eu nunca batizei tanta gente como nestes últimos meses. Não porque a gente fez uma Missão assim de proselitismo, de jeito nenhum. Mas é por causa do testemunho dos missionários. O povo diz assim: “Nós sabemos com quem nós podemos contar”. É isso que importa.

A Missão é muito mais testemunho do que anúncio. E quando a gente testemunha, tudo vai para frente, e Nossa Senhora está com a gente. Os missionários tornam-se irmãos, onde a casa é de todo mundo. E tudo dá certo.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

4. Ir. Neiva Lobato Sampaio **Projeto Timor Leste** **Comissão Missionária da CNBB**

Eu vou falar do projeto, uma vez que no Comina eu acompanho o projeto, tanto no acompanhamento das missionárias, no envio, quanto na avaliação, e tive a grande graça de estar um mês no Timor Leste. Dom Erwin, como bispo responsável pela Dimensão Missionária também foi. Foi no final de 2001. Nós estivemos lá, e continuamos acompanhando o projeto.

Tenho de dizer que o projeto é muito novo, ele não tem ainda nem três anos, e a gente vai falar dentro dos dez minutos, se for possível, o que é mais importante.

O projeto chama-se *Solidariedade entre as Igrejas do Brasil e Timor Leste*.

Timor Lorosae na língua tétum quer dizer Timor do Sol Nascente queimado. Queimado, mas agora nosso. Para entender um pouquinho, esta é a bandeira do Timor Leste, agora o Timor é independente desde 20 de maio de 2002, com esta bandeira.

Para a gente entender o projeto, vamos rapidamente contar um pouquinho da história. Timor Leste, metade de uma ilha do Arquipélago de Sunda, ficou conhecido no mundo inteiro por sua recente história de massacre, genocídio físico e cultural, como nenhum povo, nem no Oriente Médio, América Central, ou mesmo Cambodja, proporcionalmente à população. Metade da ilha que vocês estão vendo, o mar do Timor Leste, a localização na Ásia: em cima fica a Indonésia, aqui embaixo fica a Austrália.

Esta pequena ilha, com 14.857 km², comparada ao Kweit, possui quase um milhão de habitantes. Os dados da ONU dizem 829 mil habitantes, como a Guiné-Bissau.

Ficou subjugada durante 450 anos como colônia portuguesa e, depois de 25 anos de ocupação Indonésia, hoje levanta a cabeça e luta por sua liberdade. Esta casa de palha é onde as irmãs no lugarejo chamado Laléia moram. E aquele pôr-do-sol é uma foto que a gente fez, no primeiro dia, em que chegamos lá: Timor do Sol Nascente.

Em 30 de agosto de 1999 realizaram um plebiscito livre e democrático em prol da Independência, sob patrocínio da ONU. O povo escolheu a liberdade, em 6 de setembro. Uma semana depois, o governo Indonésio respondeu imediatamente com a maior violência contra o povo timorense. Foi um verdadeiro banho de sangue. Aquela lá é uma Igreja onde centenas de pessoas foram martirizadas. E aqui, vocês estão percebendo, é uma foto onde os corpos eram queimados e as pessoas iam, na esperança de descobrir algum objeto, alguma roupa que identificasse o seu parente, o seu irmão, o seu amigo. Mas isso, nem eles sabem quantas pessoas morreram nesse genocídio de 1999.

A filosofia dos militares indonésios é que destruiriam tudo o que tinha sido construído no período em que tiveram o poder sobre o Timor. Cidades como Dili, capital, Manatuto, na província onde estão nossas missionárias, e tantas outras, foram praticamente demolidas, queimadas, tornadas terras arrasadas.

O semblante dos timorenses mergulhados na violência incontrollável... A grande chance do Timor foi a opinião pública mundial.

O mundo acompanhou o genocídio sofrido pelo povo do Timor Leste, o alto preço que tinham de pagar pela sua libertação. Aqui nós vemos uma mãe socorrendo seu filho e a frente de libertação, que realmente levou adiante esse processo de libertação.

Nós temos aí o Xanana Gusmão, o primeiro presidente eleito, da mais jovem nação do Novo Milênio. Ao longo desses três anos, os estados membros das Nações Unidas demonstraram uma firme solidariedade para com este país, por meio deste governo com a sigla Untaet, e no dia 20 de maio, como eu já falei, foi a independência do Timor. Xanana Gusmão é um timorense e um grande líder desse movimento pela independência e pela libertação. Então essa é uma pequena história rapidíssima do Timor Leste.

Agora entra o projeto missionário. A CNBB, no mesmo ano em que aconteceu aquele massacre, lá no começo de setembro, na reunião da CEP, os bispos resolveram fazer uma nota de solidariedade àquele povo. Então eu coloquei dois trechinhos: "A Igreja Católica no Brasil convoca todos os brasileiros de boa vontade a se tornarem presentes nesta reconstrução do Timor Leste, com ajuda financeira e com trabalho educacional. Possa a Igreja missionária do Brasil não bem substituir, mas continuar o trabalho daqueles que tombaram pela fé, movidos pelo amor para com os timorenses". Vários missionários tombaram, homens e mulheres, e a CNBB convidou então a CRB, a que pedisse realmente às Congregações que enviassem missionários para lá.

Pedimos encarecidamente que essa solicitação missionária fosse considerada pelos institutos religiosos.

Rapidamente chegaram as respostas. A CNBB mobilizou-se, para desencadear ações concretas junto com outras organizações, em especial a CRB. Vários passos foram dados, a começar com o envio de uma delegação do Brasil ao Timor Leste, em março de 2000. Foi uma visita de solidariedade ao povo sofrido, para a escuta sobre os seus planos e prioridades e a possibilidade também de enviar missionárias e missionários.

Respondendo ao apelo, a CNBB e a CRB propuseram-se a assumir um projeto de colaboração missionária com as dioceses, Dili e Baucau, por meio de seus respectivos bispos.

Então, no dia 2 de junho de 2000, já foram enviadas as primeiras missionárias: duas irmãs da Divina Providência, uma irmã da Imaculada Conceição, SP, e uma leiga de Manaus. Agora temos lá: a Ana Maria, a Ir. Beatriz, a Ir. Terezinha e a Ir. Lourdes, que foram as pioneiras. E esse aí foi o dia do envio, em Porto Alegre. E este é o povo que, está aí lutando pela libertação.

Trata-se de uma iniciativa conjunta da CNBB com a CRB. São comunidades intercongregacionais, em diversas frentes, e especialmente entre a populações mais carentes e menos atendidas, sempre em comunhão com a Igreja local e seus pastores.

A responsabilidade do projeto cabe à CNBB, juntamente com a CRB: é um projeto em parceria, que, mediante a pessoa referencial do Comina, acompanha a preparação, as decisões e a posterior avaliação com os missionários e missionárias enviados.

Os missionários e missionárias enviados devem estar imbuídos de uma espiritualidade missionária, pois são chamados para uma sublime, mas uma difícil tarefa. É muito bonito, mas muito difícil.

Esses missionários devem ter a capacidade de trabalhar em equipe, não de forma isolada. As condições: que gozem de boa saúde física e mental, que tenham disposição para uma vida simples, gratuita e despojada, capacidade e condições para aprender línguas e adaptar-se a outras culturas. A língua oficial é o português, mas só 10% da população fala português, que foi proibido antes, e agora, com o novo governo, retomam, mas poucos falam. A língua oficial é, para falar com o povo, o tétum, que é preciso aprender.

As irmãs e as leigas que lá estão identificaram o serviço que podem prestar à Igreja, sobretudo nas questões com referência à educação, organização das comunidades, saúde alternativa, pastoral da criança e formação também para os seminaristas. É uma vida inserida no meio do povo.

Agora, essa aqui é turma brasileira. Quando eu fui com Dom Erwin, que nos encontramos lá, alguns testemunhos de algumas missionárias eu retirei das inúmeras cartas que chegam de lá.

Então a irmã Beatriz: é esta que está no meio das crianças de Porto Alegre, da Congregação da Divina Providência. Ela diz assim: “Aqui estamos nascendo novamente. A história sofrida tornou esse povo muito diferente e especial. Nosso esforço para acolher as pessoas como elas é um exercício diário. É preciso voltar no tempo, acolher o estranho e desconhecido, conviver com as diferenças e as distâncias entre o mundos dele e o nosso. Nisso vemos concretamente o sentido da encarnação de Jesus. Agora é a nossa vez. É para eles que viemos, e com eles queremos estar. Este povo aprendeu mesmo a sofrer. Agora é preciso aprender a saborear a vida”.

Uma missionária leiga que foi enviada neste ano, no dia 23 de março, agora (é aquela lá, na pontinha, no canto), a Ana Jacira, ela escreveu: “Obrigada pela oportunidade, por terem acreditado em nós, e nos terem enviado para esta Missão. Sinto que eu estou no lugar certo, no tempo certo, e posso aprender e ajudar muito esse povo sofrido, paciente e resistente da Ilha Timor Lorosae. Sinto saudades do Brasil, mas é saudável, tranqüila, sossegada. A missão é maior”.

A Ir. Terezinha (que está lá no canto, não sei se vocês estão vendo, com a camiseta do Brasil), ela escreveu assim: “Foi com o coração transbordando de alegria, que coloquei os pés na terra sagrada, (...) na língua nativa do Timor Leste, timor é um solo sagrado, com culturas e costumes diferentes. Pisar devagar, sem ferir. É o Ocidente se encontrando com o Oriente. Sinto-me paralisada, diante do sofrimento do povo. A experiência da própria fraqueza levou-me a confiar mais no amor e na misericórdia de Deus, pois Ele é o protagonista da Missão. Abandono e confiança sustentaram-me nesta aventura missionária de dois anos e meio”.

Após um ano e cinco meses, uma visita da CNBB, 22 de outubro de 2001. Dom Erwin e Ir. Neiva chegaram ao Timor Leste para uma visita missionária. Na entrada da pequena Laléia, a aldeia onde as irmãs, os visitantes são recepcionados pelo povo. Recebem o famoso e tradicional Táis, símbolo da acolhida. É assim que os missionários entram no Timor Leste, com o símbolo da acolhida.

Ir. Neiva, Ir. Terezinha, Dom Erwin, Ir. Beatriz, Maria Ioná, leiga, na administração das Nações Unidas, com soldados brasileiros.

A preparação das novas equipes: a primeira equipe partiu rapidamente, agora nós fazemos uma preparação mais acurada, no Centro Cultural Missionário de Brasília. De 9 a 11 de Agosto de

2002 estavam as missionárias Ir. Elenice, Ana Jacira, Ir. Maria Helena, Eliane, Odete e o Padre Chico, e as provinciais a Ir. Inês Preto e a Ir. Cecília Scaramussa. Na coordenação estava a Ir. Maris, como Presidente da CRB, a Ir. Neiva e o Pe. Giorgio Paleari, de saudosa memória. A Ana Jacira, a Ir. Maria Helena do Preciosíssimo Sangue, a Ana Jacira, do Rio Grande do Norte; a Ir. Maria Helena é de Belém do Pará; e a Odete é do Ceará.

A partida dessas irmãs foi dia 9 de fevereiro de 2002. E lá no aeroporto de Guarulhos nós fizemos o envio: “É hora de partir, que Nossa Senhora te proteja sempre e em todos os lugares por onde andares”. Essas três partiram sozinhas.

E no dia 25 de março de 2003, Festa da Anunciação do Senhor, foi o envio das irmãs Eliane e Elenice. A oração, também na capela do Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo: “Eis que venho, ó Senhor, para fazer a tua vontade. Vai minha irmã, vai em frente, segue o teu caminho, e não olhes mais para trás. Todo mundo vai rezar por ti. Vai com Deus. Amém”.

As duas irmãs, as últimas que foram, a Ir. Luiza, Provincial das Irmãs de São José de Chamberry, foi acompanhando (e esta é uma paisagem belíssima, na qual se vê, de cima, o mar na cidade de Baucau).

E, no dia, a Ir. Luiza trouxe para nós uma carta de Dom Basílio (aquele lá é Dom Basílio Nascimento, o bispo com as três: a Ir. Maria Helena, a Ana Jacira e a Odete) ele disse: “Quando a semente nasce e a planta cresce, os donos da horta só têm razão para se sentirem satisfeitos e agradecidos ao Senhor. É o que está a acontecer com esse projeto missionário, em que a Igreja brasileira vem e ajuda, e Igreja em Timor Leste acolhe, com muita satisfação. Verifico que as equipes já estão na segunda ou terceira gerações, mas o projeto permanece. Isto para mim é muito consolador, porque nem sempre as coisas acontecem assim. Também, com muita satisfação, verifico que o pessoal missionário, desde o início, é gente de qualidade, quer missionária quer técnica”.

No início me perguntaram que tipo de gente eu queria. Eu disse com graça, que só queria gente normal. Agora a CNBB juntou a qualidade. Um povo derrubado, mas não aniquilado.

Aí nós vemos a Catedral da capital Dili: umas irmãs nativas, que estão dizendo aí que o grande objetivo delas é lutar pela paz e pela reconciliação: “Ide sereis minhas testemunhas até os confins da terra”. Todos vocês são bem-vindos no Timor Leste.

5. Dom Franco Masserdoti Projeto Nordeste 4 e 5—Moçambique e três Missionárias Leigas, na iminência de ser enviadas

A experiência que eu quero apresentar se refere a Moçambique, na diocese de Lichinga. Foi, essa experiência, um pouco filha e fruto do Congresso Missionário Latino-Americano celebrado aqui em Belo Horizonte, no ano de 1995. E a experiência está sendo levada à frente pelos regionais do Nordeste 4 e Nordeste 5. A idéia é ajudar uma Igreja pobre de Moçambique.

Moçambique, como vocês sabem, conquistou a paz só há dez anos, quase 11, no dia 4 de outubro, e estes dez anos foram anos de lenta e difícil reconstrução, após cerca de 50 anos de conflitos e de guerra.

E nós pensamos em ajudar por 12 anos esta Igreja de Lichinga, na região de Niassa, no norte de Moçambique.

Moçambique é um país de mais ou menos 900 mil km², com 20 milhões de habitantes. Então nos comprometemos com a paróquia, com a Missão de Nipepe, e também de Cuamba. A nossa idéia então é de enviar equipes missionárias que tenham a característica da eclesialidade: padres diocesanos, religiosas, religiosos, leigas e leigos, que possam trabalhar em comunidade, em equipe.

Então o missionário ou missionária que parte está disponível por quatro anos. Acontece um ano de preparação: seis meses aqui no Brasil, e seis meses em Moçambique, para aprender um pouco mais alguma coisa da cultura, da realidade e da língua macua. E, depois três anos de trabalho:

trabalho, sobretudo, no setor da Bíblia, no setor também da promoção humana, na pastoral da saúde, nas unidades cristãs das comunidades eclesiais de base.

Então a idéia é de quatro equipes por quatro anos, para 12 anos de presença, sendo que um ano é dedicado à preparação. Duas equipes já foram, e a terceira equipe está de saída, e temos aqui conosco três leigas missionárias que nos próximos dias irão partir para Lichinga. São elas: Lourdes, Roberta e Rose.

Lourdes

Boa tarde, eu sou Lourdes, sou da Diocese de São José dos Campos, minha origem é lá. Estou partindo agora, mas vivi uma experiência aqui em Belo Horizonte, em 1995, com o Comla. Foi a primeira vez que estive aqui. A partir do Comla, nasceram também os leigos missionários combonianos, grupo do qual hoje eu faço parte. Atuei aqui em Belo Horizonte, no Bairro Ipê Amarelo, na periferia de Nova Contagem, um bairro violento, muita pobreza, as crianças com seus 5 e 6 anos de idade já estão trabalhando, descascando alho para os pais poderem ganhar, se não me engano 35 centavos por quilo descascado, um sofrimento.

Depois atuei também na a PAC (Pastoral Carcerária). Até hoje eu estava atuando em Rondônia, com os povos indígenas Urueuauau, e hoje nós estamos nos preparando para a África.

Eu pensei muitas coisas para falar aqui, mas o Pe. Rufino disse-me uma coisa, e todas as coisas que pensara falar ficaram para trás. Ainda não posso falar nada da África e de Moçambique, por ainda não ter estado lá, não ter vivido lá. Mas o Pe. Rufino ontem me dizia: “Então você está preparada para a África, você vai mesmo?”. Dentro de mim eu pensava: “Preparada não estou, mas, com a graça de Deus, vou”. E o Rufino me dizia: “Agora você vai conhecer o sofrimento do meu povo”. E aquilo mexeu muito com o meu coração, e aquele gelo sobre o qual eu dizia para o Senhor lá no Maranhão ainda insiste em estar no meu coração.

Como dizem os povos indígenas... que Tupananga possa nos acompanhar nesta Missão além-fronteiras.

Roberta

Boa tarde, meu nome é Roberta, vou ver se eu consigo dizer umas duas palavras somente, eu não sou mesmo de falar muito e não tinha mesmo muita coisa também pra falar. Mas quero dizer a vocês o seguinte, que eu estou aqui, é uma caminhada já de muito tempo, e, como vocês vêm, já não sou mais nenhuma criança... Então já faz tempo que eu caminho, e essa caminhada, uma parte dela, a maior, mais de dez anos, eu fiz na pastoral indígenista, no CIMI do Regional do Maranhão...

Rosilene

Meu nome é Rose (Rosilene), e sou maranhense, há 12 anos que não vivo no Maranhão, moro em Brasília, mas tenho o coração bem nordestino. Se havia dez minutos para as outras pessoas, aqui devem ser dois minutos, não é? Ou um minuto...

Então eu só quero dizer que é um desafio muito grande pra mim, sou leiga e estou partindo agora para Moçambique, e, assim como a Lourdes, eu teria muita coisa para falar, mas eu quero dizer que a minha experiência é de um vaso, um vaso que está cheio de alegria, cheio de amor, cheio de ardor missionário, e tudo isso que Deus tem me proporcionado durante essa minha vida toda. Então eu sinto necessidade de partilhar isso, e, assim como uma pessoa que fez muito, e que eu nunca vi pessoalmente, e nem cheguei a conhecê-lo, mas que foi um grande motivador para minha Missão, ele está aqui, Dom Hélder Câmara, uma pessoa especial, e eu queria dizer (repetir) o que ele dizia: que Missão é sempre partir, mas não devorar quilômetros. Isso fez com que eu refletisse muito, antes de pensar em ir além-fronteiras. Muitas pessoas diziam para mim: “E no Brasil, aqui também há necessidade”. Então ele dizia que se para encontrá-los e amá-los for preciso

atravessar os mares e voar lá nos céus, então Missão é partir até os confins do mundo. E é nessa confiança que eu estou indo, contando com a oração de vocês.

Então essas nossas três irmãs leigas missionárias fazem parte da terceira equipe que parte. A segunda está se preparando para voltar, e a terceira está partindo. Já partiu o Pe. José Eugênio. Na próxima semana, as três leigas missionárias, e, em janeiro, duas religiosas de duas Congregações diferentes.

Neste projeto, as dificuldades maiores que nós encontramos são duas: a formação, sobretudo, para o espírito comunitário, para trabalhar juntos. Se alguém tem algum problema aqui, lá vai ser maior. Não é que a gente vai lá para resolver os problemas.

Então, mais do que a preparação para o trabalho, a nossa Igreja tem uma experiência, uma prática lindíssima: é a capacidade de trabalhar juntos. Sobretudo quando são Congregações diferentes, sacerdotes diocesanos, leigos, é difícil. Então essa é um problema.

E o segundo problema é o envolvimento das Igrejas locais, porque, muitas vezes, a gente escuta esta frase: “Mas como é que vocês são tão loucos de ir tão longe, com tantas necessidades que temos aqui no Nordeste”. E a gente não pensa que a gente se enriquece na capacidade de dar da própria pobreza...

Então, mais ou menos é esse o nosso projeto.

MISSIONÁRIOS/AS ALÉM-FRONTEIRAS QUE ATUAM NO BRASIL

Vocação, Missão, Conversão: Chamados a um Novo Jeito de Ser Igreja

Introdução

Esta última sessão de práticas missionárias significativas teve como tema: *Vocação, Missão, Conversão: Chamados a um Novo Jeito de Ser Igreja*. Os testemunhos foram de missionários e missionárias além-fronteiras que atuam no Brasil.

O Brasil é um dos países que mais recebe missionários e missionárias de outros países. A presença deles no meio de nós torna-se, na maioria das vezes, presença significativa e solidária com os que vivem à beira dos caminhos, ao longo das periferias das grandes cidades. O testemunho deles é um sinal e um desafio de compromisso para todos nós: sair da própria terra é um gesto fundamental e exigente que qualifica a nossa Missão e a nossa experiência de fé. A Missão além-fronteiras chama ao encontro com o outro: essa aproximação gera conversão e transformação. Desta experiência, nasce um novo jeito de ser Igreja missionária enviada aos confins do mundo, para anunciar o Evangelho da Paz a partir dos pobres, dos outros e dos mártires: destinatários, sujeitos e protagonistas da Missão.

De que maneira a Missão se torna para cada cristão e para toda a Igreja um chamado a uma profunda conversão pessoal e comunitária?

Vão responder a essa pergunta com seus testemunhos três missionários estrangeiros, que há vários anos trabalham aqui no Brasil.

Junto a estes testemunhos, foram colocadas em comum as conclusões dos “Mutirões” de Reflexão que se debruçaram sobre os temas relativos aos desafios da Missão: os grupos 7, 8 e 9.

1. Pe. Luiz Marques Brito **Missionário da Consolata português** **Missão em Roraima**

Irmãs e irmãos, boa tarde!

Sou pequenino demais para poder representar aqui a maravilhosa Diocese de Roraima, o extremo norte do nosso Brasil. Diocese dos extremos, diocese pequenina, em proporção, por exemplo, olhando, desta cidade com quatro milhões de habitantes, pois o Estado de Roraima que tem uns 300 e poucos mil habitantes. Estado que praticamente é correspondente a duas vezes e meia o tamanho de Portugal, que é pequenino.

Feliz e contente de estar com vocês, e poder aqui tão bem transmitir todo trabalho maravilhoso desta diocese, que é fundamentalmente missionária. Eu gostaria de aproveitar este momento, e procurando ser curto: por isso escrevi, sobre o que é uma grande inquietação neste momento para todos os roraimenses empenhados por esta causa de Igreja.

Nesta diocese, com todos os seus elementos, com o apoio de certas iniciativas, estão se desenvolvendo, entre outros, trabalhos missionários nas diferentes regiões indígenas, com toda uma campanha envolvendo todo mundo que queira compartilhar dos anseios desta diocese que é missionária.

E por isso que a nossa ação pastoral no Estado de Roraima vive uma experiência de profunda encarnação na realidade dos excluídos, que compreende indígenas de dez povos diferentes, agricultores e trabalhadores da periferia urbana.

Venho por isso falar aqui em nome de todos esses povos indígenas, trabalhadores e trabalhadoras, rurais e urbanos, do Estado de Roraima, extremo norte do Brasil. Estes três seguimentos excluídos da nossa sociedade estão se reunindo em busca da vida e da dignidade humana por meio da campanha *Nós Existimos*.

Estes três seguimentos desta campanha vivem os mesmos tormentos, e é a primeira vez que as organizações sociais dos três seguimentos dão-se as mãos, num gesto profundo de solidariedade, em busca de soluções para os desafios comuns.

A campanha *Nós Existimos* foi lançada no dia 26 de janeiro deste ano, no Fórum Social e Mundial de Porto Alegre, com apoio e com a bênção do nosso Dom Franco Masserdoti.

Ela é um movimento que reúne o Conselho Indígena de Roraima, a Comissão Pastoral da Terra, Central Única dos Trabalhadores, Diocese de Roraima, Pastoral Urbana, Pastoral Indigenista, Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Instituto Missões Consolata e Conselho Indigenista Missionário.

Nós Existimos pretende reverter as ilegalidades e impunidades vivenciadas em Roraima e toleradas por governantes omissos ou incentivadas pelo poder público, por meio de projetos governamentais excludentes.

Esses projetos favorecem o avanço do latifúndio, a monocultura e a degradação ambiental sobre as terras indígenas e dos agricultores familiares, forçando-os ao abandono das aldeias ou dos lotes que lhes foram prometidos, no engano, causando conflitos e exclusão social no campo e na cidade.

A exclusão social na qual foram colocados indígenas rurais e urbanos em Roraima não é mero acaso, faz parte de uma estratégia governamental de ocupação de território, que se inicia com o incentivo à migração de trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro e garimpeiros, durante a década de 80.

Brasileiros lutadores foram enganados com a promessa do Eldorado e abandonados à própria sorte, servindo de instrumento para a consolidação do latifúndio em savana, na área da mata daquele Estado.

Nós Existimos denuncia o fato, o argumento usado pelas elites regionais, de que a demarcação das terras indígenas representaria a imobilização do Estado, e o principal empecilho ao desenvolvimento econômico.

Tudo isso foi denunciado por uma luta recente que se travou, provocando a vinda do Ministro da Justiça, iniciativa com o apoio da Igreja, com o missionário que trabalha na região de Maturuca, e que, na semana passada, sofreu uma grande ameaça do deputado Chico Rodrigues, de Roraima, que convidou o povo a reunir-se, para dar uma grande pancadaria nesse padre, estimulando a violência, a desordem: isto, na boca de um deputado.

O Dom Aparecido quis recolher as cópias dessa gravação na televisão, teve vários impedimentos, o advogado da diocese tentou fazê-lo, mas até hoje foi difícil, denunciando a má vontade, a perversidade deste deputado, que toma essas iniciativas em público, de agredir esta Igreja que continua viva, entusiasta, porque ela é incomodo para esta gente que, ao invés de ajudar, aproveita-se para essa forma desordeira, em vez de criar um Estado um pouco mais digno.

O desenvolvimento com justiça não é possível sem o conhecimento definitivo, reconhecimento definitivo das terras indígenas, principalmente aquela já famosa da Raposa Terra do Sol, onde 21 índios foram mortos nestes últimos 25 anos, e impunemente, porque ninguém foi punido por estes crimes.

O último foi um tal índio Aldo, que foi morto, e foi notícia dos jornais que o Instituto de Medicina Legal de Boa Vista afirmou ter sido morte natural. Os índios reuniram-se, mandaram o cadáver para Brasília, e lá foi comprovado, com um documentário enorme, com o dossiê muito bem documentado com fotografias, em que se manifestava que não foi morte natural, e sim que ele tinha sido baleado, e viam-se mesmo os buracos das balas.

Isso a perversidade do sistema, inclusive de um Instituto de Medicina Legal, que afirma que foi uma morte natural. Isto para não falar de tantas impunidades como esta, que acontecem nesse Estado.

E se a Igreja não se coloca ao lado dos mais pobres, dos indefesos e também desta gente indígena, continuam estes desmandos neste território.

Os trabalhadores e trabalhadoras em geral sofrem com falta de postos de trabalho, por isso o desemprego em Boa Vista é demasiado sofredor.

O nosso trabalho na periferia: trabalhei um ano na periferia da cidade, com 12 comunidades, com uma equipe missionária, colegas nossos, onde verificávamos a cada passo que geralmente a grande maioria das famílias vive no desemprego e vive de “bicos”.

Em Roraima, era 37% a parcela dos seus trabalhadores deixados à informalidade, à incerteza. E a incerteza favorece o predomínio de uma rede de clientelismo, representado pelo excesso de emprego público, sem concurso, e em troca de votos.

Exemplo mais chocante ocorreu no último período eleitoral, quando foi descoberta a “farra” que estava sendo realizada com recursos públicos, por meio da famosa e chamada folha dos gafanhotos, um esquema de corrupção que desviou dos cofres públicos aproximadamente sete milhões de reais, em apenas seis meses. No pagamento de salários a supostos servidores por meio de procurações, isto aconteceu.

Termino. Esta forma de fazer política no Estado é histórica, e continua, à medida que são crimes que ficam impunes, e as pessoas que são utilizadas silenciam-se, pelo medo de perseguição política, e pela perspectiva de perderem o subemprego ou a ajuda que recebem dos políticos corruptos e antiéticos de plantão.

Nós Existimos, resistimos e lutamos pelos nossos direitos: a união de indígenas, trabalhadores rurais e urbanos é um sinal de grandes mudanças.

Na nossa sala de exposições existe este folheto com possibilidade de colaboração, que todos nós podemos dar, por uma causa de assinaturas, que não custa nada, sabendo que está contido aqui aquilo que nós dissemos, num sinal de apoio a muitos milhares de assinaturas que foram recolhidos. Poderia também ir a nossa contribuição, numa coleta de assinaturas que será representada juntamente com tantos outros milhares em Brasília, para podermos lutar por essa causa.

Está em divulgação, para quem quiser, este folheto, que começou a ser distribuído aos milhares no Fórum Mundial de Porto Alegre. Temos aqui também, na nossa sala de exposições. Conhecendo uma das causas da nossa diocese, quem quiser ler sobre todo esse movimento, nós agradecemos que conheçam, porque percebemos que o que se passa em Roraima não é conhecido no nosso Brasil.

Muito obrigado por esse espaço.

2. Irmã Gertrudine Missionária Serva do Espírito Santo alemã No Brasil há 56 anos

Boa tarde para todos.

Como é Ano do Idoso e da Idosa, vocês vão ter paciência de me ouvir.

Excelentíssimos senhores bispos, especialmente o nosso novo Bispo da Linha 2 da CNBB, reverendíssimos sacerdotes, religiosos e religiosas, queridos irmãos e irmãs leigos missionários: boa tarde para todos, minha saudação cordial.

Antes de dar o meu testemunho, dos três pontos, quero fazer uma pequena introdução, bem mineira. E conheci o nome Belo Horizonte já quando eu tinha 16 anos, no ano de 1936, quando se realizava o Congresso Eucarístico Nacional em Belo Horizonte, que foi uma apoteose a Nosso Senhor, e a gente sempre cantou aqui os cantos eucarísticos das plagas formosas de Minas. O Senhor sempre nos conduz.

E então, depois, quando eu vim para o Brasil, em 1948, passei no nosso Colégio Sagrado Coração de Jesus, para aprender português e para fazer o exame da minha revalidação do 2º Grau da Holanda. Eu nasci numa pequena cidade perto de Frankfurt (Alemanha). A maioria do nosso povo era luterana. Éramos 300 católicos, no meio de 3 mil luteranos. Mas a gente não brigava por causa da religião, procurava viver lá cada um para si, e ser sociais e fraternais entre nós.

A nossa paróquia era pequena e pobre, a gente ajudava o vigário em tudo, mesmo trazendo flores, levando bilhetinhos. As donas de casa cozinhavam, como deviam, para o senhor bispo, e também faziam especialmente propaganda para as revistas missionárias dos Verbitas e dos Palotinos: havia revistas missionárias em todas as nossas famílias.

Um dia, um irmão Verbita veio a nossa terra e me perguntou (eu tinha 13 anos): “O que você vai querer ser, quando você sair do curso fundamental?”. Eu falei: “Eu quero ser missionária”. “É? Você aqui?” “Sim.” “Mas aonde você quer ir?” “Ainda não sei”.

Aí ele mandou prospectos da nossa Congregação de Stein, e aí eu entrei. Agora também passamos o tempo triste do Nazismo. Minha família católica, com a graça de Deus, compreendeu e desconfiou das intenções pagãs criminosas de Hitler, e não entrei na juventude nazista.

Com 14 anos, então, entrei na nossa Congregação, na casa-mãe. Fiz o 2º grau, e, em 1941, fomos expulsas pelos nossos nazistas, tomaram nosso prédio de escola, e nós nos refugiamos na Casa Provincial.

Lá, então, a Madre-Geral permitiu que nós cinco alemãs pudéssemos logo entrar no Postulantado com as nossas cinco colegas holandesas.

Então, terminado o tempo da guerra, em 1945, a nossa Madre-Geral mandava cartinhas de destino missionário. Eu, antes, queria ir para o Japão. Mas eu pensei: “Como eu tenho saúde mais fraca, vão me mandar para o Brasil”. Porque na nossa Congregação o Brasil tinha ótima fama, de que as irmãs fracas iam viver muito tempo, para poder trabalhar muito para Nosso Senhor. Assim eu completei, no dia do aniversário da morte de nosso fundador, em 15 de janeiro, 83 anos. E agora eu, como nossas constituições dizem, também digo: a gente tem de amar o povo, compreender sua cultura e procurar sempre crescer mais.

O povo brasileiro não me dificultou essa atitude, eu logo me acostumei, fiz Faculdade na Sedes Sapientiae, dei-me bem com as estudantes brasileiras, e, terminando o Curso de Matemática, Física e Religião, fui mandada outra vez também para Minas, para Juiz de Fora. Lá trabalhei 11 anos, como educadora no Stella Matutina. Nas férias, ajudando em catequese de 1ª Comunhão, e nas paróquias de periferias, e sendo Assessora da Legião de Maria Juvenil.

Em 1964 minha provincial me mandou para Rio Encantado, e lá fiquei encantada. Em 1967, Dom Mário Gurgel, Bispo Emérito de Itabira, tornou-se o primeiro Vigário Episcopal e Bispo Auxiliar da nossa Arquidiocese. Com Dom Jaime, ele organizou um Curso de Atualização Conciliar, para todos os sacerdotes e também, em cada curso, podiam duas irmãs estar presentes, ouvir as conferências e participar na concelebração e prestando os serviços necessários. Ele também tomou parte em Medellín, e assim tomou esta iniciativa. Também fez com que nós religiosas estudássemos a fundo todos os Documentos Pontifícios do Concílio.

Depois ele se tornou Bispo da Linha 2, e aí ele teve a idéia do Espírito Santo de fundar o Comina, em 1972, com o auxílio de Congregações Masculinas e Femininas Missionárias, com os nossos irmãos Verbitas, os Combonianos, os Xaverianos, todos, muitos: assim se formou o Comina.

Minha provincial mandou-me representá-la, pela Congregação. E, Dom Eugênio, por bondade, nomeou-me para ser Assessora da Linha Missionária da Arquidiocese, e também o Leste 1 pediu-me para assessorar.

Agora Dom Eugênio, Dom Carlos Alberto Navarro, eram grandes amigos da Linha Missionária. O Monsenhor Amaro Cavalcante, além de ser um grande cantor, era um grande missionário, de grande coração, e assim, então, nós trabalhamos de maneira modesta na nossa Arquidiocese, e estamos trabalhando até hoje.

A tarefa de assessora eu pude entregar, graças a Deus, ao Pe. Cláudio Ambrósio, aqui presente. E ele, então, está continuando a Linha 2 no Regional. E aqui estão presentes mais de 20 colaboradoras e colaboradores, e eu sou muito grata, não dá para citar o nome, só vou citar o nome de uma que não está presente, a Rosanita, da Infância Missionária.

Olhe, eu assisti, infelizmente, que a Infância Missionária no Brasil foi liquidada — por assim dizer —, porque se pensou, alguns pensaram, que os nossos planos pastorais, que já têm grupos de jovens, grupos de crianças, catequese, não precisam mais de Infância Missionária. Mas, quando foram comemorados os 150 anos da Infância Missionária, houve um grande Congresso

Missionário de crianças no Equador. Estava presente o Pe. Fabiano uma Irmã nossa, também alguém do Espírito Santo. Eles voltaram entusiasmados, e começaram a implantar novamente a Infância Missionária, e assim já temos a Infância Missionária em todos os Regionais, e, se Deus quiser, vai continuar.

Agora ainda Dom Mário pediu-me (antes dele ir para Itabira) para coordenar um dos núcleos das escolas Mater Ecclesiae, e aí aprender muito com os leigos e as leigas, porque o nosso pessoal do subúrbio mais pobre é gente que trabalha nas paróquias, nas várias pastorais, normalmente sem remuneração, e estão sacrificando o sábado, de 13h30 às 18h25, para aprofundar-se na Sagrada Escritura, na Liturgia, História da Igreja, também em Psicopedagogia e em Tática de Religião, para serem capazes de enfrentar qualquer grupo com quais trabalhem.

Este trabalho, ainda estou continuando, mas em breve, se Deus quiser, poderei também entregar. Na Arquidiocese, ainda estou continuando, por enquanto, como a Presidente da Animação Missionária, recebendo todo apoio.

O Pe. Joel, que está aqui, ajudou-me a chegar depressa aqui. Então eu, como já disse, eu sempre me senti em casa aqui no Brasil, nunca me arrependi de ter deixado a minha terra natal, e nunca me arrependi também de seguir o chamamento de Nosso Senhor, que me chamou com muito carinho, desde a minha infância, e me deu as pessoas na vida para poder seguir.

Em primeiro lugar, os meus queridos pais, meus irmãos e irmãs; depois, todos os formadores na infância, na juventude, na formação, no convento, e assim por diante, até hoje.

E o nosso fundador realmente tinha um grande amor pela América Latina. Quando eu recebi a destinação para o Brasil, o meu confessor, o nosso confessor de irmãs junioristas, um padre verbita, que tinha sido um dos secretários do nosso Bem Aventurado Fundador, ele me disse: “Irmã, dê graças a Deus de ser chamada para o Brasil, porque o nosso fundador quer que seus irmãos verbitas, e as irmãs também, trabalhem nos países latinos-americanos, para ajudar na formação do laicato católico”.

Então um agradecimento especialmente e justamente a todos que aceitaram o nosso humilde serviço. Nunca senti uma aversão, senti-me sempre bem em casa e bem aceita. Mas é claro o que Nosso Senhor diz: “O servo, quando tiver feito tudo, lembre-se que só fez o que tinha de ser feito”. E o nosso padre fundador também disse: “Não é honra, em primeiro lugar, o fato de servir a Deus, mas o fato de Deus aceitar o nosso humilde serviço”. Então eu agora rezo entregando aos outros minhas tarefas, vou continuar a rezar para que a Igreja do Brasil seja sempre mais Igreja de Cristo Católica Romana Eucarística e Mariana, porque o Santo Padre escreveu essa Encíclica sobre a Eucaristia, e estarei encomendando o ano do Rosário, e vamos trabalhar bem pelo Rosário em Família e pelo Rosário Missionário.

Obrigado a todos, rezem também por nossas Congregações, porque o nosso fundador e seu primeiro missionário na China, e junto com o Pe. Daniel Comboni, vão ser canonizados juntos no dia 5 de outubro.

E mais uma coisinha: Pe. Arnaldo Jansen e Pe. Daniel Comboni eram amigos na vida e serão glorificados juntos...

Muito obrigado, rezem também por mim. Deus lhes pague!

3. Pe. Jacó

Padre diocesano indiano Caraguatatuba, SP

Boa tarde a todos e todas.

Meu nome é Pe. Jacob Puthenkandam, um pouco difícil para pronunciar: significa “nova terra”. Tenho 32 anos da vida sacerdotal, 18 anos dos quais trabalhei na Índia, como missionário, no norte da Índia, e 14 anos aqui no Brasil. Sou padre diocesano, trabalho na diocese de Caraguatatuba, SP, como Pároco, também Ecônomo e Procurador da Mitra. Estou também partilhando minha experiência missionária com o Comidi e Comire.

Como vocês sabem, a Índia tem uma cultura multimilenar, berço de várias religiões, como o Hinduísmo e o Budismo. Nossa Igreja lá tem 2 mil anos de história. Quando os portugueses chegaram, existia uma comunidade forte do rito ao qual eu pertencço.

A partir do século 16, começaram as atividades com ritos em latim, na Índia. Como vocês sabem, na Índia há mais de 1 bilhão de habitantes, e os cristãos são somente 2%. Nossa Igreja é uma Igreja perseguida: há liberdade religiosa garantida na constituição, mas, na prática, não.

Onde existe a perseguição, ali a Igreja cresce. Da minha experiência, quando tinha três anos da vida sacerdotal, de sacerdócio, o bispo me mandou para um vilarejo, onde não havia nenhum cristão, para fundar uma comunidade católica.

Eu fui, passei os três primeiros dias embaixo de uma árvore, porque ninguém queria hospedar um cristão em sua casa. No quarto dia, um senhor acolheu-me em sua casa e ofereceu-me um quarto de quase 20 m², chão de barro, sem forro e cheio de poeira. Este quarto foi meu escritório, cozinha, dormitório, por quatro anos, e os banhos e outras necessidades eram feitos no rio, ou no mato, porque a cultura do povo não deixava construir banheiros perto da casa.

Convivi com o povo, falando sobre a religião católica, e catequizando o povo. Com a ajuda da Cáritas Diocesana, consegui promover várias atividades sociais, organizando compras, trabalhos rurais, etc.

Comprei um terreno, construí uma casa para as irmãs e um posto de saúde. Após quatro anos, viajei com mais sete homens, e atravessamos a fronteira do Estado, para que eles fossem batizados, porque conversão e batizados eram proibidos por lei.

Na volta, durante a Missa, dei a Eucaristia para esses recém-batizados, começou a perseguição pelas autoridades, com processos, prisão, cadeia, etc.

Assim começou essa comunidade, 29 anos atrás. Durante esses quatro anos e meio fui forçado a tornar-me vegetariano, pois o povo daquela região era vegetariano.

Fui transferido, por causa da saúde muito precária, para o seminário diocesano, como reitor. No ano passado, amigos, recebi um convite do Jubileu daquela comunidade. Foi minha surpresa e alegria. O pároco que assinou o convite foi um dos sete que eu batizei quase 25 anos atrás.

Hoje nesta comunidade, uma das melhores paróquias da diocese, tem duas escolas, um hospital com quase 200 leitos, e mais de 700 famílias católicas, e muitas vocações.

Neste período em que estive nessa comunidade, passei por momentos de humilhações, sofrimentos, perseguições. Uma vez fui expulso de um ônibus, porque era católico. O dono do ônibus falou-me: não há lugar para católicos no meu ônibus, expulso. Outra vez, quando eu dormia, caiu em cima do mosquiteiro uma cobra com um rato na boca. Outra vez, quando eu usava o banheiro improvisado, a tábua quebrou e eu caí em um buraco cheio de água “perfumada”.

Mas durante toda essa vida, o que me animou, me estimulou, foram os exemplos e testemunhos de meus professores do seminário, os missionários estrangeiros, padres jesuítas, e o exemplo de Madre Tereza de Calcutá, com quem eu trabalhei quatro meses durante as minhas férias dos quatro anos de Teologia. Durante todas as provas, eu saí mais fortalecido e convencido, eu senti a presença e a promessa de Jesus: “Não tenhais medo, Eu estarei convosco”.

Eu experimentei a força, a ajuda do Espírito Santo; também a maternal proteção de Maria, mãe e guia de todos os missionários e missionárias.

Outro testemunho para os nossos amigos e amigas, leigos e leigas: no Estado do norte da Índia, quase 15 anos atrás, o governo criou uma lei proibindo a conversão, expulsando todos os missionários, fechando todas as Igrejas, escolas e hospitais. Havia mais ou menos 5 mil católicos, num Estado quase do tamanho do Estado do Rio de Janeiro. O governo permitia que um padre celebrasse uma Missa uma vez por ano, no Natal. Assim sem padre, sem Igreja, sem Missa durante esses 15 anos, o número de católicos aumentou, de 5 mil, para 15 mil. Como? Pelo trabalho dos leigos: os jovens formados viajavam, atravessavam fronteiras... (corte na gravação)

Disse Jesus: “Esta é e será a nossa sorte, mas a vitória final será nossa”.

Com Jesus venceremos todos os desafios.

Muito obrigado por essa oportunidade.

Domingo, 20 de julho

DIA DO ENVIO

Sessão de Encerramento

IGREJA NO BRASIL, TUA VIDA É MISSÃO DE PAZ

Conclusões, prioridades e compromissos

1. Na sua origem, a palavra “missão” significa “envio”. Todo “envio” pressupõe um ponto de partida, um ponto de chegada e uma tarefa a ser cumprida. O *ponto de partida* é Deus-Pai, que envia o Filho e o Espírito Santo, que enviam a comunidade, destinatária e protagonista do anúncio do Evangelho, cujos membros são convidados a *sair*, e ir ao encontro dos *outros* irmãos e irmãs, até os confins do mundo. O *ponto de chegada* é a vida plena do Reino de Deus, horizonte no qual serão recapituladas todas as coisas em Cristo. A *tarefa* é anunciar a presença deste Reino, convidando as pessoas a se tornarem discípulos de Jesus, seguidores do seu Evangelho e anunciadores do seu Amor, no diálogo e no serviço, com o testemunho e com a palavra.

2. Mas o termo latino “missio” quer dizer também “libertar”, “deixar andar”, “soltar”: o envio “tem tudo a ver” com liberdade e libertação. O anúncio do Reino de Deus precisa “andar solto”. As estruturas muitas vezes prendem o Evangelho, funcionando como gaiolas. As amarras institucionais não soltam a Missão nem os missionários pelo mundo afora: há sempre uma “necessidade” que prende a Missão aqui. Os sistemas que geram ordem e segurança “seguram” o fluir da Graça. As comunidades têm a sensação de ser proprietárias dela, administrando-a segundo caminhos e fins pré-estabelecidos. O Espírito, ao contrário, é como um rio: precisa ir à procura do mar, pelos caminhos que só ele conhece, fora da lei e dos trilhos de nossa compreensão, renovando todas as coisas.

3. O envio missionário na opção e no anúncio do Reino é expressão de uma ruptura com enquadramentos estruturais e institucionais, políticos e culturais, seculares e religiosos. A opção pelo Reino é opção por algo que não é deste mundo, que reduz o envolvimento sistêmico e que gera **gratuidade**. A gratuidade produz soltura e abertura, além de todas as fronteiras. Desta maneira, a Missão torna-se manifestação plena da vida cristã, entre a necessidade de cumprir uma tarefa e a liberdade do amor gratuito, entre a inserção histórico-cultural e a transformação permanente na vida no Espírito.

4. Com a realização do 1º Congresso Missionário Nacional, em preparação ao CAM 2— Comla 7, refizemos simbolicamente a trilha espiritual dos Discípulos de Emaús (cf. *Lc 24,13-35*), redescobrimo a Missão como caminho, encontro, partilha e envio, no anúncio alegre, livre e gratuito do Reino de Deus. Muitos elementos contribuíram para que pudéssemos viver um evento marcante: a preparação em nossos regionais e dioceses; a calorosa acolhida das famílias; a festa das comunidades de Belo Horizonte; a beleza das celebrações, com a participação de irmãos e irmãs de outras tradições religiosas; a riqueza de conteúdos das colocações; a intensa partilha nos “mutirões” de reflexão; os apaixonantes testemunhos missionários; a animada participação; a atenta organização; as profundas finalizações eucarísticas. Tudo isso nos proporcionou uma excepcional experiência de fê partilhada.

5. Produzimos muito em termos de reflexão. Alguém, com ar pessimista, poderia dizer que repetimos sempre as mesmas coisas. Contudo, apesar da nossa precariedade, lentidão e omissão em transformar em ação tantos anseios, o 1º Congresso Missionário Nacional avançou

significativamente na reflexão, oferecendo luzes, partilhando experiências, fortalecendo laços e articulações, animando-nos para uma compreensão sempre mais significativa e relevante da dimensão universal da Missão, para assumirmos com novo ardor, concretude e profetismo o único grande compromisso de viver, testemunhar e anunciar o Evangelho além de todas as fronteiras. Podemos agrupar as conclusões dos trabalhos deste Congresso em preparação ao CAM 2—Comla 7, em três grandes eixos temáticos, que também nortearam sua preparação e sua realização: os **fundamentos**, os **sujeitos** e os **desafios** da Missão. As reflexões surgidas convidam-nos a uma séria reformulação do nosso paradigma missionário, e a uma profunda revisão de nossos compromissos e de nossos projetos efetivos.

Os fundamentos

6. Partimos dos **fundamentos**, não para repropor uma “iluminação” teológica desencarnada, à qual Dom Erwin Kräutler fazia referimento, mas como premissa e síntese do nosso *ver-julgar-agir*. Pe. Paulo Suess chamou-nos a atenção sobre o “amor fontal” de Deus-Trindade, esse amor gratuito, que transborda e que gera a *Missio Dei*, a “Missão de Deus”. O nosso Deus é um “Deus-Amor”, um “Deus-Relação”, um “Deus-Envio”. A Missão é d’Ele: Ele envia e se auto-envia. A Missão tem tudo a ver com a essência divina.

7. Em nossos Mutirões, saíram diversas vezes as palavras “identidade”, “vocação”, “formação”, “conversão”, e as perguntas “quem somos nós?”, “quem é Jesus?”, “qual é a sua proposta diante da qual configurar nossa Missão?”. A Missão nasce sempre de um encontro especial e pessoal com Ele, como o da Samaritana, como o do cego de Jericó, como o dos discípulos de Emaús. Esse encontro revela o rosto de Deus e o seu projeto. O próprio significado do nome de Jesus revela seu programa: “Deus salva”. A Missão de Deus em Jesus expressa um infinito amor gratuito que transborda, mas que também tem uma finalidade: a recapitulação de todas as coisas em Cristo. A gratuidade trinitária da Missão tem um ponto de chegada, que é **a vida plena do Reino**. Essa gratuidade, emsi, não tem finalidade-interesse-objetivo nenhum, a não ser envolver os destinatários na mesma lógica-relação-partilha do dom da vida, que é a lógica do Reino que *não é deste mundo*.

8. Diante desta proposta, nossa identidade missionária molda-se em torno deste amor maior, um amor universal e gratuito, que transforma todas as coisas. Num caminho de **conversão** permanente, somos chamados a sair de nós, como Deus sai de si, e a transformar o mundo com novas relações, além de todas as fronteiras. A identidade cristã é uma identidade aberta, livre e transformadora, que rompe com a regressão infantil ao passado, com o desejo mimético de ser igual aos outros e com o medo da alteridade.

9. Mas a essência da Missão também está vinculada à ruptura com o reino da lei e da necessidade. Opção pelo Reino de Deus é opção pelo amor gratuito. A “força da Graça” rompe também com o nosso desejo de compensação, incorporação, identificação e reciprocidade. Se Jesus é esse Deus que salva, não há mais *necessidade* de outros sacrifícios redentores. Neste sentido, a nossa Missão não é *necessária*, mas torna-se um gesto *gratuito*, uma “memória”, uma “ação de Graça”, uma resposta ao amor gratuito que vem de Deus.

10. Que tal pensarmos numa Missão fundada na **gratuidade**, e não na *necessidade*; na Eucaristia, e não no sacrifício de nós mesmos; na vivência do Evangelho, e não na contabilidade dos que ainda não são católicos? Na verdade, muitas vezes, fundamentamos a Missão na necessidade de uma nossa intervenção para salvar o mundo, satisfazendo o nosso superego. Nossa identidade missionária não se forma a partir do encontro vivo com Jesus Cristo, mas espelha-se no brilho e no protagonismo dos super-heróis que salvam o mundo. Isso pode simplesmente representar uma “negação” da salvação em Jesus Cristo. Ao contrário, a nossa Missão é chamada a transformar-se num ato livre, *necessariamente* gratuito, numa extensão da caridade, que se enxerta, a partir do Batismo, na grande Missão de Deus.

Os sujeitos

11. Desta maneira, Deus, o protagonista da Missão, constitui-nos em **sujeitos**, destinatários e protagonistas do anúncio do Evangelho, atores da consolidação do Reino de Deus. Jesus, como “enviado do Pai”, envia a comunidade cristã, as famílias, os jovens, as crianças, os agentes de pastoral, os religiosos, os leigos. Primeiramente, porém, envia os pobres e os outros como herdeiros das promessas do Reino e como sinais da presença de Deus no mundo. Ele próprio está presente nestes enviados (cf. *Mt 25,31-40*). Os pobres e os outros chamam a Igreja à conversão, para que se torne “autenticamente pobre, missionária, pascal, desligada de todo o poder temporal, e corajosamente comprometida na libertação do homem todo e de todos os homens” (*Medellín, Juventude, 15*).

12. Uma das prioridades para a Missão hoje é o **reconhecimento dos pobres e dos outros**. Devemos admitir que a tradição missionária nem sempre se saiu bem nesta tarefa. Antes os destinatários da Missão eram chamados de “pagãos”, palavra latina depreciativa que significa rudes, “caipiras”, iletrados (a Missão sempre correu o risco de confundir a evangelização com a missão civilizatória). Depois os outros foram qualificados de “infiéis”, termo dirigido principalmente aos muçulmanos, réus de terem “distorcido” a mensagem de Jesus, que conheciam e integraram no *Alcorão*. Ultimamente, usa-se o termo, aparentemente *light*, de “não-cristãos”: na realidade, configuramos o outro a partir da *negação* do que pensamos ser. Não há reconhecimento da alteridade. Talvez haja um certo reconhecimento da dificuldade em defini-la. Mas o ponto de referência permanece sempre o mesmo: nós mesmos.

13. O reconhecimento dos pobres e dos outros muda totalmente nossos modelos de Missão, tão enraizados numa visão que reduz o destinatário a um *objeto* de compaixão, ou, pior ainda, a um *abjeto* de repulsa. Somente o reconhecimento dos outros e dos pobres como *sujeitos*, livres da extensão integradora do domínio de nossa identidade, constitui-nos e qualifica-nos também como *sujeitos* e protagonistas da Missão. Como nos lembrava Dom Franco Masserdotti, negar o outro e o pobre é negar a Deus, o protagonista da Missão: “negar o diálogo com os seguidores de outras religiões é praticamente negar a Deus, fechar os olhos diante da ação misericordiosa e criativa do Espírito que sopra onde quer”.

14. Contudo, reconhecer os outros e os pobres é somente o primeiro passo. É necessária também a **prática assídua da fraternidade** (cf. *Gaudium et Spes, 78*). No anúncio do Evangelho da Vida, o reconhecimento dos outros e dos pobres não implica imediatamente o dever de solidariedade, e vice-versa. Os dois caminhos não se cruzam nos processos de dominação hegemônica: pode haver solidariedade (ou assim suposta) sem reconhecimento, como também pode haver reconhecimento (ou assim suposto) sem solidariedade. Precisamos não somente reconhecer o outro, como também somos chamados a *refazer relações* entre gêneros, culturas, pessoas e povos diferentes, acreditando que é possível um verdadeiro diálogo aberto entre as pessoas, apostando num espaço comum de coexistência fraterna, que pode substituir uma globalização imposta pela violência e perpetuada pela negação do outro.

15. Desta maneira, diante do apelo à paz mundial e do anseio para “um outro mundo possível”, a Missão não pode ser anúncio do Reino de Deus, a não ser como **testemunho de uma prática comunitária** de vida de fé e de projeto missionário. A história da evangelização, infelizmente, fala muitas vezes de Missões feitas por indivíduos desbravadores, que partiam com a cara e a coragem para salvar *almas*, afirmando um santo protagonismo que escorregava, não raramente, em estrelismo. Hoje, ao contrário, precisamos de simples comunidades missionárias para uma Missão feita em comunidade. Na vida e na Missão da comunidade missionária, expressa-se o engajamento fundamental contra toda forma de domínio sobre o outro, e a prática assídua da fraternidade, como manifestação de uma nova lógica de convivência universal. A comunhão e a partilha anunciam o transbordar do amor de Deus-Trindade em nossas vidas, como nova maneira de repensar as relações com as pessoas, além de todas as fronteiras, para transformar o mundo numa só família.

16. Os “mutirões” do Congresso manifestaram diversas vezes o anseio de resgatar as CEBs (cf. *RM* 51), de valorizar a Pastoral de Conjunto, de repensar a paróquia como “comunidade de comunidades”. Hoje, mais do que nunca, a comunidade torna-se *sujeito* privilegiado da Missão universal, revelação do amor gratuito de Deus, anúncio de um mundo novo. A própria espiritualidade e santidade missionária é chamada a desenvolver-se, não apenas no âmbito estritamente *individual*, mas sobretudo no âmbito *relacional* e comunitário. Somos chamados a ser comunidades santas e missionárias. Que bonito seria, se um dia pudéssemos canonizar uma CEB! Neste sentido, o Congresso parece apontar para as Comunidades Eclesiais de Base, não apenas como “novo jeito de ser Igreja”, mas também como possível “**novo jeito de ser Missão**”. Ao mesmo tempo, ficamos preocupados, ao ver ameaçadas essas experiências de Igreja. Gostaríamos de nos solidarizar com o apelo e a preocupação de Dom Erwin Kräutler, comprometendo-nos seriamente a revitalizar o protagonismo das CEBs, a partir da perspectiva da dimensão universal da Missão.

17. Enfim, precisamos incentivar o protagonismo e a **articulação de sujeitos eclesiais e instâncias específicas de animação e formação missionárias** em nossa Igreja no Brasil, desde os Conselhos Missionários, em todos os níveis, até os organismos, as associações de leigos e de famílias, as Pontifícias Obras Missionárias e os projetos além-fronteiras. É preciso dar *dignidade e capacidade* a essas articulações, muitas vezes colocadas de lado pelas Igrejas locais. Pudemos constatar que, onde há uma certa organização, animação e estrutura, consegue-se garantir a caminhada, a formação de uma consciência missionária, e significativos avanços em termos de projetos de cooperação. Ao contrário, onde tudo isso não ocorre há uma perigosa estagnação. A falta de articulação missionária numa Igreja local, mais que fraqueza estrutural, é sinal de fechamento e de ausência de um autêntico espírito cristão.

18. Contudo, também a articulação missionária corre o risco de fechar-se em si mesma, quase a representar uma elite de “especialistas no assunto”. É necessário também alargar o círculo e estender os laços aos diversos setores eclesiais, sociais e culturais, envolvendo diferentes sujeitos, atores e aliados, entre congregações religiosas, institutos seculares, pastorais organizadas, movimentos eclesiais e populares, outras Igrejas e tradições religiosas, âmbitos da cultura, dos meios de comunicação e da sociedade civil. Nós e nossas Igrejas não podemos, de forma alguma, nos sentir protagonistas exclusivos do anúncio do Reino e da construção de um mundo melhor. No Congresso foi afirmada a importância de **evangelizar junto** com os outros, sobretudo com outras Igrejas, visto que “batizados” não existem apenas na Igreja Católica.

Os desafios

19. O 1º Congresso Missionário Nacional quis reafirmar, com muita convicção, com as palavras de João Paulo II, que a Missão *ad gentes* “ainda hoje representa o **máximo desafio** para a Igreja” (*RM* 40). Também a Igreja no Brasil é chamada com urgência a encontrar, por seu engajamento na Nova Evangelização, motivos e perspectivas para se lançar com coragem e generosidade além de suas fronteiras: “No anúncio do Evangelho na família, na escola, no trabalho, na comunidade, no bairro, os cristãos realizam sua vocação missionária e encontram o caminho para descobrir a *dimensão missionária universal* da Igreja e a responsabilidade de todos para com a Missão *ad gentes*, além-fronteiras” (*DGAE 2003—2006*, 94). E, vice-versa, o horizonte da *dimensão universal da Missão* estimula diretamente a ação evangelizadora, iluminando o *ver-julgar-agir* de nossas práticas, despertando o que muitas vezes está adormecido e acomodado. Três grandes *desafios* sintetizam as propostas de compromissos do 1º Congresso Missionário Nacional, e cinco *pistas de ação* servem de lembretes das tarefas a serem realizadas com novos olhos e com compreensão renovada pelos organismos missionários.

20. O primeiro grande desafio que temos à nossa frente é o de “**ver novamente**” (*Mc* 10,51), cada dia, sempre mais fundo e mais longe. Assim como os discípulos de Emaús abriram os olhos diante da fração do pão, também nós somos chamados a abrir os olhos diante dos sinais de Deus no tempo, “muito além daquilo que nos é familiar, além daquilo que é esperado ou

conveniente”, como nos lembrava o Pe. Paulo Suess. Diante do “banho” de sabedoria e de universalidade que tivemos com os testemunhos missionários, pudemos perceber onde estão os verdadeiros problemas da humanidade, e quanto estamos “fora do mundo”, quando não enxergamos o drama de muitos países africanos, latino-americanos e asiáticos, e os desafios que as Igrejas têm de encarar por lá.

21. Ouvimos vozes do Nordeste, da Amazônia, de Roraima, da Guatemala, da República Centro-Africana, do Senegal, da Guiné-Bissau, da Índia. Sentimos a necessidade de sair de nossas referências, para compreender a relevância da nossa Missão nas dimensões da partilha, da comunhão e da gratuidade, além de todas as fronteiras. É verdade, como diz Puebla, que “nós próprios precisamos de missionários” (*Puebla*, 368): temos, com efeito, inúmeros e complexos desafios missionários aqui no Brasil (cf. *DGAE 2003—2006*, 44 a 62). É verdade também que o Brasil é um dos países que mais recebem missionários e missionárias de fora. Somos, portanto, sem desculpa alguma, chamados a “dar de nossa pobreza”, inspirando-nos no próprio exemplo dos pobres, que não esperam “ter”, para partilhar.

22. O segundo desafio que apontamos e que renovamos no Congresso é **saber se indignar**. O nosso “ver novamente” a realidade não é algo passivo, como de espectadores diante de um trágico circo mundial. Nosso ver conduz-nos a “sentir com o coração”, a compadecer-nos até as entranhas, como Javé, que conhece as angústias de seu povo (cf. *Ex 3,7*). A indignação em nossa ação e animação missionária é um antídoto contra o conformismo à lógica deste mundo, à qual sempre mais nos estamos acostumando. A indignação deve levar à denúncia dos abusos do neoliberalismo e do império norte-americano contra a vida e a soberania dos povos. É muito fácil limitarmos nossa indignação a um simples sentimento. O desafio está em passar à ação, com atitudes e posturas concretas, campanhas e manifestações de conscientização, propostas e projetos de cooperação.

23. Por isso, a Missão, como gesto livre e gratuito que surge do “amor de Cristo que nos impulsiona” (*2Cor 5,14*), precisa tornar-se **projeto histórico**. Esse é o terceiro desafio. A gratuidade que nasce do coração de Deus precisa tornar-se carne, em algo que definimos como “nossa Missão contextual”. Podemos “negar” Jesus Cristo, sem dúvida, com o nosso excessivo protagonismo, mas também com a falta de um projeto histórico de Missão. De um lado, negaríamos a transcendência; do outro, a encarnação. A gratuidade sem história é uma Missão perdida no ar. A indignação sem transformação da vida é um sentimento estéril, sem expressão. Ter um projeto histórico significa definir um espaço e um tempo para a nossa ação missionária, um destinatário específico e uma tarefa delimitada, uma ação responsável e o nosso papel na História da Salvação.

24. Particularmente desafiador neste momento, para os conselhos e os organismos missionários, é elaborar um projeto, encontrando caminhos viáveis e **propostas pedagógicas pastorais** de animação missionária capazes de envolver as comunidades cristãs de maneira simples e acessível, num crescimento e num comprometimento efetivo com a Missão além-fronteiras. Cinco pistas de ação podem servir para imaginar o perfil dessas propostas. Trata-se de alguns lembretes e de algumas *tarefas*, que são as tarefas de sempre da animação missionária, vistas agora à luz de nossas considerações. Essas tarefas podem constituir não apenas uma pauta específica que mira abrir os horizontes e o coração de nossas Igrejas ao mundo inteiro, como também podem tornar-se propostas de ação para a Nova Evangelização, para a Pastoral de Conjunto e para a animação global da vida de nossas comunidades.

25. Em primeiro lugar, precisamos incentivar a **informação missionária** como *informação alternativa* em relação aos problemas do mundo e suas análises. Não se ama o que não se conhece, e não se conhece o que não é despertado por uma paixão. Se é verdade, pois, que a Missão é, por excelência, “comunicação”, e que somos chamados a comunicar esta paixão pelo Reino, além de todas as fronteiras, precisamos assumir um compromisso mais sério com os meios de comunicação, com o investimento em pessoas, estruturas e organização, com a produção e divulgação da imprensa missionária, educando o nosso povo ao *hábito da leitura*, incentivando “uma informação e comunicação aberta ao mundo, que favoreça o conhecimento das realidades internacionais e que faça surgir laços sempre mais fraternos com outros povos, em vista da

construção de um mundo justo e solidário” (DGAE 2003—2006, 195). Esse é um compromisso que tem a ver diretamente com a *promoção da justiça e da paz*.

26. Em segundo lugar, precisamos fomentar a **formação missionária** para uma maior reflexão e para um maior crescimento na fé e na ação de nossas comunidades no mundo. Muitos “mutirão” sublinharam a exigência de multiplicar os cursos de Missiologia, em diversos níveis. Isso é muito importante. Precisamos tomar cuidado, porém, para não fazer demasiada retórica em torno da Missão. Uma boa teoria é etapa fundamental de uma boa prática missionária, da mesma forma que a elaboração de um projeto é o primeiro passo para a construção de um edifício. Contudo, devemos chegar a uma reflexão missiológica sempre a partir de nossas experiências significativas, visando nossas práticas missionárias, transformando continuamente nossas posturas e convertendo nosso coração. A formação missionária é um compromisso que diz respeito à promoção da *espiritualidade*, da vida de fé.

27. Uma terceira tarefa é, propriamente, a **animação missionária**. Da mesma forma que realizamos este 1º Congresso Missionário Nacional, podemos multiplicar esses eventos pelo Brasil afora, nos diversos regionais, dioceses e paróquias. Não faltam oportunidades no decorrer do Ano Litúrgico para aproveitar datas importantes, como a Semana dos Povos Indígenas, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, a Semana do Migrante, o Mês de Maria, o Mês Vocacional, o Mês Missionário, o Dia Mundial do Meio Ambiente, o Dia da Libertação da África, o Dia da Consciência Negra, a Campanha da Fraternidade, a Campanha Missionária, a Campanha da Evangelização, para promover iniciativas, tais como gincanas, concursos, festivais, cursos de formação, vigílias, congressos, celebrações, quermesses, exposições, conferências, testemunhos missionários, etc. Desta maneira poderemos oferecer ao nosso povo ocasiões para sensibilizar-se e conscientizar-se para a causa missionária, que é a causa do Reino, de uma maneira simples, atrativa, dinâmica. A campanha da Fraternidade do próximo ano, sobre a Água — *Fraternidade e Água — Água, Fonte de Vida* —, convida a animação missionária a um compromisso mais sério com o *meio ambiente* e com o cuidado com a Mãe-Terra.

28. Uma quarta tarefa é a **cooperação missionária**. Toda informação, formação e animação deve chegar a um compromisso concreto de *solidariedade* com outros povos e outras Igrejas, por gestos de Fé, Amor e Esperança. O surgimento de projetos missionários com a Amazônia, com a África, e os projetos *Igrejas Irmãs* vão nesta direção de doação e de extensão da caridade até os confins do mundo, como foi lembrado pelo “mutirão” 5. Precisamos, porém, incentivar práticas mais quotidianas e regulares, como o dizimo missionário — como propôs o “mutirão” 6 —, as campanhas missionárias, as recitações do Rosário Missionário e uma animação vocacional que aponte para um engajamento ousado, na dimensão universal da Missão, dirigida a diferentes e específicos sujeitos, como as famílias, os jovens, as crianças, os idosos/as, os presbíteros, os religiosos/as, os leigos/as.

29. Enfim, a quinta tarefa profética é a **articulação missionária** como compromisso de *diálogo* com todos. A concretização deste diálogo num projeto histórico exige a elaboração de um planejamento e de uma coordenação. Precisamos pensar num jogo de time que entra em campo com uma finalidade, um esquema tático, papéis, regras e funções definidas. O nosso plano de ação precisa ser minucioso, articulado, comunitário e pontual. Às vezes, os missionários e as missionárias parecem um time de futebol cheio de boa vontade, mas totalmente desarticulado, que entra em campo sem preparo físico e sem saber direito de que lado chutar a bola. A Missão não é brincadeira! O desafio, o compromisso e a tarefa missionária necessitam hoje ser repensados em termos muitos mais sérios, concretos, comunitários e articulados, apesar do voluntarismo que muitas vezes expressamos como organismos em nível nacional, regional e diocesano, sobretudo no que diz respeito ao compromisso da Igreja no Brasil com a dimensão universal da Missão.

Conclusão

30. Na conclusão do 1º Congresso Missionário Nacional, diante de tudo o que vimos, ouvimos, partilhamos e vivemos, sentimo-nos enviados às nossas comunidades (cf. *Lc 24,33*), para

que, em conjunto e efetivamente, possamos assumir a proclamação do Evangelho até os confins do mundo. Como dizem os nossos bispos com o Papa João Paulo II, a *dimensão universal da Missão* e a formação missionária devem “ocupar um lugar central na vida cristã” (*DGAE 2003—2006*, 94 e 102; cf. *RM 83*).

31. O fato de o 1º Congresso Missionário Nacional ter sido pensado e realizado na contramão dos grandes eventos celebrativos de impacto midiático mostrou-nos, criticamente, longe dos holofotes, onde e como uma Igreja faz verdadeiramente Missão no mundo. Tratou-se do “primeiro” Congresso Missionário Nacional da Igreja no Brasil. As repercussões, dentro e fora do Congresso, foram simplesmente entusiastas. Em sua descrição e dignidade, representou um marco histórico, porque contou com relevantes contribuições, com extraordinárias experiências missionárias, com provocatórios painéis, com envolventes trabalhos em “mutirão”, e com significativos momentos de celebração e intercâmbio. O perigo, agora, é ficarmos satisfeitos só com isso. Precisamos, ao contrário, passar para a ação.

32. Com as propostas e aos anseios relativos ao CAM 2—Comla 7, lembramos os compromissos, que podem ser resumidos em três palavras-chaves: **gratuidade** — **comunidade** — **projeto**. Nossa ação missionária é chamada a tornar-se sempre mais *contemplação*, *aproximação* e *transformação*. Sentimos a necessidade de aprofundar nossa identidade e enraizá-la no mistério da Trindade; de repensar a Missão como testemunho de uma prática comunitária; de enfrentar os desafios com atitudes e posturas renovadas, articuladas e planejadas, tendo como primeira e última perspectiva o horizonte do Reino.

33. Que tal encararmos uma Missão assim? Que tal renovarmos toda a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil a partir destas propostas? Que tal transformarmos o mundo, vendo a realidade com o olhar profundo e amplo dos profetas, indignando-nos com o coração e as entranhas de Deus, e agindo com projetos decididos, ousados e além-fronteiras? Desta maneira, faz sentido afirmar, com toda força e convicção: *Igreja no Brasil, Tua Vida É Missão*.

Pe. Estêvão Raschietti
Secretário Executivo do Comina
Coordenador da Assessoria do Congresso

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Sra. Suyapa — Amazonas

Bom dia.

Eu sei que é um nome estranho para vocês, mas como aqui estamos aprendendo novas coisas, este é o nome da Padroeira do meu país, Nossa Senhora de Suyapa, de Honduras.

Antes de qualquer coisa, eu gostaria dizer que estas impressões e luzes não são simplesmente da minha pessoa: a gente conversou um pouquinho em grupo, e o resultado dessa conversa é aquilo que eu vou partilhar para vocês.

Em princípio, todos nós (eu estou falando do Regional Norte 1) sentimos um ambiente fraterno de acolhida, de entrega, de encontro e de reencontro. Quanto à questão metodológica, todos nós, ou pelo menos os Comires, enviamos uma carta, indicando mais ou menos a metodologia a ser usada neste Congresso, que sentimos que foi muito bem considerada e respeitada também, embora tenha havido algumas pequenas falhas em questão do preparo de alguns temas.

Sentimos que foi muito bem acertada a questão bíblica, evangélica, os temas que foram tratados no início, a questão da partilha com os discípulos de Emaús, hoje com a Samaritana, e também aquela experiência linda das orações de ontem de manhã, embora haja algumas que não foram entendidas.

Sentimos a falta de não ter tido as palestras em nossas mãos, porque, como Dom Sérgio e o Pe. Estêvão falaram que irão ser enviadas posteriormente, não sabemos quando, e isso com certeza é um ponto para ser avaliado para os próximos encontros ou congressos.

Algumas coisas, assim luzes e coisas mais concretas, que vimos no congresso foram as experiências dos leigos e movimentos missionários que estão aparecendo, e que estão dando frutos, que estão caminhando.

A experiência concreta, depois de muitos anos de preparação, do Projeto Timor Leste, com tudo isso, nós sentimos que é possível fazer Missão a partir da nossa pobreza, que é possível fazer muita coisa aqui no Brasil, nas nossas dioceses, nas nossas comunidades.

Neste congresso surgiram coisas que não foram novas, que se repetiram em outros congressos, como no Comla 5, no Comla 6, e que estão em outros congressos diocesanos, como na formação, com a disciplina missionária, nos seminários, nas casas de formação, a questão da organização, da necessidade de cooperação e financiamento.

Será que isso não é um sinal do Espírito Santo que nos quer dizer alguma coisa?

Há muitos gritos que ainda não têm alcançado a dimensão desejada, mas têm também grandes avanços neste trabalho missionário: isto reflete que a Igreja brasileira está viva, que a Igreja brasileira caminha.

Pensamos que nós não devemos ser simplesmente reprodutores deste congresso missionário nas nossas dioceses e comunidades, e sim fazer um trabalho mais profundo, para ajudar a despertar essa consciência missionária nas nossas comunidades, paróquias e dioceses.

O Pe. Estêvão falou bem agora: nós vamos planejar um próximo Congresso Missionário Nacional, nós já tivemos aqui em Belo Horizonte o 5º Comla, e posterior a ele, um Congresso Missionário: são coisas para rever.

Sentimos e vivenciamos profundamente uma das maiores riquezas aqui no congresso que foram os testemunhos pessoais, que isso ajudou muito cada um de nós a rever talvez alguns conceitos pessoais que temos.

Essa opção e este compromisso profundo pela Missão, que não é simplesmente uma opção de trabalho, e sim uma retomada do compromisso batismal, que um dia nossos pais e nossos padrinhos fizeram por nós.

Devemos resgatar nossa identidade como Povo de Deus, como Igreja, como cristãos, e cada regional deve fazer o esforço para manter viva, a partir da sua realidade, a chama da Missão.

Descobrimos, e todos nós sentimos, a necessidade de revitalizar e reviver a CEBs, para fortalecer as comunidades e a Igreja particular, e também a necessidade de dinamizar e organizar outros pequenos órgãos dentro da Igreja, organizações como o Comina, os Comires, os Comidis.

E consideramos e aprendemos muito, com certeza, com a colaboração e contribuição que cada grupo deu ao resultado dos trabalhos. Com certeza se despertaram muitas outras inquietações, o que também ajudou a animar para esta longa caminhada.

Obrigada!

2. Pe. César — Coordenador do Comidi, Belo Horizonte, MG

Bom dia pra todos.

Talvez alguém ache que nós só nos conhecemos nestes dias, mas a gente já conheceu vocês muitos meses atrás, desde quando chegaram as primeiras fichas, e nós começamos a aprender os nomes de todos vocês, e para nós foi uma alegria associar nestes dias, aos nomes, os rostos e as experiências.

Alguém falou que foram quatro dias de congresso intensos. Para nós foram seis meses de congresso intensos, porque, já desde janeiro, começamos a preparação.

Acho que esta noite todo mundo vai dormir um pouquinho mais tranqüilo. Foi uma experiência muito bonita, podemos agradecer a Deus pela disponibilidade que mais de cem pessoas, que trabalharam nos bastidores do congresso, um trabalho feito com muito carinho, muito amor.

Agradecemos a Deus pela experiência de amizade e de fraternidade que vivemos com todos os membros que prepararam este congresso: Pe. Daniel, Pe. Estêvão, Cida, Pe. Zé Maria, todas aquelas pessoas com as quais a gente se encontrou. Podemos falar que é um frutos do congresso também esta amizade, esta fraternidade que cresceu entre nós.

Recebemos muitos pedidos para repassar os conteúdos deste congresso na nossa Arquidiocese, a gente hoje quer tomar esse compromisso, poder sair deste congresso com esta tarefa, de partilhar com os irmãos a riquezas que nestes dias recebemos aqui.

Podemos também desejar que este congresso seja de verdade pra todas as nossas Igrejas, e para a nossa Igreja do Brasil, um momento de nova esperança, um momento de recomeçar, retomar a nossa caminhada.

E queremos deixar para vocês este convite: que este congresso possa ser um pouquinho como uma história que a gente gosta de utilizar aqui em Belo Horizonte, porém preciso também da colaboração de vocês:

*Era uma vez uma casa sonolenta,
Onde todos viviam dormindo.
Nesta casa havia uma cama,
Uma cama aconchegante,
Numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.*

*Nesta cama estava uma avó, uma avó roncando,
Numa cama aconchegante,
Numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.*

*Em cima desta avó, estava um menino, um menino sonhando,
Em cima de uma avó roncando,
Numa cama aconchegante,
Numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.*

*Em cima deste menino estava um cachorro, um cachorro cochilando,
Em cima de um menino sonhando,
Em cima de uma avó roncando,
Numa cama aconchegante,
Numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.*

*Em cima deste cachorro estava um gato, um gato ressonando.
Em cima de um cachorro cochilando,
Em cima de um menino sonhando,
Em cima de uma avó roncando,
Numa cama aconchegante,
Numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.*

*Em cima deste gato estava um rato, um rato dormitando,
Em cima de um gato ressonando,
Em cima de um cachorro cochilando,
Em cima de um menino sonhando,
Em cima de uma avó roncando,
Numa cama aconchegante,
Numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.*

*Em cima deste rato havia uma pulga.
Será possível? Uma pulga acordada,
Em cima de um rato dormitando,
Em cima de um gato ressonando,
Em cima de um cachorro cochilando,
Em cima de um menino sonhando,
Em cima de uma avó roncando,
Numa cama aconchegante,
Numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.*

Uma pulga que picou o rato, que assustou o gato, que arranhou o cachorro, que caiu sobre o menino, que deu um susto na avó, que quebrou a cama, numa casa sonolenta, onde ninguém mais estava dormindo.

Que este congresso, que cada um de nós, voltando às nossas paróquias, às nossas Igrejas, possa ser esta pulga pequena, mas acordada, para animar missionariamente a nossa Igreja.
Obrigado.

3. Pe. Walter von Holzen, SVD

Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias (POM) do Paraguai

Bom dia Brasil, bom dia América!

Quero começar meu pequeno comentário, em espanhol, apresentando-me, que sou faz quatro meses o novo Diretor das Pontifícias Obras Missionárias do Paraguai.

Eu me encontrei com o Pe. Daniel em Roma, que é para mim como um irmão mais velho, e lhe disse que onde houver qualquer coisa que eu possa aprender, que me chame, para que eu possa ser como um noviço, e aprender como fazer este grande trabalho.

Quero somente neste momento fazer um pequeno comentário: não se pode comparar minha realidade do Paraguai com a realidade do Brasil, porém podem-se comparar as pessoas que têm seus corações cheios de fé, porque querem ser missionárias.

No Paraguai temos as Pontifícias Obras Missionárias, na qual estou eu, e uma senhora que vem pela manhã e outra que vem pela tarde, para ajudar-me. Estas são as Pontifícias Obras Missionárias do Paraguai.

Porém temos, como vocês têm aqui no Brasil, um povo crente e forte, que quer ser missionário.

Então nesta hora agradeço ao Pe. Daniel o convite para estar com vocês, e volto muito animado, mas vou ser breve, porque sei que ainda há outros para falar.

Concordo com o fato de que todos preparemos as próprias sínteses do congresso, pois é importante que tudo o que vivemos aqui vá chegando às bases.

Creio que o primeiro congresso que vocês organizaram é de grande êxito, penso eu, porque é um êxito para mim, porque vem da base, e isto é para mim, e para nós todos, sempre uma lição. Pois tudo vem tão fortemente das bases, de onde, como aqui me diziam, chegam a viajar 48 horas para aqui chegarem.

Graças a Deus que vocês são fortes em suas bases, eu cumprimento vocês, pois essa aí é a força deste congresso, a força das bases. Um aplauso para vocês mesmos.

E ouvimos dizer que 50%, ou mais, são leigos... Igreja oficial pode deixar a vocês serem a Missão.

A terceira palavra-chave que eu gostaria de falar são os novos paradigmas de Missões, novos horizontes de Missões. Pessoalmente estou convencido também, dos meus últimos trabalhos em Roma, publicando uma revista missionária para cem Congregações Missionárias, dos relatos, de que a Missão está mudando radicalmente, e isso surgiu um pouco, porque o pluralismo religioso vai ser nosso novo horizonte de Missão.

O grupo nº 9 falou sobre o ecumenismo, vamos fazer Missão em novos contextos, e talvez outro fator que forma este novo horizonte é a perda de atração que exercem as Igrejas tradicionais.

Este é nosso novo ambiente: pluralismo religioso, ecumenismo, perda de atração das Igrejas, e muitas formas de paganismo ou de desinteresse.

Outra palavra que eu digo: testemunho. Missão será testemunho: aqui utilizamos muitas palavras, mas é melhor testemunhar com vidas.

Eu penso que não será mais uma grande empresa a Missão, mas testemunho de família, de famílias cristãs missionárias, que são sinais pascais da ressurreição em seu bairro, que são sinais de perdão, de caridade, de diálogo entre muitas pessoas que não entendem muito bem o que é ser cristão.

E o último ponto que quero falar são palavras: por favor, que façamos o que dizemos aqui, indo à ação, porém temo que isso não será possível, se não houver muito mais desacomodação, em termos de Igreja, em termos de organização, porque nós religiosos na Igreja sempre corremos o perigo de criar muitas estruturas, muita organização e não temos mais tempo para ser pessoas e personalizar a Missão.

Termino com o meu desejo de que realmente se possa levar adiante esse grande evento, o congresso na sua caminhada, esta força, esta missionariedade.

No Paraguai sentimos a necessidade de rezar pelas vocações, porque penso e digo muitas vezes, também no Paraguai: não há Missão sem missionário. Que tenhamos consciência de que teremos de trabalhar sempre e em cada momento para as vocações missionárias. Digo todos os dias que é preciso haver um missionário concreto, num lugar concreto, que se dá inteiramente. Que sempre rezemos e trabalhemos pelas vocações missionárias, esta é minha pequena mensagem.

4. Irmã Inês Costalunga — São Paulo, SP

Algumas impressões e expectativas de uma pequena pulga.

O Congresso está se realizando num clima de alegria, num clima de esperança, num clima de muita espontaneidade, de criatividade, de respeito mútuo, de reflexão, de participação, de partilha, de oração e contemplação, de co-responsabilidade e de visão crítica da realidade.

Em seu todo, parece haver um equilíbrio entre os participantes femininos e masculinos: aproximadamente 55% de participantes femininas e 45% de participantes masculinos. No entanto, a linguagem poderá tornar-se ainda uma linguagem mais feminina, mais leiga e mais de núcleo familiar.

A reflexão teológica é atualizada e contextualizada, as experiências aqui colocadas são realmente experiências de ligação entre fé e vida.

A composição da mesa coordenadora tem se tornado cada vez mais colorida, mas e poderá tornar-se ecumênica e inter-religiosa, já que o coração da Missão é a vida plena para todos.

Penso que estamos delineando e construindo um rosto latino-americano da Missão, a dança da Missão está sendo pensada a partir da vida desfigurada e fragmentada, para a construção de uma vida plena para todos.

Eu penso que nos estamos acordando e caminhando e realizando o sonho de Medellín, de Puebla e, em parte, de São Domingos, que foi o sonho de realizar, de construir uma Igreja pobre, uma Igreja missionária, pascal, inculturada, leiga, crítica e comunitária.

Penso que estamos construindo uma comunidade pobre, que vai ajudar, que está aberta para ajudar outras comunidades pobres. Para mim, estamos realizando o sonho de Jesus, o Reino de Deus.

Devemos caminhar, marcando outras etapas, porém não podemos parar aqui: devemos marcar etapas de articulação, devemos marcar etapas de projetos, devemos marcar etapas de aprofundamento de uma Missão com o rosto latino-americano.

São algumas impressões e perspectivas que colhi deste congresso, enquanto parablenizo aqueles que mais colaboraram para que o congresso fosse realizado em um “mutirão” articulado por todos nós.

Obrigada.

5. Pe. Sávio Corinaldesi, SX — Secretário Nacional da Infância Missionária

Eu tenho três recados para dar, como os avisos paroquiais do fim da missa.

O primeiro recado é para Dom Sérgio

Eu, como sou tímido, não teria coragem de dizer para ele, mas na presença de vocês me animo.

Dom Sérgio, a Conferência dos Bispos, neste ano, dia 8 de maio, aprovou as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora*, contendo quatro itens que se referem diretamente à ação missionária *ad gentes*. Por favor, não deixe que façam calote deles, porque o grande problema é esse.

Um documento que foi aprovado por todos os bispos do Brasil, com duas ou seis abstenções: então se pode pedir a qualquer bispo deste país que ponha em prática isto.

Isto significa, por exemplo, mandar examinar os folhetos litúrgicos que se usam em nossas igrejas: existe a dimensão missionária lá dentro? Algum bispo proibiu esses folhetos? Então estão dando calotes na decisão que tomaram.

A nossa gente, os textos de catecismo que estamos usando em nossas comunidades, têm a dimensão missionária lá dentro? Existe algum bispo que proibiu esses catecismos? Isso é calote.

Não gente, eu estou indignado com essas coisas, porque nós dizemos palavras bonitas, depois não tiramos as conclusões.

Vocês se lembram do quanto perseguiram a Teologia da Libertação? Hoje existem teologias que são mais aberrantes que a Teologia da Libertação? Estão dominando nas nossas paróquias e nas nossas Igrejas? Há alguém protestando contra isso? Isso é calote contra o Evangelho.

Dom Sérgio, o senhor não é um político que precisa se reeleger: nestes quatro anos de mandato, torne-se antipático, torne-se chato, mas não deixe nenhum bispo dar calote nessas decisões que os bispos tomaram. Inclusive porque são decisões que nem são dos bispos, porque eles as copiaram dos documentos do Papa e do Concílio.

Desculpe, Dom Sérgio, viu? Depois me dê a absolvição.

O segundo recado é para os delegados e delegadas que vão para a Guatemala

Lembrem-se de que, entrando naquele país, vão pisar numa terra sagrada, molhada pelo sangue dos mártires, despedaçada pela cobiça dos conquistadores, empobrecida pelo saque dos ladrões. Mas prestem atenção aos perseguidores, aos ladrões, aos opressores destes países. Não são o Império Romano, como com os antigos mártires, não são os comunistas: são países cristãos. São o

exemplo mais límpido de antimissão que está acontecendo faz 500 anos e se reforçou nos últimos 50 anos, porque não acabou a exploração dos países centro-americanos por parte do Império do Norte.

Não acabou ainda o martírio. Dom Girardi e Dom Romero foram mortos por cristãos, não por comunistas, não pelos imperadores romanos. E lá na Guatemala estarão presentes os representantes desses países, eu quero ver se terão coragem de pedir perdão e, sobretudo, de tomar decisões sérias, concretas, objetivas, para que isto acabe.

Recado para vocês, para os congressistas

Nós fizemos um congresso bonito, a animação foi bonita: agora recordem que, para nós missionários, a qualidade principal não deve ser a animação, deve ser a indignação.

Eu trabalho com a Infância Missionária, e uma das grandes crises de consciência para mim depois de cada Encontro de Formação para Animadores da Infância Missionária (Efaim) é quando vou ver as avaliações e todo mundo se queixa de “faltou animação”.

Será que nós estamos aqui para animar? Ou estamos aqui para nos indignar? Nós somos memória viva na Igreja local, das tragédias de que foi falado ontem, e isto não dá animação, isso dá vontade de lutar, dá vontade de guerrear, dá vontade de “puxar as unhas”.

Gente, não vamos fazer da ação missionária uma ação “oba, oba, bonitinha”...

Se deve existir na Igreja local um grupo engajado, lutador, sério mesmo, diria com cara de pau, devemos ser nós, porque nós conhecemos coisas que eles não conhecem, que na África existem mais de dez guerras em andamento neste momento, com milhões de mortos. Não os mortos do Iraque, que os americanos contam um por um: lá são milhões de mortos, e nossas comunidades não sabem.

A guerra do Iraque continua. Agora eu pergunto: nós, movimentos missionários — e eu pergunto isso à Infância Missionária —, quando se realizaram as marchas pela paz, estávamos lá na frente? Não.

Quando foi pedido: “Coloquem um lençol branco na frente da Igreja com o nome Paz, Queremos Paz”, em quantas igrejas isso foi feito? Eu não vi isso em nenhuma igreja. Se foi feito, graças a Deus: mas não foi.

Vejam bem, movimentos que não são ligados à Igreja: em nenhuma igreja conseguimos colocar 3 milhões de faixas, como eles nas sacadas da Itália, e pintaram a Itália em sinal de paz. Nós não conseguimos pintar coisa nenhuma.

E então, gente, que o espírito missionário se transforme em fatos concretos, proféticos, e, eu acrescento, políticos também, porque hoje temos de transformar o mundo, e o mundo se transforma com a política.

Às vezes me dizem: “Como é bonita a Infância Missionária durante o Círio. Estava lá na frente, enfeitando o Círio”. Enfeitar Círio: esta é a finalidade da Infância Missionária?

Obrigado.

6. Dom Sérgio Castriani — Bispo de Tefé, AM

Eu tinha preparado algumas coisas, mas “bagunçou” tudo agora.

Eu estava lembrando do que o Pe. Paulo Suess aqui disse, que numa igreja, não me lembro onde, mas lembro que ele falou, os apóstolos estavam em cima dos profetas, havia os profetas, e depois os apóstolos. Então eu pensei nisso aqui, e espero que o Pe. Sávio e os profetas do nosso tempo continuem a nos carregar, a nos suportar e a nos sacudir, quando for necessário, e eu tinha mesmo pensado, não em impressões do Congresso em geral, mas só em três pontos, e um comercial.

Eu penso na urgência da animação missionária, e agora, depois do discurso do Pe. Sávio, a urgência da indignação missionária.

Mas coloquem aí o conteúdo, o conteúdo é esse: penso, nós, como Comissão Missionária, e é importante, eu escutei o apelo, mas, já partilhando com Dom Franco e Dom Sérgio, o apelo que o Pe. Sávio fez: nós somos a Comissão Missionária, Comissão para a Ação Missionária da CNBB.

Queremos fazer um trabalho colegiado, trabalhar juntos. Ontem tivemos uma reunião na primeira parte da manhã, dividindo um pouco o serviço, e é para esse nível nosso de bispos, e, pensando, aí concordo com o Pe. Sávio, cumprimos a nossa missão de sacudir, de animar, ser mesmo esta consciência missionária, exigindo o cumprimento daquilo que nós decidimos.

Mas as mesmas coisas nós devemos dizer para os padres, aqui várias vezes se falou da necessidade da animação missionária do clero, da vida religiosa, e uma palavra especial à Irmã Maris, que nos anima como religiosos do Brasil e tem assim a Missão no seu coração. Isto é uma característica muito própria dela.

E enfim, todos nós batizados e batizadas, em todos os âmbitos lá onde nós estivermos, devemos ser a pulga do Pe. César, não é? Para realmente estarmos aí nessa animação.

Então eu acredito na urgência de levarmos essa animação de forma inteligente, como diria — acho que diria, não é? — o Pe. Estêvão, planejada, com metodologia, fortalecendo a organização missionária que nós temos, o Comina, quase todo representado aqui — a diretoria, pelo menos, do Comina está aqui na frente — os Comidis, os Comipas, então, a organização missionária.

Portanto, essa era a primeira idéia que me veio hoje de manhã, quando foi pedido para que eu desse uma palavrinha neste momento.

Segundo, eu não poderia deixar de falar da Amazônia: faço parte da Comissão da Amazônia. Vocês devem ter acompanhado toda a presença da questão da Amazônia na Assembléia dos Bispos, a formação de uma Comissão Episcopal para a Amazônia.

E eu gostaria de ler o número dois do documento que foi apresentado na Assembléia dos Bispos:

“Apoiar a Igreja na Amazônia decorre não só do mandato missionário do Senhor, mas, igualmente, do Mandamento Novo do amor fraterno. Os primeiros cristãos, e tantos outros através dos tempos, compreenderam bem que a existência de carências não atendidas é a negação prática do mandamento de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Não havia necessitados entre eles, distribuíam seus bens conforme as necessidades. As Igrejas das outras regiões do Brasil, sobretudo do Leste, Sudeste e Sul, são questionadas na qualidade de seu amor fraterno, pelas carências vividas há séculos pela Igreja da Amazônia.”

Continuando o pensamento do Pe. Estêvão, se eu bem entendi, ir para a Amazônia, participar da vida da Igreja na Amazônia, não é por necessidade, mas é por amor, é, sobretudo, pelo cumprimento do mandamento do amor.

Então fica aqui um apelo: que nas nossas dioceses e na nossa organização missionária, o horizonte missionário da Amazônia esteja presente.

E agora o Pe. Zeca me pediu para fazer um pequeno comercial do Centro Cultural Missionário. Acho que todos nós sabemos da existência deste Centro Cultural Missionário, em Brasília, que é nosso, é da CNBB, está a serviço da Igreja do Brasil. E ele pediu que eu falasse, sobretudo, de dois cursos. Nós temos os cursos do Centro de Formação Intercultural (Cenfi), que são oferecidos aos missionários estrangeiros que vêm trabalhar no Brasil. Mas há o Curso de Formação Missionária, para todos os presbíteros, religiosos e religiosas, leigos e leigas que atuam ou irão atuar em regiões ou situações missionárias do país, e o Curso *Ad Gentes*, para os que são enviados em Missão para fora do Brasil ou para brasileiros no exterior. Então vamos lembrar da existência destes dois cursos de formação missionária. Quem quiser mais informações, fale com o Pe. Zeca, que tem também folhetos para levar. E uma salva de palmas para o Centro Cultural Missionário, a equipe que tem prestado e presta um serviço imenso à Missão no Brasil.

Portanto, o que eu queria dizer era só isso, haverá mais mensagens hoje, e a gente agradece, sobretudo, às duas irmãs, que fizeram ótima síntese do nosso encontro.

PRIORIDADES, COMPROMISSOS E ANSEIOS

Síntese das conclusões dos “Mutirões” de Reflexão sobre os temas do CAM 2—Comla 7

Prioridades

1. Retomar com vigor, a partir da Missão Trinitária e inspirados no Mistério da Encarnação, as opções de Medellín e Puebla, principalmente no que diz respeito à **opção preferencial pelos pobres e excluídos**, enquanto sujeitos da própria libertação.

2. Considerar a historicidade dos vários sujeitos no processo de **inculturação**, respeitando e valorizando a sua experiência de vida, cultura e fé, rompendo as próprias fronteiras para uma acolhida solidária do outro, do diferente.

3. Resgatar a experiência das primeiras comunidades cristãs, reinvestindo e fortalecendo as **Comunidade Eclesiais de Base** como sujeitos da Missão, para que nossas comunidades se tornem sinal e espaço de superação do individualismo, na prática da comunhão solidária, transformadora da realidade sócio-político-econômica e religiosa.

4. Desencadear uma cooperação missionária autêntica, em um **espírito ecumênico**, especialmente nas iniciativas ligadas à defesa da vida, à promoção humana, e, antes de qualquer empreendimento missionário, dialogar com as Igrejas sobre a possibilidade do testemunho de uma cooperação missionária, em um clima de unidade e respeito.

5. Assumir decididamente a **dimensão missionária universal** na Missão além-fronteiras e na Missão *ad gentes*, assim como foi destacado nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003—2007*.

Compromissos

1. Criar um programa de evangelização, a ser transmitido pelas TVs católicas, para **informação** missionária e formação de evangelizadores, que alcancem as regiões de difícil acesso.

2. Investir na **formação** missionária e acompanhamento das lideranças e agentes de pastoral, em todas as dimensões, promovendo Escolas de Formação Missionária para leigos e leigas, presbíteros, religiosos e religiosas, visando sua maior conscientização missionária. Incluir a disciplina de Missiologia em todas as faculdades de Teologia do país.

3. Incentivar a **animação** missionária em todos os ambientes eclesiais, com a edição de subsídios e a promoção de eventos missionários.

4. Desenvolver *projetos* de **cooperação** missionária, como *Igrejas Irmãs*, *Igrejas Solidárias*, Missões Populares, juntamente a práticas e gestos concretos, como o Dízimo Missionário, a Oração Missionária e a Animação Missionária e Vocacional.

5. Fortalecer a **articulação** missionária, promovendo a criação e a organização dos *Conselhos Missionários*, em todos os níveis, da Infância Missionária e dos Leigos Missionários.

Anseios para o CAM 2—Comla 7

1. Que a Igreja da América Latina e de toda a América se torne, pelo diálogo, pela compaixão, pelo ardor missionário, pela solidariedade, a **Igreja dos pobres, misericordiosa, rosto da Trindade, escola e casa de comunhão**.

2. Que o ser Igreja na América Latina e em toda a América se molde sempre mais no espírito do **Concílio Ecumênico Vaticano II**.

3. Que se fortaleça a **ajuda fraterna** entre o norte e o sul do Continente Americano, na distribuição mais eqüitativa dos recursos humanos, materiais e econômicos, na prática efetiva da justiça e da caridade, como testemunho de comunhão contra todo espírito de dominação, de injustiça e de desigualdade.

4. Que o CAM 2—Comla 7 empenhe esforços para que surjam **novos centros de estudo de Missiologia** no Continente. Percebemos que nos últimos anos vem decrescendo o esforço para promover a reflexão teológico-pastoral sobre a Missão, o que representa um empobrecimento para a vida e a Missão de nossas Igrejas locais.

5. Que **os leigos, as famílias, os jovens e as crianças** sejam reconhecidos como sujeitos, e sejam formados para a Missão universal, e que se redimensionem as relações de gênero, para que a mulher tenha visibilidade e protagonismo reconhecidos pela Igreja.

6. Que se crie um projeto de **redes de comunicação** para a formação e informação missionárias em toda a Igreja no Continente.

7. Que as Igrejas da América se unam **aos povos indígenas e afro-americanos** pela garantia do seu direito à terra e à própria identidade, exigindo-se dos respectivos governos a imediata demarcação de todas as áreas indígenas e o encaminhamento da reforma agrária.

8. Que no CAM 2—Comla 7 sejam denunciados **os abusos do Império norte-americano** contra a soberania dos povos, a depredação da biodiversidade, a manipulação genética dos produtos transgênicos, o monopólio das patentes, a imposição da monocultura, a privatização dos mananciais de água doce e a militarização do Continente.

9. Que nos CAM—Comlas não se perca a **identidade** da Igreja latino-americana.

10. Que se aprofunde a compreensão do que significa ser Igreja no mundo de hoje, esforçando-se para chegar a **uma concepção mais ampla** e comum do papel missionário das Igrejas cristãs na sociedade contemporânea pós-moderna, pluralista e globalizada.

AGRADECIMENTOS

Obrigado pelas palmadas... Mas as palmas vamos deixar todas para o final dos agradecimentos.

Depois da “lavagem” que nós levamos aí com a palavra do Pe. Sávio, e de outras pessoas, nós vamos “por a viola no saco”, e voltar para casa, e rever muita coisa.

Mas eu quero deixar uma palavra de gratidão, não nominando pessoas: mas em instituições, etc., estão as pessoas, estamos todos nós.

Lembrem que na palavra de abertura desse Congresso eu falava que este não era um ponto de chegada, mas de partida, não só geográfico, pelo deslocamento, mas para as novas perspectivas, que já foram apontadas aí. Antes de partirmos a gente quer agradecer.

O 1º Congresso Missionário Nacional quer agradecer todos e cada uma, cada um de vocês, porque a realização dele dependeu de todos nós.

De modo especial quero agradecer a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; as Regiões Pastorais da CNBB; as Pontifícias Obras Missionárias; a Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil; sobretudo, o Regional de Belo Horizonte; o Comina — Conselho Missionário Nacional —; o CCM — Centro Cultural Missionário—; o Cimi — Conselho Indigenista Missionário —; a CatólicaNet, serviço de animação e divulgação; os Institutos e Congregações religiosas; as Paróquias e Casas Religiosas hospedeiras, que nos acolheram com tanto carinho; os convidados e assessores do nosso Congresso; a cobertura da imprensa missionária local e nacional; a assessoria de imprensa da Arquidiocese de Belo Horizonte; o Conselho Missionário Regional Leste 2 da CNBB; a Comunidade Missionária de Villaregia de Belo Horizonte; o Hospital Madre Teresa e o posto médico da Pontifícia Universidade Católica; o senhor Sérgio Cantini Nunes, autor da nossa logomarca; o Comidi — Conselho Missionário Diocesano/Arquidiocesano de Belo Horizonte, na pessoa do nosso querido irmão Pe. César Sarau; e todas as Equipes de Serviço deste Congresso: Equipe de Acolhida, Alimentação, Bem-Estar, Cerimonial, Credenciamento, Exposições, Hospedagem, Liturgia, Logística, Secretaria e Transporte; a Itiquira Turismo (as nossas bolsas, etc); a banda Fraternidade, que animou nossos cânticos; a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a PUC de Minas, e pedimos ao Prof. José Tarcísio Amorim, aqui presente, que transmita ao Magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Católica os mais sinceros e calorosos agradecimentos de todos os participantes do 1º Congresso Missionário Nacional; a Arquidiocese de Belo Horizonte, que já de longa data não mede esforços e não mediu esforços para sediar o nosso 1º Congresso Missionário Nacional; o Presidente de Honra do nosso Congresso, que depois, também, no momento oportuno agradecerá o Arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, Sua Eminência Dom Serafim Cardeal Fernandes de Araújo.

Pessoalmente quero agradecer todos os membros da Coordenação do Congresso: Dom Sérgio Castrini, Presidente de Honra; Ir. Maris Bolzan, Vice-Presidente; Pe. Estêvão Raschietti, Coordenador de Assessoria; Pe. José Maria Coelho da Silva, Secretário Executivo; e claro, cada um, cada uma de vocês congressistas, protagonistas desse Congresso. E todos os que anonimamente deram a sua parcela de contribuição, na oração, no silêncio, no sacrifício, na colaboração, na partilha, na solidariedade, muitas casas religiosas, muitas comunidades leigas, cristãs, estiveram unidas a nós na oração e na solidariedade. Queremos agradecer de coração a todos. E também a Paróquia São Gonçalo de Contagem, MG, que criou condições, sobretudo para a liturgia e as Celebrações de nosso Congresso. Por último, porque Ele é o primeiro, a Deus nosso Pai e Criador, Jesus Cristo nosso Irmão-Salvador, e ao Espírito Santo, Força e Consolador de nossos corações. E ainda, permitam-me mais um minuto, as instituições que colaboraram economicamente para a realização deste Congresso: Sociedade Congregação do Verbo Divino, de Minas Gerais; Congregação Filhas de Maria Auxiliadora, de São Paulo, SP; Conferência dos Religiosos do Brasil; Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, de São Paulo, SP; Instituto Irmãs Missionárias de Nossa Senhora Consolata, de São Paulo, SP; Irmãs Missionárias Combonianas;

Sociedade Instituto Missionário, de São Paulo, SP; Sociedade Feminina do Instituto de Caridade, de Campinas, SP; Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, de Santa Catarina; Missionários de Santo Antônio Maria Claret; Província Marista do Rio de Janeiro, com sede em Belo Horizonte; Sociedade Brasileira de Educação e Assistência, de São Paulo, SP; Sociedade Beneficente Missionária de Nossa Senhora da África, do Paraná; Sociedade Ensino e Beneficência, de São Paulo, SP; Congregação Missionária da Imaculada, de São Paulo, SP; Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos, de São Paulo, SP; Congregação e Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, do Paraná; Província Franciscana Imaculada Conceição do Brasil; Missionários Xaverianos, de São Paulo, SP; Missionários de Maria, Xaverianos do Sul; Pontifícias Obras Missionárias; e a vocês congressistas, pela sua colaboração na taxa de inscrição.

Muito obrigado a todos!

Que Deus nos abençoe!

Pe. Daniel Lagni
Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias (POM) no Brasil
Presidente Executivo do Congresso

PARTICIPANTES

	Já cadastrados	Aguardando a ficha
Centro-Oeste	25	1
Leste 1	21	1
Leste 2	59	3
Nordeste 1		4
Nordeste 2	14	1
Nordeste 3	25	
Nordeste 4		10
Nordeste 5	13	3
Noroeste	2	1
Norte 1	17	1
Norte 2	25	1
Oeste 1	15	
Oeste 2	8	
Sul 1	50	7
Sul 2	25	2
Sul 3	10	3
Sul 4	13	
Nacional	24	5
Totais parciais	346	43
	Total	389

**CONTRIBUÍRAM FINANCEIRAMENTE
PARA A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO**

Pontifícias Obras Missionárias — Brasília, DF
 Sociedade Congregação do Verbo Divino — Belo Horizonte, MG
 Conferência dos Religiosos do Brasil Nacional — Rio de Janeiro, RJ
 Instituto Irmãs Missionárias de Nossa Senhora Consoladora — São Paulo, SP
 Sociedade Instituto Missionário — São Paulo, SP
 Sociedade Feminina de Instrução e Caridade — Campinas, SP
 Missionários Xaverianos Brasil Sul — São Paulo, SP
 Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora — São Paulo, SP
 Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas — Joinville, SC
 Província Marista do Rio de Janeiro — Belo Horizonte, MG
 Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos — São Paulo, SP
 Congregação do Santíssimo Redentor — São Paulo, SP
 Missionárias Xaverianas Brasil Sul — São Paulo, SP
 Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição — São Paulo, SP
 Sociedade Brasileira de Educação e Assistência — São Paulo, SP
 Sociedade Ensino e Beneficência — São Paulo, SP
 Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus — Curitiba, PR
 Província Franciscana Imaculada Conceição do Brasil — São Paulo, SP
 Instituto das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria no Brasil — São Paulo, SP
 Irmãs Missionárias Combonianas — São Paulo, SP
 Sociedade Educação e Caridade — Porto Alegre, RS
 Congregação do Espírito Santo — São Paulo, SP
 Sociedade das Irmãs Divino Salvador — Lages, SC
 Missionárias de Santo Antônio Maria Claret — Londrina, PR
 Sociedade Beneficente Missionários de N.S. da África — Pinhais, PR
 Congregação das Missionárias da Imaculada — São Paulo, SP
 Irmãs Filhas de Maria Missionária

A iminente realização do 2º Congresso Missionário Americano (CAM 2—Comla 7) na Guatemala, de 25 a 30 de novembro deste ano de 2003, convocou as Igrejas locais a uma reflexão criativa sobre a sua própria missionariedade. Desta reflexão, certamente surgiriam novas contribuições para a caminhada missionária do Continente.

No Brasil, tratava-se de retomar a caminhada desde o 5º Congresso Missionário Latino-Americano (Comla 5 — Belo Horizonte, 1995), incentivando a articulação dos Conselhos Missionários em todas as dioceses, apontando horizontes de engajamento e de projetos missionários que brotassem da nossa “essência missionária”, tanto enfatizada pelo Concílio Vaticano II.

Para retomarmos a caminhada e articularmos melhor nosso “ser” com nosso “fazer” missionário, pensamos em realizar de um Congresso Missionário Nacional que pudesse representar uma ocasião de testemunhos, encontros, reflexões, partilhas e propostas entre os responsáveis pela dimensão missionária dos vários regionais, dioceses, organismos e instituições missionárias atuantes no país, em vista da celebração do CAM 2, na Guatemala.

O Conselho Missionário Nacional (Comina), depois ouvir as bases missionárias, achou importante, além da dimensão celebrativa e festiva do evento, resgatar memórias, testemunhar experiências, encarar desafios e lançar perspectivas de reflexão e de compromissos.

Toda a Igreja no Brasil foi convidada a se unir e participar do evento, senão pessoalmente, certamente com as orações, pelo bom êxito deste acontecimento tão significativo para o amadurecimento de nossa caminhada missionária.